

REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

N.º 18 — 30-4-49

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NESTE NÚMERO:

O CORTEJO HISTÓRICO
DOS CENTENÁRIOS NA
BAHIA



ANA MARLY, A CANTORA DA RESISTÊNCIA

A VOZ QUE É A PRÓPRIA FRANÇA CANTANDO PARA O MUNDO, CONQUISTOU A SIMPATIA DOS BRASILEIROS ★ ONDE A BELEZA E A TERNURA DAS CANÇÕES GAULESAS ALEVANTA O ÂNIMO DOS "MAQUIS"

De Armando MIGUEIS

Nos dias tenebrosos da França, quando as forças segregadoras do nazismo procuravam levar a grande nação gaulesa ao caos, a graça e beleza de Ana Marly aliadas à doçura de sua voz, e ao seu talento de compositora inspirada, fizeram despertar o ânimo dos venturosos e não deixaram quebrantar-se o moral dos in-

trepidos "maquis". Onde chegasse a maioria da de uma canção francesa, interpretada por essa destemida artista, um mundo de esperanças desabrochava. Ela encarnava esse espírito combativo que caracteriza os compatriotas de Charles de Gaulle. E, tamanha foi sua contribuição à causa pela libertação da "Douce France",

que os mesmos elementos que levantaram barricadas às bordas nazistas; que destruíram o iníquo poderio e cruel; que não pouparam aqueles que mancharam de sangue inocente o solo gaules; lhe deram o honroso "elogio" de "Cantora da Resistência". Sim, porque Ana Marly fez da bonita voz que possui, a arma de combate aos ferozes e traiçoeiros boches. Cantando as doces e ternas melodias francesas, quando mais acesa lá a luta, ela contribuía para elevar o ânimo de seus compatriotas, incutindo-lhes coragem para expulsar do solo pátrio as tropas inimigas. Quantas vezes, nas horas do "sangue, suor e lágrimas", ela trouxe com sua interpretação personalíssima, o incentivo necessário aos que combatiam, conclamando-os a prosseguir na luta, uma vez que o dia da libertação se aproximava.

Esta, finalmente, chegou!

Nova missão se lhe apresentava. Era preciso mostrar aos povos amigos, que a França não sucumbira. Contar-lhes a história, com suas canções brejeiras, seus números musicais, suas ternas e suaves melodias. Ana Marly, deixando a pátria liberta, buscou novas terras, a fim de mostrar a beleza e o encanto do canção francês, que ela conhece melhor do que ninguém. E, seu primeiro ponto de destino foi o Brasil, a terra de que tanto lhe falava Beatriz Reynal, nos primeiros versos que escreveu. Mas ao pisar o solo brasileiro, uma surpresa lhe estava reservada. A "Cantora da Resistência" sentiu-se atraída pelo "broadway" carioca. E, que fato, conhecedor de seu mérito artístico, a desejou participando de seu convívio.

Cantora, que se acompanha ao violão, além de intérprete de suas próprias melodias, Ana Marly constituiria, como constituía, uma das grandes atrações internacionais. Por isso, a Rádio Globo não hesitou em proporcionar-lhe o ensejo desejado de apresentar-se ao público ouvinte do Brasil. Desde então, aquela que viu a noite trevesa baixar sobre a França, que ajudou a libertação do jugo nazista, teve seu primeiro contacto com o público da nossa terra. Foi uma temporada das mais brilhantes de que se tem memória em nosso "broadway", só igualada a que Lucienne Boyer levou a efeito. Mas, quando Ana Marly despediu-se de nosso povo, uma nuvem de tristeza baixou sobre seus olhos. Por isso, quando a Rádio Globo voltou a anunciá-la em sua programação de estúdio, não foram poucas as que se congratularam com a direção dessa popular emissora. Conhecedores de seu mérito, apreciadores de sua arte e admiradores de sua voz, osintonizadores da emissora dos 1.180 quilômetros continuam a aplaudir as audições dessa grande artista, a quem os franceses, em tão boa hora, cognominaram "Cantora da Resistência". É que na voz de Ana Marly, sentiamos não só a beleza das composições de terra de Maurice Chevalier, como notamos a grandiosidade desse povo heróico e amigo, ao qual nos achamos ligados pelos mais estreitos laços de amizade.



O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO DA BAHIA

HA, na Bahia, dois cultos tradicionais: o do Senhor do Bonfim e o da Medicina. Terra de esculápios, a sua Faculdade é um momento psicológico da alma coletiva. Sem embargo de possuir outras notáveis escolas, aquela é a menina dos olhos dos baianos — e, até, a sua mesma riqueza e opulência material o prova. Ao chegar a Salvador, em 1916, quase menino, ainda, ali achei uma plêiade de mestres cujos nomes eram outros tantos títulos de glória para a faculdade ilustre: os Prado Valadares, os Aristides Novis, os Carrascosa, os Clementino Fraga, os Alvaro de Carvalho, os Euvaldo Diniz, os Egas Muniz Barreto de Aragão, os Couto Maia — uns moços, outros velhos, todos, porém, peritos na sua arte e completos na sua cátedra. Afrânio Peixoto, honra e lustre da literatura médica baiana, já viera para o Rio, onde a publicação da "Higiene" o tornara familiar a todos os estudantes de Medicina daquela e de outras faculdades congêneres, do Brasil.

A Bahia esplendia no ardor das lides acadêmicas, realizando as escolas superiores uma política salutar de emulação e trabalho. Todos confraternizavam nas "repúblicas", ou seja, naqueles lares provisórios em que só viviam rapazes, mas eram, por vezes, modelos de ordem doméstica, disciplina orçamentária e poupança nos gastos da comunidade. Em andares superiores de velhos edifícios urbanos, os estudantes montavam as suas residências, cujos quartos eram simples divisões de madeira — limites jurídicos que o espírito de camaradagem juvenil ciosamente respeitava e defendia. Nessas "repúblicas" — cuja perfeição social, embora não atingisse a de Platão, era, já, todavia, um exemplo para as comunidades de nações — os moços estudavam, brincavam, recebendo, pelas festas de junho, as mais cativantes provas de simpatia da sociedade baiana, expressas em bandejas ricas de vinho fino, frutas e a famosa "cangica" regional — verdadeira ambrosia dos deuses nacionais...

A nossa demorava numa esquina feliz da rua de S. Bento — bairro elegante, uma espécie de Botafogo da Salvador de há 30 anos. Dali vimos a agitação política que salteou certa fase do governo Antônio Moniz; dali assistimos à chegada de um famoso tribuno uruguaio, Baltasar Brum, a cuja palavra colorida respondeu o verbo ardente de Lemos Brito, então uma juventude audaz; dali vimos o progresso vir chegando, manso e manso, à terra de Castro Alves, onde nada menos de três pestes — a febre amarela, a bubônica e a varíola — faziam morada permanente, em contraposição com os ensinamentos de higiene que nos facultava, na Faculdade, o velho e pinturesco professor Cotias... Os ratos, portadores agílimos da peste negra, fruïam o nosso convívio no velho sobrado onde vivíamos — e onde haveria de morrer, fulminado por aquela implacável infecção, um quintanista de Direito, piauiense, nosso companheiro e amigo. Em baixo, um espanhol mercenário vendia víveres em meio da mais condenável sujeira de que há memória na crônica da mercância mundial... Os passatempos dos estudantes eram, além do namoro com as moças convizinhas, certos passeios à Barra, de violão em punho, sob o doce céu da Bahia e ante os olhos complacentes da mais humanitária polícia da terra... Tão humanitária era ela que deixava mudarem-se os rapazes, com os móveis às costas, na calada das noites e... totalmente despidos. Nunca pude averiguar se a ausência absoluta de traie era, para os rapazes em mudança, imposição da higiene, em noites cálidas, ou simples artifício hábil, que visava afugentar bisbilhotices e comentários alheios... Apesar desses hábitos quase selvagens, os moços estudantes eram honrados, frequentemente, por convites de famílias notáveis para tomarem parte em festas íntimas... Daí nasciam noivados falazes, que não iam, quase sempre, além do dia da formatura dos noivos. Estes partiam, então, para suas províncias, prometendo voltar em determinado mês de um ano nunca especificado ao certo...

O boa e generosa família baiana, o que sofrestes com esses noivados sem futuro e o que tendes perdoado à juventude das escolas — tal como as de Coimbra e Salamanca, onde quer que haja moços de alma ardente, desprevenidos das ferozes imposições da vida real!

Ao celebrar-se o quarto centenário da cidade de Antônio Vieira, justo é que celebremos essa feição admirável da gente baiana, porventura a mais acolhedora, compreensiva e humana de quantas formam a comunidade brasileira.

Sem eloquência para lhe exaltar as virtudes, nem tempo para lhe rever os muros históricos, aqui deixo, em honra da capital universitária do Brasil, a lágrima de saudade que lhe devo há 30 anos — em cujo decurso a imagem das suas ruas, das suas igrejas e das suas moças me tem feito pulsar o coração, muita vez, num doce movimento de aratidão e de amor. Oxalá viva a Bahia mais outros 400 anos de paz e tradição domésticas — fulgindo, não como capital política do Brasil, mas como uma cidade santa, onde a presença do Senhor do Bonfim explica todas as excelências e autoriza todos os milagres!

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

O espírito universitário da Bahia (Berilo Neves)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	54

REPORTAGENS

A rainha da "M ^l -Carême"	4/ 5
Encontram-se os "reis do pampo"	15/18
A parada dos séculos (Adalberto Mendes) ..	26/35

LITERATURA

Terra de S. Salvador (Martins d'Alvarez) ..	6
Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	14

NOVELA

Meu primeiro amor (Helène)	7
----------------------------------	---

CARICATURA

Bom humor	11
Procura-se um candidato	39
O mundo manca e a mula murcha	48

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Noite	20/21
Detalhes e novidades	23
Lua de mel no campo	24
Noiva	25
Os primeiros vestidos de lã	38
O amor é assim	38
Depois das cinco	40/41
Preto e simples	43
Mães e filhos	43
Pijamas	44
A ginástica	45
Week-end na cozinha	45

CONTOS

As flores de papel (Lília de Barros)	22
Lola (Ilmar Carvalho)	42

BIOGRAFIA

A vida de Agassiz	46
-------------------------	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	47
---	----

TEATRO (José Fomm)

.....	49
-------	----

MÚSICA

György Sándor	50
---------------------	----

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)

.....	51
-------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	52
--	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

CINEMA

Cine-Pevita	56/57
-------------------	-------

RADIO

Broadcast	58
-----------------	----

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Ribeiro	
Osvaldo da Cunha	
Orlando Matos	

NOSSA CAPA

Lana Turner, a louíssima "estrêla" da Metro-Goldwyn-Mayer, foi a escolhida para a nossa capa do presente número. Desde os tempos de "O mundo é um teatro", miss Turner vem se firmando cada vez mais no ambiente cinematográfico de Hollywood. Breve teremos mais um magnífico trabalho seu, em "Os três mosqueteiros", ao lado de Gene Kelly, Van Heflin e Gig Young.

(Foto M.G.M.)





A Rainha da "Mi-Carême" de 1949, Sta. Maria Gracinda Teixeira, em companhia das mais Princesas eleitas. A Municipalidade do Rio de Janeiro fez reviver esse tradicional festejo dos povos cristãos, que remonta ao século IX



Um aspecto tomado por ocasião do baile promovido pela A. C. C. nos salões do "High Life", após a coroação da Rainha da "Mi-Carême"

A RAINHA DA "MI-CARÊME"

Reportagem de A. VIEIRA

REALIZOU-SE, em dias da semana passada, a festa da coroação da Rainha da "Mi-Carême", após um desfile solene, em carros alegóricos, pelas ruas desta Capital, de que participaram a Rainha eleita e as doze Princesas formando um séquito magnífico de graça e esplendor.

O espetáculo festivo contou com o apoio da Municipalidade do Rio de Janeiro, cabendo ao Prefeito Gen. Ângelo Mendes de Moraes fazer reviver, como já fizera no ano passado, a festa tradicional.

Convém rememorar, para esclarecimento de muitos o verdadeiro significado da "Mi-Carême", sua origem e propósitos, segundo nos relata a História do Cristianismo.

Anna Perenna — a quem muitos historiadores consideram irmã de Elissar Diden (a fundadora de Cartago) — consoante a Lenda, teria abandonado aquela cidade do Norte da África, no século IX, fugindo à perseguição de Jarbas, e se internado no norte da Itália. Roida de ciúme, provocado por sua rival Lavinia, Anna, alucinada, se precipita nas águas do Numicius, vindo a se transformar em Ninfa. Por ocasião das peregrinações dos fiéis ao Monte Sagrado, Anna Perenna aparecia aos Cristãos, distribuindo-lhes suprlmentos de pão e vinho. Os romanos, em agradecimento, lhe ergueram o primeiro Templo e instituíram, em sua honra solenes festejos que se devíam celebrar religiosamente nos idos de março.

Através dos séculos, tradicionalmente, esse costume se propagou, coincidindo a sua realização com a época do Jejum da Quaresma dos povos Cristãos. Daí a denominação de "Mi-Carême" (Meia-Quaresma, do francês) — que era justamente o dia escolhido, no meio do período

da Quaresma, para a "quebra-do-jejum", quando então os povos Cristãos — contando para isso com a tolerância da própria Igreja (que via nessas homenagens uma fuga perfeitamente consentânea para o longo período de abstinência ordenada aos fiéis) — organizavam passeatas pelas ruas das vilas e cidades procedendo-se, nessas ocasiões, à eleição de um Rei e de uma Rainha da "Mi-Carême".

Embora o relato desses acontecimentos ainda constitua ponto controvertido da História, é aceito por muitos historiadores, que viram nos festejos realizados com grande pompa em meados do século XV, um reviver das solenidades instituídas pelos antigos romanos em honra de Anna Perenna.

A cerimônia da coroação da Rainha da "Mi-Carême" de 1949, na pessoa da graciosa Senhorita Maria Gracinda Teixeira, teve lugar nos salões do "High Life" durante o baile promovido pela Associação dos Cronistas Carnavalescos do Rio de Janeiro.

A Rainha Maria Gracinda e as doze Princesas eleitas desfilaram, em artísticos carros alegóricos, pelas principais vias desta Metrópole. Ao entrar na Avenida B. Branco foram as participantes do luminoso cortejo vivamente aplaudidas pela multidão que se comprimiu naquele logradouro público.

Abriu o desfile uma comissão de frente, composta de Diretores do Clube do Arsenal de Marinha e um grupo de batedores com motocicletas. Logo após, os carros da Rainha e os das Princesas, e uma última alegoria encerraram o cortejo.



A' esquerda: 15.000 cruzelros foi quanto recebeu a Rainha, donativo feito pela Municipalidade. Eis aí Maria Gracinda exibindo o cheque. A' direita: Sr. Minachehp Masani e Sra. Shakuntala Masani, Embaixador e Embaixatriz da Índia no Brasil SS. Exaís também assistiram à cerimônia da coroação de Maria Gracinda



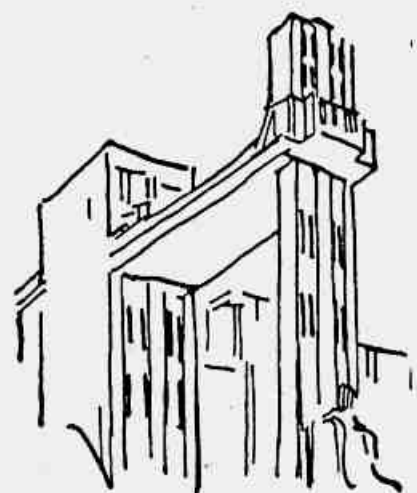
A Rainha da "Mi-Carême" — Srta. Maria Gracinha Teixeira — após a coroação, com a miniatura de "Venus" oferta de seus admiradores

TERRA DE SÃO SALVADOR

CRÔNICA EM VERSOS

POR MARTINS D'ALVAREZ

Você já foi à Bahia?
Se não foi, amigo, vá!...
Vá ver a pátria do Samba,
o reino de Yemanjá...
Salte na praia morena
onde Cabral apertou...
Olhe, abra a boca e se fique,
como ficou o Cacique,
no dia em que Frei Henrique
nossa terra batizou.



Depois, se tem boas pernas,
vá para a Cidade Alta,
subindo as mesmas ladeiras
que Castro Alves subiu,
vendo as famosas "repúblicas"
da estudiantada de outrora,
que há muito se foi embora
com o romantismo partiu.



Cidade Alta! Não pare,
vá direto à rua Chile,
— vitrinas, bares, desfile
do granfinismo da terra.
Mas, isso de hotéis gigantes,
cinemas, alto-falantes,
pares janotas, galantes,
nada da Bahia encerra.

E' essa a musa gostota,
mulata velha dengosa,
muito sonsa e muito prosa,
que ora apresento a você!
Que almoça lá no Mercado,
com vinho-linto gelado,
um vatapá preparado
com bem pimenta e dendê.



Ande, respire a poesia
que o panorama ilumina:
— Saveiros, Farol da Barra,
Cais Dourado, Amaralina...
Veja tudo e se concentre
nesta doçura marinha;
e diga, sinceramente,
se depois você não sente
a exaltação eloquente
de Pero Vaz de Caminha.



Mulata que arranja tudo
com o Meu Senhor do Bomfim,
que tange o diabo de casa
com perfume de alecrim...
Que é devota de verdade
mas, quando cisma de amar,
tem aries, ninguém se iluda,
toma um raminho de arruda,
benze o gajo e o gajo gruda,
que só Deus pode apartar!



Mas, se não quer ter trabalho
ou sofre de reumatismo
não se entregue ao pessimismo,
que pode subir sentado.
De taxi, não, que isto é feio,
tome o Elevador Lacerda...
E se quiser mais poesia,
suba de Piano Inclinado.

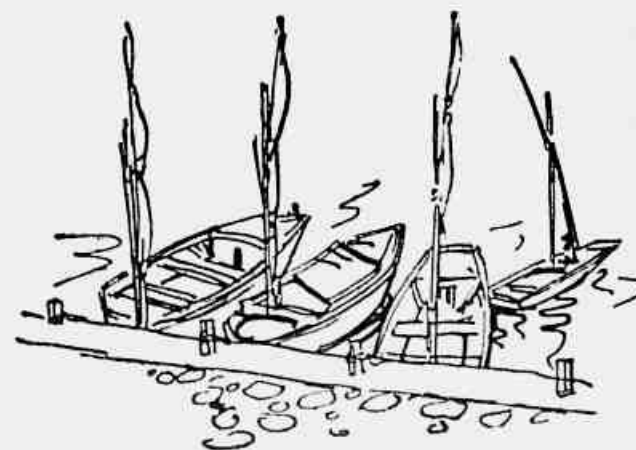
A Bahia que estimamos,
mora juntinho ao Terreiro,
fica de Monte Serrat
à Baixa do Sapateiro,
anda de torso e chinelo,
brinca no Largo da Sé,
chupa roletes de cana,
da boa cana-caiana,
come os quindins da baiana.
— carurú e acarajé!



Aqui é a Cidade Baixa:
— comércio, quinquilharias,
crioulas em cada bico,
moleques em cada esquina...
Alí, secos e molhados...
E acolá, encadernados,
pensamentos ensebados:
— Livraria Catilina!



Mulata filha de um sonho
que teve Nosso Senhor,
após fazer o universo,
no dia em que descansou...
E que, depois de criada,
agradou tanto ao Criador
que Ele de uma só penada
com letra bem caprichada,
escreveu sobre a fachada
Terra de São Salvador.



Desenhos de ALBERTO LIMA

MEU PRIMEIRO AMOR

P O R H E L È N E

Meus pais me educaram sob o regime de uma disciplina severa. Era eu imbuída de princípios de moral e de religião. Minha educação escolar, num colégio dirigido por freiras não fez mais que confirmar e consolidar a educação que recebi em meu lar. Foi num ambiente assim que cheguei aos meus dezoito anos de idade.

Esses marcos de minha vida teriam, naturalmente, que predispor-me para um casamento vulgar na sociedade em que estava eu sendo educada: — união de duas famílias do mesmo nível, do mesmo ambiente. E então minha vida correria dentro das regras comuns daquela em que viveu minha mãe, da mesma forma em que viveu minha avó, e assim sempre...

Mas... ai! O inesperado desaparecimento de meu pai quebrou todas estas cadeias de minha existência e modificou o meu destino.

Precisava agora ganhar a vida. Pela recomendação de um amigo de meu pai, entrei para o serviço do Ministério da Produção Industrial. Fui trabalhar como secretária de um chefe de departamento chamado Georges Morant.

Adquiri grande admiração pelo homem com quem trabalhava. A idéia que sempre tive do que poderia ser um funcionário burocrático comum, mudou por completo. Meu chefe se me apresentava como um homem perfeito. As suas qualidades intelectuais juntava ainda as qualidades físicas. Possuía traços finos e regulares, tez morena, cabelos e olhos negros. Alto, de ar jovial apesar de seus quarenta anos, tinha, entretanto, um certo "quê" de distinto que lhe dava o maior respeito. Quando seus lábios se entreabriam para dar uma ordem imperativa ou amável, sentia-se que era a voz de um homem cativante e todo mundo o olhava como sendo uma espécie de pessoa cheia de simpatia. Ele conseguia magnetizar os que viviam ao redor de si.

Dêsde logo me senti ao seu lado como uma criatura frágil, sem qualquer defesa. Longe de reagir contra essa fraqueza, cada vez mais me entregava a esse estado de inércia, abstraindo de minha personalidade. Minha vontade reduzida a zero, levou-me a tornar-me, não sua auxiliar, sua secretária; mas sua escrava, executando cegamente tudo o que ele me ordenava, aprovando sem qualquer discussão tudo o que ele dizia sempre que conversava comigo, mesmo sobre assuntos que nada tinham a ver com o serviço do Ministério. E quando ele alterava a voz em virtude de alguma contrariedade, eu tremia de emoção, não por temer represálias administrativas, mas surpreendida de me ver assim cativa, de já não mais possuir essa vontade instintiva e elementar, que me teria dado o direito de tornar-me igual a ele.

Dentro em breve comeci a perceber que eu já não estava ali pelo prazer do trabalho, mas pelo homem a quem servia.

Certa vez ele se ausentou; estive fora durante duas semanas. Eu fiquei impaciente a esperar sua volta. Experimentava uma espécie de langor ao final de cada dia de espera, naquela solidão, a pensar que a hora de seu regresso se aproximava.

Mau grado a severa educação que eu recebera, estava certa de que não poderia lutar seriamente pela paixão que sentia aumentar cada vez mais em meu ser.

Todas as minhas emoções se acentuavam quando eu estava em sua presença. Aquêlê nervosismo intenso não podia passar despercebido dêle. E chegou o dia em que ele também se sentiu com direito de dirigir-me um galanteio, aumentando excessivamente minha simpatia.

— Minha linda Yvette, eu acho você adorável...

Vi em seus lábios um sorriso singular. Não fui capaz de manter-me calma, e baixe as pálpebras. A ingenua que ele julgou ter diante de si, nada mais era, naquele instante, do que uma jovem desejosa de pertencer ao ente a quem amava ardentemente.

Tomou-me a cabeça entre suas mãos quentes, ergueu-a e me perguntou amavelmente:

— Porque está a tremer, Yvette? — E me fitou com os seus olhos indagadores.

No paroxismo da emoção, parecia que todo o sangue me vinha às faces e desateli a chorar. Havia resistido durante muito tempo a essa crise de choro, e agora dava vazão às minhas lágrimas. Deixei reclinar minha cabeça sobre seu peito afim de esconder meu rosto naquela situação

de causar pena. Alegria, paixão, dor, tudo se confundia naquela crise nervosa. Foi, apesar disso, um instante delicioso, inesperado... Momento misterioso esse, em que o coração de uma jovem se transforma num coração de mulher. Minuto inolvidável, durante o qual me pareceu impossível conceber que o homem a quem eu amava em silêncio, correspondesse àquêlê amor. Espasmos indescritíveis prolongaram, em seguida, meus soluços.

Mr. Morant acariciava ternamente meus cabelos que caíam em flocos de seus dedos sobre minha nuca e minhas fronteiras caldas pela emoção. Ele me apertava entre seus braços, contra o peito, e eu me sentia dentro da maior ventura imaginável.

— Não é preciso chorar, minha querida Yvette, repeta ele com extrema doçura.

Essas palavras tinham o mesmo efeito de suas carícias. Elas me elevavam a alturas de sonhos inatingíveis, e eu sentia o seu hálito afoguear-me ainda mais o rosto. Abracei-o, ternamente, muito feliz

com quem dividira os dias de sua vida, não acalmara a violência de minha paixão, nem tão pouco me abriu os olhos. Senti mesmo vontade de dar-lhe o amor de que estava privado com a mulher a quem desposara. Desejosa de lhe proporcionar o máximo de felicidade, passei a prodigalizar-lhe mil gentilezas, a dedicar-lhe toda a ternura de minha alma tão jovem. Todas as minhas palavras, todas as minhas ações testemunhavam minha sinceridade. Ele soube corresponder à minha dedicação, compensar meu amor, elogiando-me a beleza, os meus cabelos, a expressão langorosa de meu semblante, meu rosto, meus lábios, meus olhos, meu talhe esbelto e elegante, minhas formas esculturais, aumentando meu orgulho feminino, minha vaidade de moça...

— Eu te amo, minha querida... eu te amo. És a única mulher que já soube dar-me o prazer de amar com pureza e lealdade tão necessária ao amor...

Apertava-me contra o peito e, quase



e a sofrer, como se estivesse embriagada por alguma bebida insolita, desconhecida absolutamente para mim, pois eu estava sob o efeito de um sentimento novo.

Ignorando tudo o que dizia respeito ao "flirt" e aos prazeres de amores sem consequência, a jovem pura que eu era, bruscamente, brutalmente, estava a conhecer a revelação do amor...

Cega pela paixão, não procurei prevenir qualquer complicação que isso me iria trazer, na certa.

E eu sabia que Georges Morant era casado e pai de família.

Que me importaria a situação dêsse homem se representava para mim o homem ideal? Nada poderia mais refrear essa paixão. Levantei-me contra a educação estúpida que os meus pais me haviam dado.

Georges passou depois a falar-me de sua esposa. Essa mulher era, para ele, uma criatura irascível, negligente em seu lar, indiferente à educação dos filhos. Nenhuma harmonia existia já entre os dois esposos, e ele precisava de ternura e de amor. Uma tonelada de defeitos e de vícios desabou em poucas horas sobre a mulher.

Essa maneira de deprimir aquela a quem ele tinha oferecido sua mão de esposo e

sempre nos sentávamos um ao pé do outro em seu "bureau". Suas carícias me entonteciam e eu sentia com imenso enlevo sua respiração ofegante quando me beijava os cabelos.

Eu me sentia como que a desmaiar de emoção. Cerrava os olhos e começava a sonhar como se estivesse a transportar-me para um mundo indefinível. E na penumbra daquele dia expirante, nenhuma resistência lhe ofereci, como se ele fosse o meu senhor absoluto e eu sua escrava indefesa.

Cai depois no mais amargurado estado de depressão. Essa paixão que, no seu início impetuoso havia enchido de encanto os meus dias e ocupado minhas horas de insônia, não foi mais, daí por diante, que uma série de tormentos e inquietações. Eu me censurava, a mim mesma, pela fraqueza que me dominou e contra o que não soube resistir. Não seria essa falta de vontade, mais para diante, a causa principal de uma desgraça, a fonte de uma catástrofe imprevista? Aquêlê idílio não passava, evidentemente, de uma falta minha e dele, um crime perante a lei e perante Deus, sendo eu, de tudo isso a maior responsável, pois que não tivera energia bastante para defender-me de um

abismo provocado por mim mesma, a maior vítima...

Nos meus tormentosos pensamentos já nem mais sabia o que resolver, o que desejar...

Por momentos eu me revoltava contra mim própria, com a idéia de ter arrancado de seu lar um homem a quem uma esposa devia amar, privando os seus filhos de proteção e de seu apoio paternal. Noutros momentos eu raciocinava não ser possível continuar ao lado de George, mantendo uma situação falsa, apesar de nos amarmos mutuamente, porquanto tudo aquilo era insubsistente, não passando de uma vulgaríssima aventura de amor sem finalidade... Esse homem tornava sua família a mais desgraçada possível pela indiferença com que a tratava. E nós, nós dois que poderíamos ser felizes, nunca o seríamos, pois vivíamos a nos martirizar da mesma forma. Assim, — raciocinava eu — já que teria que haver prejudicados nessa aventura, que não fossemos nós as vítimas, e ele poderia muito bem divorciar-se da esposa e contrair nupcias comigo.

Esmagada entre minha iniquidade insolente e minha vergonha, só nas lágrimas encontrava consolação e chorava em silêncio, evitando de toda forma desvendar perante minha mãe o segredo que me afligia.

Pobre mamãe! Parece que ainda a vejo lançar-me um olhar furtivo como que pretendendo desvendar o meu mutismo, meu aspecto inquietante.

Na sua bondade de mãe, pensou que eu estivesse neurastênica. Jogou para cima dêsse distúrbio nervoso o mal secreto que tanto me atormentava. E procurou curar-me com os seus conselhos. Pouco a pouco foi mamãe renovando nossas antigas relações, e passamos a manter as velhas visitas dominicais.

— Domingos vamos à casa de Dubreuil, disse-me um dia. Você sabe que o filho dele acaba de sair da Escola Central. É um rapaz de futuro, e creio que os seus pais não lhe procurem um dote e sim uma jovem...

Eu a interrompi bruscamente:

— Detesto Gaston, mamãe... É inútil que me fale dele mais longamente...

Mamãe silenciou desapontada. Não podendo perceber o mistério de minha arrogância, nada mais me disse; porém, diante do seu estado, julguei que manter tal procedimento era o mesmo que arruinar-lhe a saúde.

Fiz um esforço voluntário e heróico e tentei romper com George. Mas qual! Ele era meu chefe. Por melhores que fossem meus argumentos, ele poderia destruí-los com facilidade. Além disso, eu adorava George. Ele conhecia todos os estratagemas da sedução. Sem dúvida não seria eu a sua primeira vítima; mas, ao fogo de minha paixão, eu pensava que tivesse sido eu a primeira que o houvesse fascinado.

— Antes de ter-te em meus braços, o amor me era desconhecido! — murmurava ele olhando-me fixamente.

E eu acreditava naquela confissão.

Nossa ligação terminou por tornar-se uma fatalidade, uma coisa natural, e nossos encontros clandestinos tomaram aspectos rotineiros, normais. Minha aventura passou a ter para mim a significação de um incidente na vida sentimental. Relembrava-me da vida das grandes amoras da História, tornadas imortais, enquanto as esposas legítimas ficavam sob a prova daquêlê obscurcimento sublimado...

Essas reminiscências me consolavam. Por outro lado ouvia sempre George dizer que iria divorciar-se brevemente. Não desejava outra coisa que tornar-se livre para regularizar nossa situação. Numa tarde de primavera ele me convidou para irmos à Ópera. Nunca havíamos saído juntos à noite, e eu sempre pretextava não poder deixar minha mãe sozinha em casa, depois do jantar.

Mas aquela vez eu não pude resistir às súplicas e prometi que iria esperá-lo à entrada do teatro. Ele me havia rogado tanto...

No próprio instante em que ia sair, um estafeta dos telégrafos me entrega um telegrama.

Lancei um rápido olhar à assinatura daquela mensagem e li: Mme. Morant!

"Mademoiselle; não zombe de uma esposa indulgente que nada ignora de suas relações com George. A cruel atitude que

(Continua na pág. 54)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

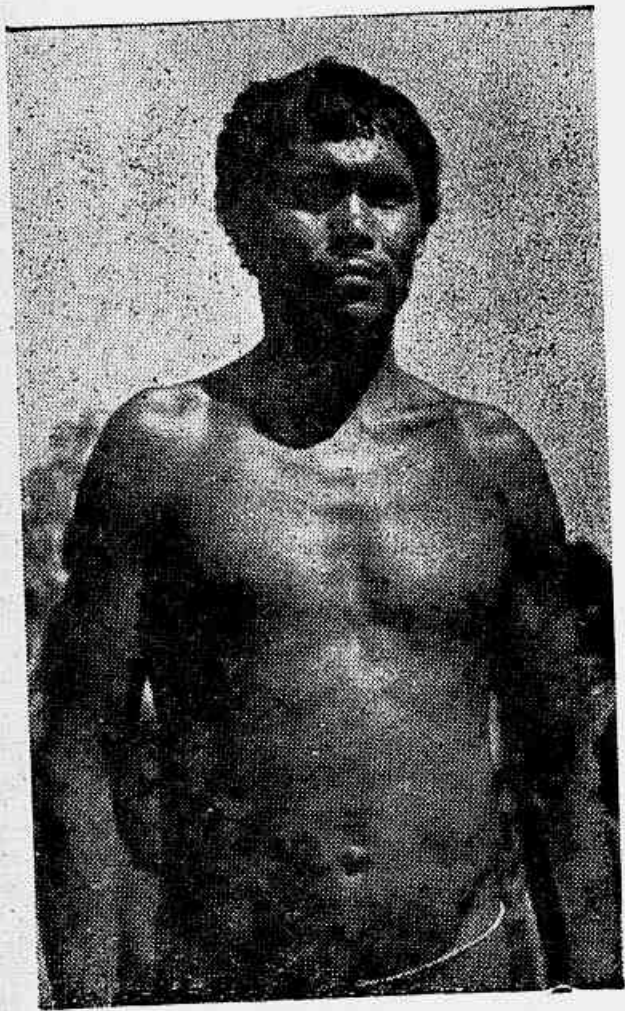


Quem se dedica a estudos de nossa evolução histórica, diante dos documentos etnográficos exibidos em nossos Museus, chega à conclusão de que o índio brasileiro, se bem que não possuísse ao tempo do descobrimento, um nível de civilização da proeminência dos povos incas, era dotado, sem dúvida alguma, de sentimentos da maior beleza moral. Monógamos, não antropófagos, com rudimentos de leis de guerra, os índios brasileiros do grande ramo guaraní, sub-dividido em mais de cem tribos espalhadas por toda a costa e pelo oeste brasileiro, deram à imensa extensão territorial de nossa pátria, sem nenhum conhecimento do tratado de Tordesilhas, impressionante unidade linguística.

Quando os primeiros colonizadores, meio século após o descobrimento, vieram, de fato, tomar conta da terra de Santa Cruz, só passaram a ser hostilizados quando se adotou nestas terras da liberdade o excreando processo da escravidão.

O índio é como a própria alma de libertação. Não suporta o trabalho escravo. Revolta-se e promove a revolta dos seus amigos.

Tem, porém, uma grande alma compassiva e tolerante. Desconfiado como todo



Indivíduo sem cultura e cheio de superstições recebidas através da tradição dos pagés, o filho das selvas brasileiras só se tornava vingativo quando achava que o precedimento dos conquistadores brancos se afastava dos preceitos morais de sua gente pura e ainda liberta dos defeitos do homem civilizado.

Os fatos horripilantes que se passaram durante os primeiros tempos da conquista "civilizadora" dentro da terra recém-descoberta, como aquele da morte do primeiro bispo do Brasil às margens do S. Francisco, à altura da praia do Peba, em Alagoas, são apenas a resultante da desconfiança do selvagem em face da invasão estrangeira. O "guaraciaba" de cabelos louros era-lhe uma personagem estranha; mas só lhes dava guerra quando os exemplos de crueldade dos brancos contra eles lhes orientavam a reação.

No geral, as tribos colaboravam com os povoadores. Exemplos de dedicação e de amor, sobram em nossa História. Moema, na Bahia, é uma página imortal de abnegação.

Na semana que passou, dedicou o nosso país sete dias ao índio. Esta REVISTA adere inteiramente às comemorações e apresenta o índio brasileiro como a Personagem da Semana

E O MACACO GANHOU!

A instituição do apartamento, se trouxe uma vantagem, que é a de proporcionar moradia mais perto dos locais de trabalho, por outro lado trouxe grande cópia de inconveniências, mudando mesmo o caráter dos indivíduos perante a família e a sociedade. Morar em sua casa, com um jardimzinho catita à frente; possuir um quintal com árvores frutíferas, um galinheiro para ovos frescos; poder plantar sua pequena rocinha de milho ao cair das chuvas de fim de ano, sempre foi o sonho de todos nós. E as crianças? Vêr os filhos a brincar ao sol, fazendo castelos de areia no terreiro ou no quintal, empinando papagaio, enlêvo sempre foi de todo pai de família. Com o apartamento nesses hediondos arranha-céus de luz e sem ar, as crianças vivem tristes, melancólicas; as mães adquirem complexos de "comportamento" e pisam de maninho, não se alveja o rádio, não se fala alto, não se pode trazer meninos. Um regulamento geral é uma ordem severa e coercitiva. Não se vive no edifício. Obedece-se. O caráter do morador passa a receber influências estranhas. As crianças (quando permitidas!), não riem, não brincam, não divertem. São prisioneiras de um castelo medieval sitiado pelo inimigo vigilante. E agora surge um episódio novo. Um senhorio quis despejar um inquilino pelo fato de ele possuir um saguim! O Juiz da 10.^a Vara Civil mandou buscar o mico. Observou-o e não achou nada que pudesse justificar aquelas razões de proprietário. E o inquilino foi mantido no apartamento com o seu macaquinho esperto e engraçado. Depois, porém, é que se descobriu o motivo da ação: queriam alugar o apartamento a quem dava mais... Porém, macaco é bicho sabido e não meteu mão em combuca.

IDADE DA FAVELA

A evolução humana, historicamente, se divide em idades. Da pedra lascada (neolítica), da polida (paleolítica), do ferro, do bronze, do ouro, etc., conforme seus avanços na direção da cultura, da indústria, da civilização. Mas a vida humana tem aspectos paradoxais e surpreendentes. Ao lado da idade atômica, surge outra: a idade das favelas. O máximo surto científico, paralelamente ao mais degradante aspecto de sujeira urbana. A favela só devia existir em aglomerados humanos de baixo nível social. Compreende-se entre povos incultos, pauperizados, vivendo em recantos longínquos, fora dos caminhos da civilização. Mas não é isso que se observa. No Brasil, é a favela uma fatalidade de todas as suas maiores e mais cultas cidades. O Rio bate todos os "records". Nos morros centrais, bairros elegantes e opulentos das praias do sul, nos subúrbios, nas zonas rurais, ao lado de avenidas asfaltadas, por todos os cantos a favela abrolha como flor da decadência e da pobreza de um povo. Mas, meus amigos, consolo é... Em Washington, a moderníssima e bela capital dos Estados Unidos da América do Norte, também há favelas, uma "praga horrível", como foram classificadas as "choças asquerosas" pelo senador Paul H. Douglas. Como alguns dos congressistas não acreditavam que em Washington houvesse favelas, ele promoveu uma visita às mesmas. Cinco legisladores foram até lá, dirigidos pelo senador Douglas. Ficaram horrorizados e já apresentaram um projeto de lei para a construção de 810 mil vivendas em sete anos e crédito de 1.500.000.000 de dólares para eliminação das favelas. A impressão foi tal que, logo chegados ao Senado, foram banhar-se, para desinfetar o corpo...

A JUSTIÇA EM RUINAS

Quem entra no vetusto casarão do nosso Palácio da Justiça, a primeira impressão que tem é de náusea. Paredes sujas, chão de feira, teto deprimente, elevadores campeões de enguiço, salas exiguas, trabalho em excesso para tão pequenos espaços, juizes, promotores, escrivães, advogados em tumulto. Uma tragédia injusta numa Justiça servida e executada por tanta gente ilustre, honesta e eficiente. Mas, o caso mais recente e que bem atesta o estado precário do nosso Palácio da Justiça ali na rua D. Manoel, foi o que acaba de suceder com o Presidente da Ordem dos Advogados. Estava o causídico a tratar de assuntos profissionais no edifício, quando entrou num dos elevadores da casa. O carro começou a descer ao sub-solo, para onde se dirigia o advogado, mas empacou. Nem atava, nem desatava, isto é, nem para cima, nem para baixo. E isso a meio do caminho, entre o sub-solo e o andar térreo! Como é de imaginar, o Presidente da Ordem dos Advogados ficou nervoso, vendo-se preso naquele cubículo medieval, sem ar, sem um colega que aparecesse para impetrar-lhe uma ordem de habeas-corpus e restituí-lo à liberdade. Até pensou que se tratasse de ardis de algum inimigo profissional, interessado em imobilizá-lo e prejudicá-lo perante audiências com hora marcada. Porém, isso não era possível, porquanto bem conhecia o estado de senilidade do elevador daquele Palácio da Paciência. E teve que esperar por algum milagre... E surgiu o milagre, depois de 45 minutos de prisão sem base na lei. Logo que se viu livre, a vítima dirigiu longo e patético apelo ao Presidente da República, rogando tivesse pena da família forense, sacrificada a trabalhar num Palácio em ruínas... Foi registrada a queixa.

A SURPRESA DE ADÃO

Quando Jeová, na sua imensa sabedoria, fez o homem com um pouco de argila, estava certo de que, fisicamente, Adão ia sair um ser frágil, quebradiço, fácil de aniquilamento. Por isso completou a obra divina com um sopro. Era o espírito, mais forte do que a carne. Contudo, por mais incrível que pareça, é quase sempre a matéria que vence a força do espírito, o sopro de Deus, ao dar movimento, constância e força ao homem. Apesar de ainda Jeová haver reconhecido a maior respeito a uma certa árvore do Paraíso, sim, bolo do Bem e do Mal, Adão, caiu como um patinho ingênuo quando Eva, que nenhum sopro recebeu do Criador, começou com aquelas famosas tentações sob a macieira carregada de frutos apetitosos. Adão foi na conversa e muito se arrependeu até hoje, embora intimamente gostasse da desobediência, uma compensação sábia que lhe concedeu Jeová. Dai por diante Eva. Agora mesmo veio a público um episódio interessante passado em Giruá, no Rio Grande do Sul, entre os noivos Adão Pinto de Miranda e Eugénia Miranda Antunes. Na hora culminante da afirmação diante do Juiz, este dirigiu a pa-lavra ao noivo, interrogando-o se era de seu gosto e espontânea vontade receber Eugénia por esposa. Sim! — respondeu ele. Então fez o Juiz a mesma pergunta à noiva, e, com surpresa geral e perplexidade do noivo, respondeu ela que "não, pois seria para ela uma injustiça". Diante disso, nada feito. Eugénia saiu alegre para sua casa, e ele, o pobre Adão, mais uma vez castigado pela fatalidade, por ter confiado nas promessas de Eva. Para Eugénia esse Adão é pinto... sem Miranda.

DEZENOVE DE ABRIL

Há datas em nossa história que jamais poderão ser esquecidas pelo povo. Datas que imortalizaram os nossos grandes homens, os brasileiros dignos de nossa admiração, sejam quais forem os governos, sejam quais forem as opiniões de observadores políticos ou as análises de historiadores. Uma dessas datas é a de 19 de abril. Marca esse grande dia um aniversário que nenhum brasileiro poderá esquecer, qualquer que seja sua ideologia política, sua religião, sua cultura. O nome da data que nos deu o 19 de abril precisa permanecer no coração da pátria que tanto lhe deve. Dois grupos inimigos se defrontam para disputar o domínio da política. De ambos os lados se alinham os batalhões, cada qual decidido a fazer valer as suas resoluções. Todo o país é um imenso palco de ação restauradora e tropas e civis se mobilizam para a grande batalha. E a 19 de abril de 1648, o pequenino exército estava pensando?), a 19 de abril de 1648, o pequenino exército do general Barreto de Menezes, sala a campo aberto para dar combate aos holandeses. Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira, Camarão, Henrique Dias, Antônio da Silva, comandantes de batalhões, enfrentaram os exércitos de von Schkoppe, duas vezes maior que o dos pernambucanos. Travou-se então, violentamente, a primeira batalha dos Guararapes, série de oitavos, a primeira batalha dos Recife, nas vizinhanças da cidade de Vi-tória. O general holandês saiu ferido gravemente, morreu o coronel Hans e foi aprisionado o coronel Keerweer. Data histórica das mais fulgurantes para nosso sentimento de patriotismo e unidade nacional, o 19 de abril merece uma consagração pelos seus três séculos de glória. (Viram? Coisa muito diversa...).

RESPONSABILIDADE CIVIL

Está em nosso Código Civil: — Aquele que causar danos a terceiros, por negligência ou imprudência, fica obrigado a pagar a devida indenização. Os poderes públicos não escapam a esse preceito legal. Há tempos, numa grande cidade norte-americana, uma senhora enfiou de sastradamente o pé num buraco que havia no passeio, quebrando a perna. Moveu ação contra a Municipalidade e ganhou a questão, sendo a Prefeitura julgada culpada. Ultimamente tem havido no fóro brasileiro, vários casos de indenizações referentes a acidentes com pingentes. Em Belo Horizonte foi julgado um deles e condenada a Empresa de Bondes, tendo a mesma argumentado que não era responsável porque o passageiro viajava como pingente na entre-linha, lugar proibido pelo regulamento do tráfego. Mas o Juiz não achou base em pelo regulamento do tráfego. Mas o pingente é, neste país, uma fatalidade, dada a falta de transporte, tendo-se tornado uma transgressão tolerada e até inevitável. Agora, porém, surge um caso de responsabilidade civil que nos parece o primeiro no gênero. O sr. Claudionor de Oliveira, tendo tomado um bonde na Ilha do Governador, cedeu o lugar a uma senhora, passando para o estribo, como pingente. Ao descer, o motorista arranca com violência e ele cai ao solo, ferindo-se gravemente e ficando privado de trabalho durante bastante tempo. Promoveu ação perante o Juízo da Primeira Vara da Fazenda Pública desta capital, tendo o Juiz Alcino Pinto Falcão presidido agora a audiência de instrução e julgamento. Depois de tomados por termo as provas testemunhais e a contestação da ré (a Prefeitura do Distrito Federal) foi condenada a Prefeitura, na forma da lei.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 18 — 30-4-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Tóquio de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00 Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-8718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32. Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



"Os Estados Unidos marcharão para o socialismo", declara o sr. Ernest Bevin a um jornal de Londres. Completou-se, em Berlim, a divisão entre russos e ocidentais. Dean Acheson, secretário de Estado dos Estados Unidos, faz o "elogio fúnebre" da China, afirmando, entre outras coisas, que "os nacionalistas perderam a guerra por sua própria incompetência e corrupção". Preparativos em Washington para a recepção ao presidente Dutra. Chega ao Rio, a fim de representar o seu país no IV Congresso de História Natural, o escritor português Júlio Dantas. Eleita e coroada a Rainha da "Mi-Carême" de 1949, durante os festejos sob o patrocínio da Municipalidade do Rio de Janeiro. Pacto de Amizade entre a Tchecoslováquia e a Hungria. Novas adesões à Conferência Brasileira de Imigração e Colonização, a se realizar em Goiânia. Notícia-se em Washington que se realizam naquela capital preparativos secretos para uma gigantesca expedição americana ao Polo Antártico. Continua desaparecido o navio cargueiro "Osvaldo Aranha". "Método simples, prático e razoavelmente seguro" descoberto por um professor da Universidade de Chicago para determinar a presença do câncer. Renunciou ao cargo de presidente da União Nacional dos Estudantes o acadêmico Genival Barbosa. Delirantemente comemorada, em Dublin, a proclamação da República Irlandesa. Preparam-se os comunistas chineses para cruzar o Yangtsé. Talvez os Estados Unidos ameacem a URSS com um ataque atômico, essa é a opinião de George Fielding Elliot, conhecido analista militar norte-americano. Batida em Newport, nos Estados Unidos, a quilha do maior porta-aviões do mundo. Investigações da ONU sobre os julgamentos efetuados na Hungria e Bulgária. Mensagem especial do general Dutra à Câmara dos Deputados prestando esclarecimentos sobre o chamado "caso das refinarias". Comissão mista, no Senado Federal, para rever o Código de Processo Civil. Liberais e conservadores colombianos num choque armado, nos arredores de Bogotá. Eleito Molas Lopez, candidato único à Presidência do Paraguai. Declara um engenheiro aeronáutico "yankee" ser perfeitamente possível a construção, em futuro próximo, de um foguete interplanetário para viagens de ida e volta à Lua. Regressou dos Estados Unidos o general Canrobert Pereira da Costa. Prêso arbitrariamente e espancado pela polícia carioca um jovem médico, filho do desembargador Sílvio Martins Teixeira. Em prosseguimento ao Campeonato Sul-Americano de Futebol, a representação da Bolívia derrota o Uruguai por 3x2. Belonaves inglesas atacadas pelos exércitos comunistas na China. Intenso abalo sísmico na zona central do Chile, inclusive Santiago e Valparaíso. Alan Kirk nomeado embaixador dos Estados Unidos em Moscou. Programa russo para suspender o bloqueio de Berlim. Ajuda militar global dos Estados Unidos à Europa não-comunista. Opõe-se a Grã-Bretanha à investigação "in-loco" para o exame dos julgamentos na Bulgária e Hungria. Irrompe novamente a guerra civil na China. O deputado Hermes Lima, analisando e comentando a palavra do governo sobre o "caso das refinarias", mantém as suas acusações anteriores. No Rio os cadetes franceses da Escola do Ar. Rejeitam os nacionalistas chineses as exigências comunistas para a Paz na China. Truman pede ao Congresso a ratificação do acordo internacional do Trigo. Troca de café brasileiro por petróleo da Venezuela, transação considerada danosa aos interesses nacionais pelo senador Fernandes Távora. Mantém-se intransigente a bancada municipal do P.T.B. contra a indicação dos nomes apresentados para a eleição da Mesa da Câmara dos Vereadores do Distrito Federal. Iniciada, na Câmara Federal, a discussão da Lei de Imprensa. Nomeado o general Rafael Danton Teixeira novo comandante geral da Polícia Militar do Distrito Federal. Prudentes reservas sobre o novo tratamento anunciado para a lepra, é o que aconselha o Serviço Nacional da Lepra, em nota divulgada pela imprensa do Rio. Recolhido, pela Marinha de Guerra, parte do costado de um escaler do "Osvaldo Aranha". Canhoneados mais dois navios de guerra britânicos no rio Yangtsé. Opõem-se os Estados Unidos à participação da Rússia na administração das antigas colônias italianas. Outro tremor de terra no Chile, elevando-se a 41 o número de mortos em consequência do novo abalo. Assinado em Montevideu um convênio comercial uruguaio-brasileiro. Lutam os comunistas chineses a cinco quilômetros de Nanquim. Publicado pela Confraternidade da Doutrina Cristã, em Washington, o novo catecismo, contendo as aplicações dos ensinamentos católicos aos problemas modernos. Afirma o ministro da Guerra, em entrevista coletiva à imprensa carioca, não ter tido fins políticos a sua viagem aos Estados Unidos. Continua na Câmara Federal o debate sobre o petróleo. Demitido, pelo chefe de Polícia, o investigador responsável pelo espancamento do dr. Eros Martins Teixeira. Presidida pelo general Dutra a instalação do IV Congresso de História Nacional, reunido no Rio de Janeiro. Liberados pela C.C.P. os preços da cerveja e do chope. Promoções nas carreiras de farmacêutico, dentista e veterinário do quadro permanente da Prefeitura do Distrito Federal. Conversações para o levantamento do bloqueio de Berlim. Nanquim entregue à sua própria sorte, abandonando a capital chinesa, ante o avanço dos comunistas, não apenas os membros do governo, mas o Exército e a Polícia. Apelo dos líderes protestantes da Inglaterra ao rei George VI para que intervenha a fim de que a princesa Margaret não visite o Papa Pio XII. Aumentados os salários dos motoristas e ajudantes de caminhão, segundo acordo firmado entre patrões e empregados, no gabinete do ministro do Trabalho.

A REVISTA DA SEMANA e o IV Centenário da Bahia



Não foi possível a publicação neste número de toda a matéria que temos a respeito das comemorações do IV Centenário da Cidade do Salvador.

Assim, na nossa próxima edição, daremos outros assuntos que não podemos publicar desta vez.

Este número, bem como o próximo, não está sujeito a alteração de preço: ambos deverão ser vendidos por Cr\$ 3,00 o exemplar em todo o Brasil.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

ANTOLOGIA DAS ROSAS

Organização e apresentação de ELZA MARZULLO

Rio de Janeiro 1949

A sra. Elza Marzullo é uma jornalista de verdade. Não a podemos confundir com as amadoras, jovens ou para além da mocidade, as quais, simplesmente por amor à arte e sem lhe perguntar a sério se ela as ama também, gastam três meses a compor uma crônica e, tendo conseguido publicá-la, andam outros noventa dias a perguntar às amigas que tal a acharam. "Encantadora! Deliciosa! Um amor!", respondem todas. Mas a triunfadora não dorme sobre os louros de salão, de praia ou de terraço que lhe coroaram a frente inspirada. E, esgotado aquele meio ano entre o esforço e o êxito, principia a escrever outra coisa. Ora, a sra. Elza Marzullo é das que escrevem, em primeiro lugar, porque aprendem e sabem e, depois, porque trabalham nisso. São ainda poucas no nosso jornalismo ou mais propriamente falando, deviam ser mais. Já, porém, não faltam os nomes femininos que, por essas revistas e jornais, rivalizam com os homens, e entre os primeiros, em nomeada e brilho.

A autora do presente volume exerce oficialmente a profissão, dela tirando o pão e as rosas de cada dia. Com extraordinária frequência as suas produções se nos deparam na Imprensa, no Livro, no Rádio, e ainda um pouco, talvez, na publicidade, escrevendo sempre — e bem. As suas aptidões e a sua operosidade têm, na situação de que goza, a merecida recompensa. E, pela maneira como está organizada, a "Antologia das rosas" é ainda uma demonstração de inteligência, bom gosto e louvável orientação laboriosa. O livro, que vai a mais de cento e cinquenta páginas, contém noventa trabalhos em prosa ou verso, todos em louvor daquela que inúmeros poetas têm chamado a rainha das flores e que realmente o seria, se não existissem certas mulheres.

No discreto mas expressivo prefácio de sua autoria incluiu a sra. Elza Marzullo este soneto da poetisa cega Benedita de Melo, digno, realmente, de figurar em tal florilégio:

As rosas nascem, morrem, como nós
E talvez como nós tenham linguagem,
Falem ao sol, à abelha, à própria aragem.
Talvez seja o perfume a sua voz.

O botão sedutor, a flor após,
Toda a gente a render-lhes homenagem...
Vida curta, um instante, uma passagem;
Por fim, ei-las ao chão, velhas e sós.

Rosas tiradas virgens às roseiras
Para o cárcere branco das floreiras!
Viveram pouco para ser ditosas.

Quanto mistério! Quanta sutileza!
E dentro do meu ser, quanta tristeza
De nascer e viver sem ver as rosas!

A FISCALIZAÇÃO DO IMPOSTO DE CONSUMO E O SEU LADO PITORESCO

Recordações e comentários de DILERMANDO DUARTE COX

Rio de Janeiro 1949

referências de acaso. As leis e práticas do imposto não são postas em discussão, nem sequer como pretexto para humorismo e epigrama como na impagável comédia de Louis Verneuil e Georges Berr "L'Ecole des contribuables". Bem pouco trata do Fisco, mas muitíssimo dos fiscais.

Membro da classe e, evidentemente, com muita honra nisso, o sr. Dilermando Duarte Cox nos fala, em linguagem singela mas bem expressiva, dos seus colegas mais chegados, mais estimados, bem assim das coisas mais ou menos curiosas, e algumas bem surpreendentes, que lhes sucederam no exercício das suas funções. Frequentemente os negociantes se queixam do rigor ou até da impiedade daqueles a quem cumpre zelar pelos interesses do Estado, fazendo pagar, e com multa, os tributos que lhe são devidos. Com fundamento ou sem ele, essas

lamentações, esses protestos envolvem, em geral, certa ignorância. Os contraventores não sabem exatamente quanto ou até onde são culpados. Confundem tudo no mesmo caso de punição excessiva ou de perseguição. E não pensam, sobretudo, que, às suas tribulações, outros "maus pedaços" correspondem, da parte dos funcionários em questão. Nas presentes páginas se contam as agruras e os perigos por que alguns passaram, pelo simples motivo de serem honestos, querendo cumprir o seu dever. Pelas estradas do sertão, os "bottlegers" da cachaça os esperam de tocaia e bem resolvidos a acertar a pontaria; um deles foi mergulhado na pipa de aguardente que devia ser "selada"; outro, exigindo ao fraudador que lhe mostrasse os selos da lei, recebeu a resposta: "O selo é este aqui", e sentiu contra o peito a "lambadeira" afiadíssima, esperando o mais leve sinal de reação para entrar até ao cabo...

E, pois, este um ramo de burocracia que, às vezes, exige o heroísmo e outras vezes pode levar à morte. Nem tudo, em tal corporação, se passa burlescamente, como no romance, depois convertido em peça, "les Ronds de cuir", do grande Courte-line...

SORTE

Romance de FERNANDA DE CASTRO

Edição da revista "Ocidente"

Lisboa 1949

da Lopes de Almeida, outras profissionais ou amadoras da nobre arte de recitar os têm levado por todo este país, sempre acolhidos com entusiasmo e como de justiça.

Outro tanto não se dirá, não se dizia até agora, da romancista Fernanda de Castro. A sua primeira obra desse gênero, "Veneno do sol", não chegou, que nos conste, ao Brasil ou por aí andou sem os favores da imprensa e até talvez sem o recurso da publicidade. Nem vitrinas, nem catálogos, nem anúncios o divulgaram. Assim, o presente volume, "Sorte", nos chega, como trazendo, além de outros belos requisitos e altas recomendações, a feição palpitante da novidade. E é com alto prazer que travamos relações com esta outra Fernanda de Castro. As boas vindas que lhe damos são feitas de admiração verdadeira e de uma grande simpatia emotiva.

A história de "Sorte", que principia no Alentejo, traz a seiva, o vigor, o cheiro da terra; a cor das sementeiras e das árvores; a luz do céu e a alma da gente. Um tipo de mulher, na figura como no sentimento, resume aquele povo que tem, naturalmente, as suas rudezas e as suas falhas, mas impulsos de momento ou ingênuas misérias, mas também pode ser extremamente bom e amar com sublimidade, indo até onde pode chegar a nobreza, o heroísmo e o sacrifício. Tal o amor que se apossou da bela moçoila Raimunda, que ela tentou repelir ou dominar, mas em pura perda de esforço, coragem, paciência, porque o sentia empolgante, dominador, total, bem dentro da cabeça e no fundo do coração... Outro homem bebia os ares por ela e com teimosa veemência a solicitava, oferecendo-lhe o nome e a casa, os bens e a vida; era, porém, a Serafim, pimpão e cantador, sem firmeza nem seriedade, magnífico em requestrar, inimigo de casar, que ela queria e não podia deixar de querer. Não lhe valia a honestidade profunda, nem o juízo para tudo o mais nem mesmo o temor de Deus. A força de ouvir conselhos, de se aconselhar a si mesma, chega ela a aceitar as propostas do honrado Januário, que a levará do Alentejo para a sua família beiroa e serrana e para uma serena felicidade. Porém, no dia mesmo em que deve ir casar com Januário, Raimunda se entrega ao outro. E, já quase a caminho da igreja, faz ao noivo a confissão do erro que sabe imperdoável, daquela culpa realmente sem remissão. Depois, vai sozinha, pelas terras fora, cumprindo o seu fadário de desprezada. Procura, implora trabalho, acolhida por estes, por aqueles repelida, vítima de maledicências, intrigas, ciúmadadas, crueldades, infâmias — sem todavia perder a esperança, em luta com a Sorte mas animada pela certeza íntima, o pressentimento absoluto de que acabará vencendo. E assim é.

A autora nos oferece nada menos que o romance tipo de uma região e uma gente. A paisagem envolve, penetra, possui e logo se faz amar. Toda a linguagem é espontânea, viva, enérgica na sua

exemplar simplicidade e dando, nos diálogos, traços flagrantes de realismo pitoresco ou verdade sentimental. Há, porém, uma passagem de invocação e despedida, com a interjeição "ai" repetida como em soluços de mágoa imensa, de infinita saudade — página que, correndo à revelia do poder de observação e a justeza de comentário da romancista, mesmo sem assinatura revelaria a poetisa Fernanda de Castro:

"Ai os céus do Alentejo, a lonjura da planície! Ai o mato cheiroso, as searas, os montados! Ai as estrelas! Terras campas de leiras e pousios. Campos metidos a pão... O aroma silvestre do medronheiro, da aroeira, da joína, do murtinheiro. Mato rasteiro de estevas, urzes e rosmarinho. Os chocalhos dos rebanhos às Ave Marias. O coaxar das rãs, o matraquear das cegonhas, o canto da cotovia... O fio de água a escorrer das nascentes, a água dos pegos nas ribeiras maiores. Ai, canções dolorosas ao cair da tarde! Ai, céus azuis, roxos poentes! Ai, noites mornas! Ai, Alentejo!"

NOVA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Dados biográficos e comentários de LIBERATO BITTENCOURT

Rio de Janeiro 1949

além de quinze constituídos pela revista "Brasiliiana"; e abrangem, a bem dizer, todos os gêneros: da filosofia à crítica, da biografia ao romance, passando ainda pela psicologia, a filologia, o ensaio literário, a reconstituição histórica, o doutrinamento militar. Foi esta, na verdade, uma vida cheia do ideal de estudar e da missão de ensinar. E o Colégio 28 de Setembro, de que o general Bittencourt foi fundador e perpétuo diretor, representa ainda um legado deveras valioso daquela excepcional individualidade.

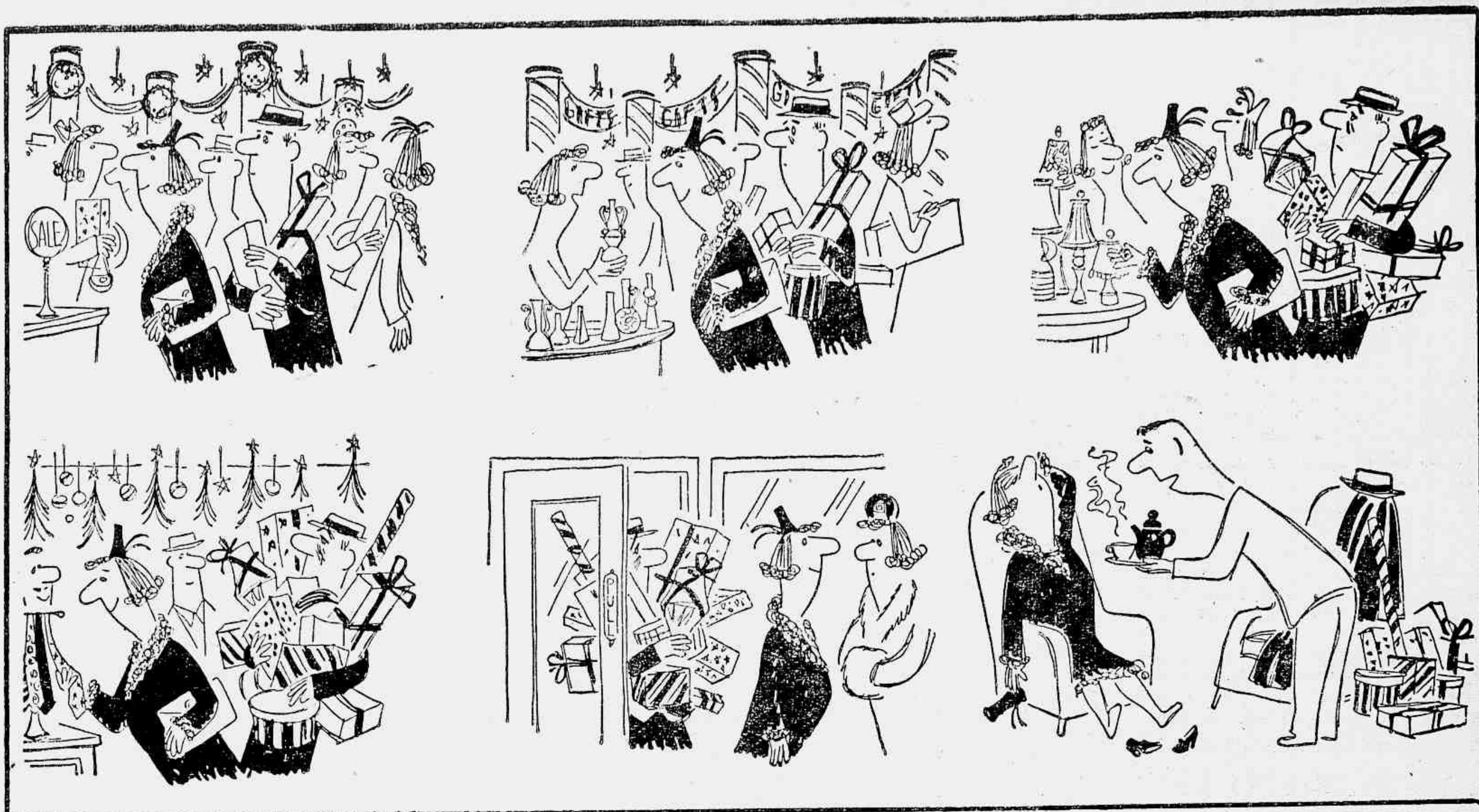
Iniciara o general Bittencourt, em 1942, a "Nova História da Literatura" que se devia desenvolver por doze amplos volumes. Viu publicados apenas seis; o sétimo já veio em edição póstuma; o oitavo e o nono, por bem respeitável sentimento de piedade familiar, ficarão inéditos. Assim a obra, que a morte inopinadamente veio interromper, está encerrada; e de algum modo a podemos considerar completa, porque veio até onde podia vir no gênero e na época.

O tomo presente diz respeito a "Jornalistas, Teatrólogos e Oradores nascidos no século XIX". Pela ordem alfabética se sucedem os autores notáveis na tribuna, no teatro ou unicamente na imprensa, por onde todos passaram. Naturalmente, em certos casos, houve grande dificuldade de informação. O autor se queixa de faltas de resposta, várias formas de desinteresse e até de descortesia por efeito das quais um organizador de menos tenacidade ou paciência teria certamente desistido da sua tarefa. Liberato Bittencourt era, porém, dos que não desanimam; e levou ao máximo o empreendimento de que tinha de colher todo o possível resultado.

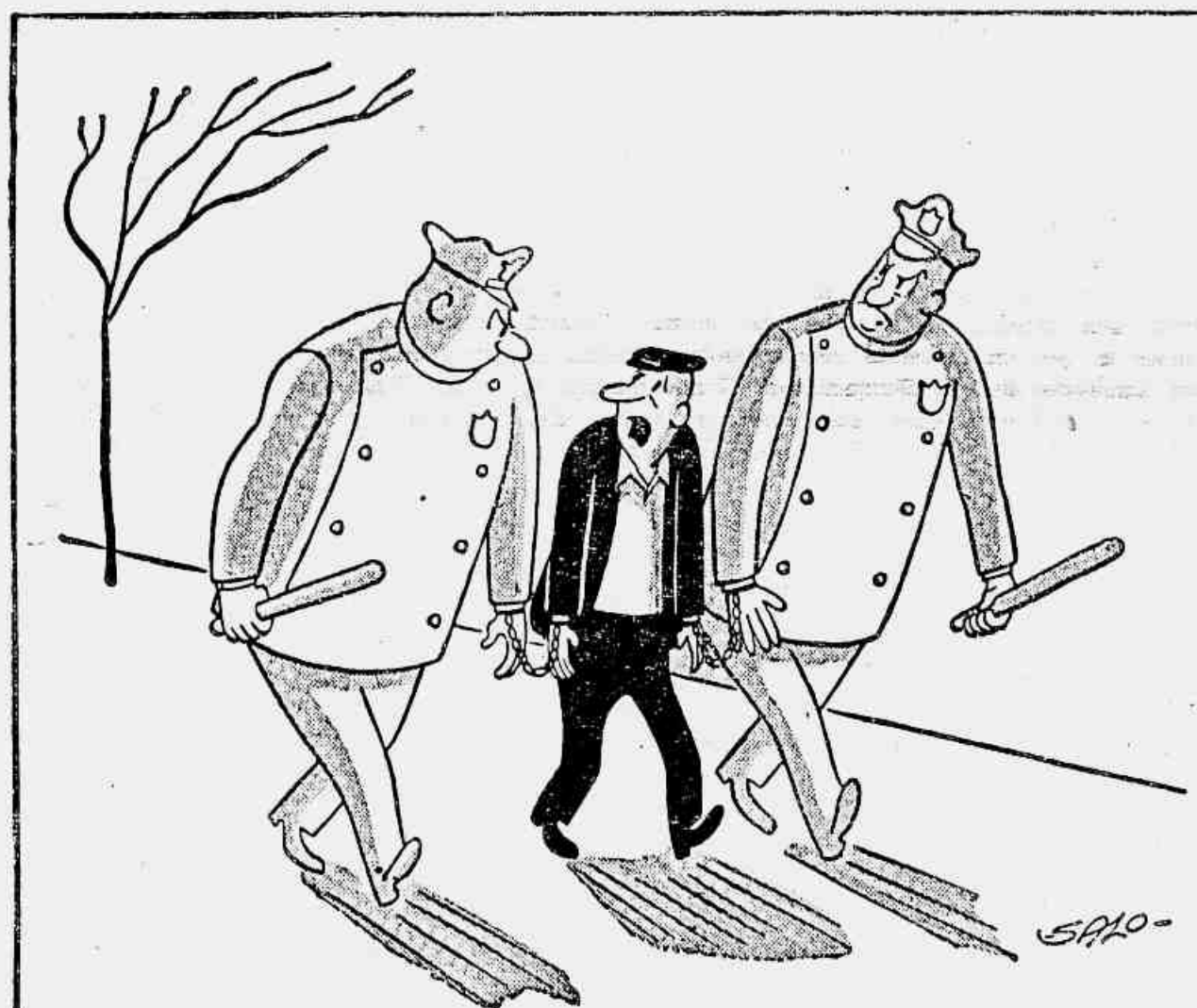
De vez em quando, e nos ensejos mais propícios, aparece o orientador doutrinário, completando a missão do pesquisador. Há, por exemplo, uma nota preliminar em que se estabelece e exemplifica a diferença entre prosador e jornalista:

"Nossas melhores antologias — diz o autor — costumam confundir prosador e jornalista; no entanto, para o crítico, a diferença literária entre ambos é bastante séria; o jornalista é, de fato, prosador, mas o prosador pode não ser jornalista. Um aparece em revistas, mesmo em jornais, buscando alegrar ou distrair; o outro só em jornais tenta esclarecer e educar a grande massa pública... Machado de Assis foi prosador de nota; Ruy Barbosa, jornalista de pulso: aquele, inteiramente alheio à abolição e à república, magnas questões políticas do tempo; este, apaixonado até à medula pelas duas grandes conquistas sociais. Escreviam em boa prosa portuguesa mas de ação literária, assaz diversa. Pois como Ruy Barbosa ou Machado de Assis há muito escritor por aí além, mal julgado de nossos críticos mais em voga."

Por entre a série alfabética dos nomes, outras considerações se nos deparam, sob os títulos "Ver-náculo idioma", "Crítica", "Ciência gramatical" e constituindo breves dissertações sempre proveitosas. E assim a "Nova História da Literatura Brasileira", com a sua utilidade de obra de consulta, oferece a feição de ensinamento que todos os estudiosos devem prezar.



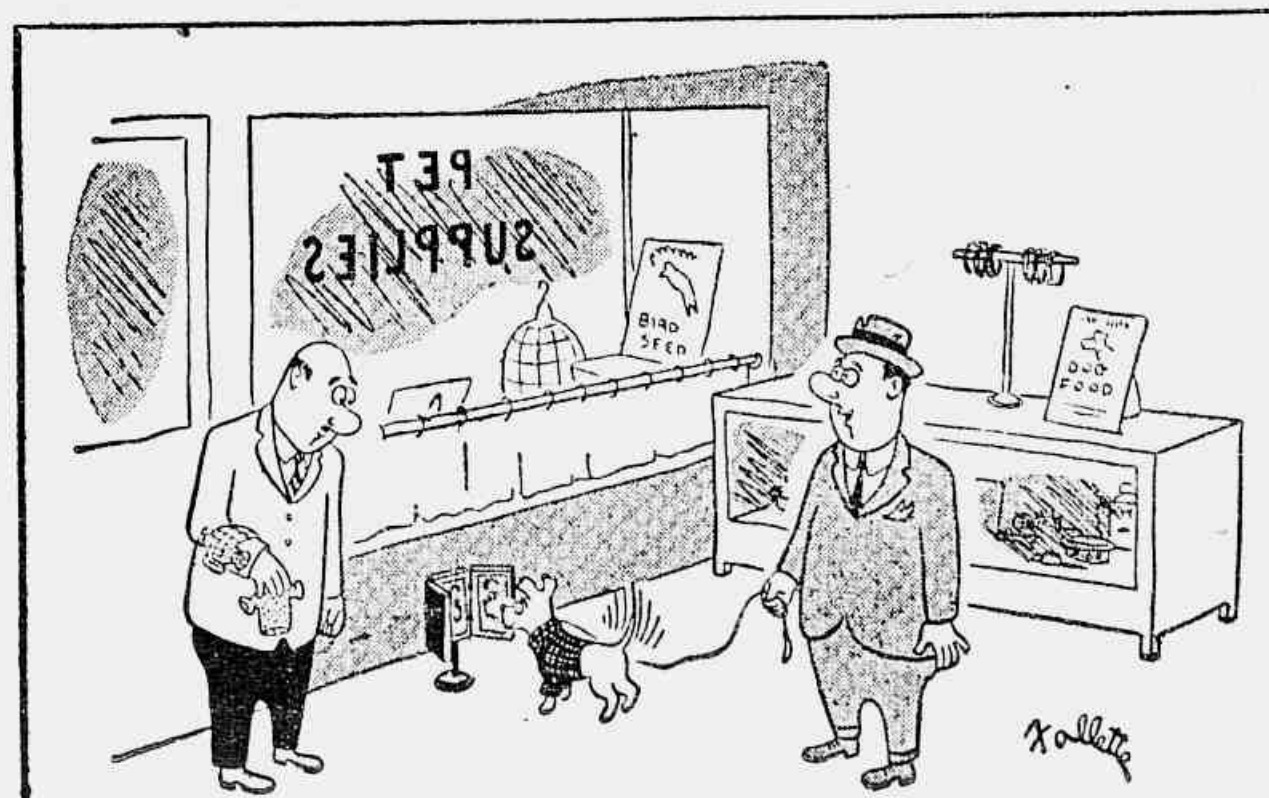
Bom Humor



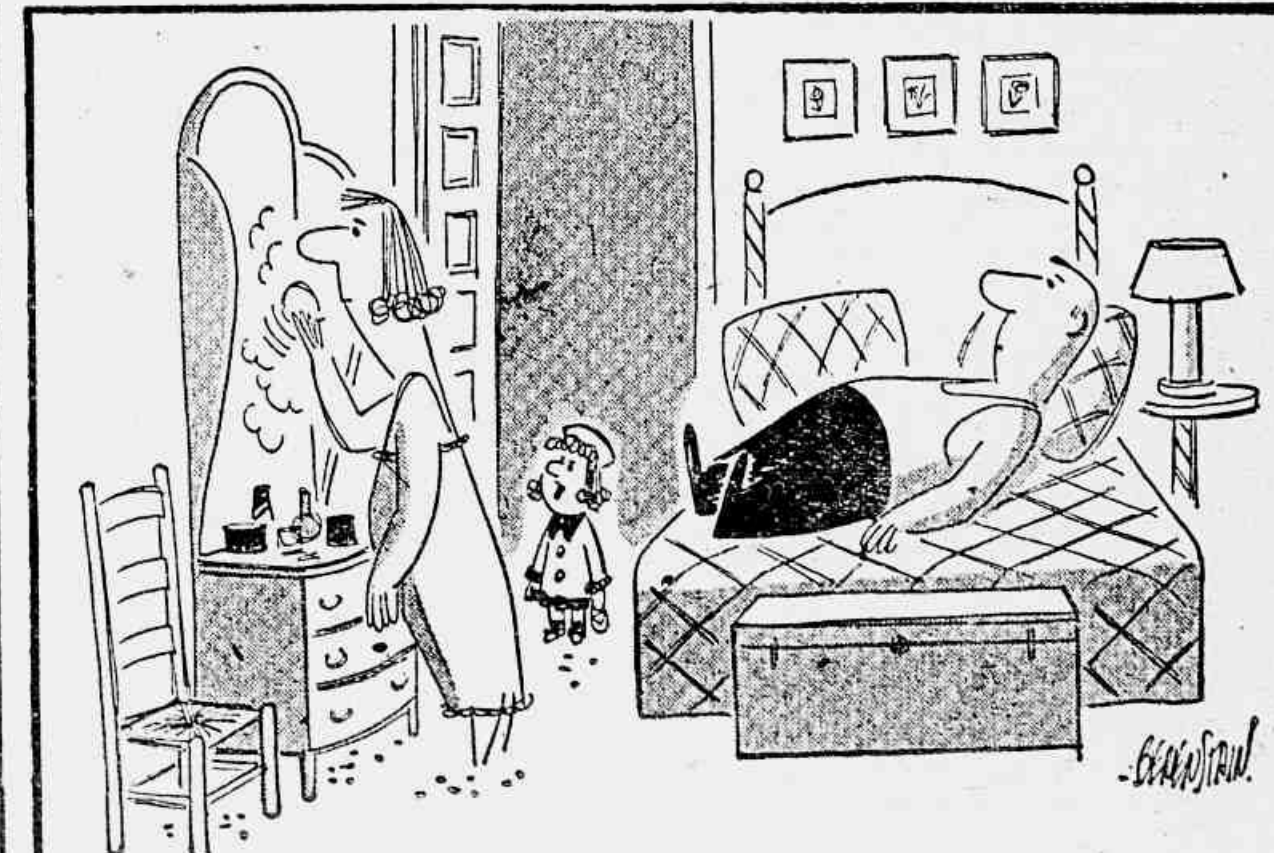
— Os senhores querem me convencer mesmo de que eu estou preso?...



— "Negrinho" jamais caeu um coelho em sua vida, até eu lhe fazer presente desta bicicleta...



— Acho que vou levar essa aí que "ele" escolheu



— Mãe: Se você não se apressa, chegarei atrasada à Escola; se chegar atrasada, eles me tiram a medalha de ouro e se eles me tirarem a medalha de ouro... eu não vou mais à Escola!

Sedes QUEIMADOS

CAPÍTULO XII

— Eu subi até aqui para estender estas toalhas de enxugar pratos — explicou Jennifer ao pintor. — Mas estava tão bela a noite que não resisti e fiquei a andar pelo terraço. Ignorava que alguém morasse por aqui.

— Ninguém morava até hoje. Venha e sente-se. Seu nome é.

— Jennifer Richie.

— Tem aí quatorze anos, não?

— Já passei dos dezenove...

— Bem. Meu nome é Montgomery Smith. E vou dizer-lhe minha história, quando estivermos acomodados no "apartamento".

— Mas... isto aqui não é apartamento. É um "studio", não é verdade? E me parece muito fascinante; este terraço dá para muita coisa.

— Já almoçou nele alguma vez?

— Nunca penso nessas coisas; mas deve ser admirável almoçar aqui.

— Vê aquele clarão? É a luz do norte. Aurora boreal.

— Quer dizer... as estrelas, não é?

— Não. Luz do norte. Um artista sempre precisa ter essa luz.

— Oh! E o senhor conseguiu uma? — indagou meio incerta.

— O Criador me favoreceu com uma — explicou ele. — O sol nunca se ergue ou se deita ao norte. A luz do modelo que agora vejo é sempre a mesma.

— Posso ajudá-lo nalguma coisa? — perguntou Jennifer.

— Poderia fazer-me o favor de colocar estes livros naquela estante?

Jennifer pôs mãos à obra. Tinha dos livros e os vai empilhando, depois os distribuindo conforme os tamanhos, nas prateleiras da estante.

— Não vai precisar de ajuda a respeito do piano? — perguntou ela ao ver que o pintor fazia força para arrumar seu velho instrumento a um canto do cômodo.

— Jennifer — continuou ele. — Em que academia está você matriculada?

— Eu trabalho. Tudo o que pude fazer foi terminar o curso secundário.

— E fez muito... Mais do que eu.

— O senhor? — exclamou ela incrédula.

— Parei ao chegar ao terceiro ano, que só cursei até ao meio. Uma tia minha deixou-me treze mil dólares. Imediatamente resolvi dar um giro pelo mundo e fui, depois, estudar durante quatro anos em Paris. Assim, como lhe disse, sabe mais do que eu.

— Mas eu não sei nada — voltou ela muito séria. Muito desejava saber. Sempre pensei ser como essas jovens cujas famílias as deixam viajar, aprender coisas, montar a cavalo, jogar tênis, instruir-se, tocar harpa...

— Creio que você não deve aborrecer-se por isso — disse ele. — Muito pouca gente monta a cavalo hoje em dia; quanto a tênis, poderá aprender. A respeito de harpa... Bem, isso agora é outro problema mais sério, e talvez fosse mais fácil ordenhar um rangifer...

— É tão bonito ver-se uma moça tocando harpa...

— Sim, mas é preciso ver as coisas pelo seu verdadeiro prisma. Os artistas nascem, não se fazem. O que deve fazer, Jennifer, é ser absolutamente natural, dentro de sua inclinação. Cedo ou tarde saberá disso. Mas, seja como for, precisa pensar primeiramente. Essa jovem que toca harpa é artista profissional?

— Oh! não... Ela trabalhava no mesmo escritório em que trabalho. Possui uma harpa e uma vez a vi tocar.

— Certamente é alguma curiosa, a tocar "assassinando" a música e desmoralizando o instrumento. Você não deveria nuca tê-la ouvido tocar. Sabe fazer um cafezinho? — pediu.

— Oh! sim... Gostaria de que eu fizesse algum?

— Talvez sua amiga tocadora de harpa não saiba fazer um café, não?

— Ah! Lá isso não sei! — respondeu Jennifer a rir.

— Vê? Você sabe fazer coisas que ela não sabe.

Logo que o café estava feito e a fumar nas xicaras, Smith prosseguiu enquanto se servia de biscoitos com manteiga:

— Eis aqui uma coisa que sempre me interessou desde muito. Quanto tempo e experiência precisamos ter acumulado para saber se uma coisa pode ser considerada perfeita? Por exemplo: se eu falo de Berlim e você diz "ah! a beleza daquela Milet Gate no Pergamum Museum!", ou então, se falo de Wagner e você se refere ao "Siegfried Idyll", ficarei certo de que você tem bastante cultura e conheci-

mentos sobre museus e sobre a ópera alemã, não é isso mesmo?

— Não há dúvida.

— A questão é apenas esta: educar a memória. Sistematizar os ramos de cultura. Ordenar as coisas quando se tratar de heráldica, ao lado de Robert Browning, e com Paul Revere, o que disser respeito à Minorca. Acumular, semanalmente, conhecimentos, sistematizá-los, firmar na memória.

— Mas... estava pensando nisso mesmo — disse ela vivamente quando ele parou. Estava até pensando o número de anos e anos que deveria levar para ler todos os livros que o senhor tem aqui... É claro que não poderia lembrar-me de tudo, nem os outros iriam perguntar-me pelos assuntos neles tratados e lidos por mim.

— Bem, não quero dizer que se chegue a ler ou estudar todas estas coisas. Nisso você está com a razão. Levaria anos, e, somente sobre astronomia, asbestos ou o que mais fosse, se eternizaria seu estudo. Refiro-me a determinado e regular cultivo na conversação. Por exemplo: pedi-lhe que arrumasse meus livros, e você disse que não sabia como fazê-lo; mas, como não era estúpida, que iria aprender como desempenhar-se da tarefa?

— Quanto foi que eu disse isso? — perguntou ela admirada.

— Não disse, mas pensou. Provou também que você tem conhecimentos de Shakespeare, alguma coisa de Shakespeare. Como também sabe umas doze palavras de alemão, pode parecer que é uma poliglota.

O pintor ainda prosseguiu em divagações de arte, de cultura, falando como se estivesse a dar aulas de civilização ou de erudição. Depois lhe disse:

— Bem, senhorita Jennifer Richie, agora você precisa voltar para sua casa. Já são quase dez horas da noite. Vou acompanhá-la até a porta da descida. Não leve a mal as coisas que lhe disse e volte aqui todas as noites, para conversarmos sobre o "Smith Capsule System". Pode também dizer à sua mãe que eu sou um cidadão respeitável, que minha tia Sarah mora em Portland, casada com um ministro, muito bem de vida. Diga ainda que sou mais velho que você em doze anos. Aqui está minha lâmpada elétrica. Vamos.

Depois que Jennifer se recolheu ao quarto, deitada na cama, começou a rememorar todas as fases desse inesperado encontro e achou Smith um cidadão extraordinário, de palavra fácil, bela, envolvente, ótimo amigo e excelente coração.

E dali por diante ainda mais estreitaram essa amizade.

CAPÍTULO XIII

Betty, madrastra de Jennifer, também fez o conhecimento com o pin-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, orfã, vivendo em casa de sua madrastra Betty, enamorara-se de Sidney Borrows, rapaz de mais elevada situação social e financeira. Depois de verificar que ele não se resolvia a oficializar o noivado, Jennifer se afasta do mesmo. No escritório em que trabalhava, faz amizade com Mollie, e comparece a uma festa íntima em casa dela, travando aí conhecimento com um irmão de Mollie, de nome Eugene Evans. Este se apaixona por Jennifer, mas a jovem recusa casamento, ainda esperançada em Sidney, que há meses estava ausente de S. Francisco. Uma noite, quando Eugene a visitava, apareceu Sidney e justificou sua ausência e falta de notícias, procurando restabelecer as velhas relações, mas é repellido por Jennifer. Dias depois Eugene é atropelado por um auto e morre. Sob todos estes sofrimentos, Jennifer, uma noite em que admirava o céu no terraço de sua morada, trava relações com Montgomery Smith, pintor, e com ele conversa sobre coisas da vida.

mentos sobre museus e sobre a ópera alemã, não é isso mesmo?

— Não há dúvida.

— A questão é apenas esta: educar a memória. Sistematizar os ramos de cultura. Ordenar as coisas quando se tratar de heráldica, ao lado de Robert Browning, e com Paul Revere, o que disser respeito à Minorca. Acumular, semanalmente, conhecimentos, sistematizá-los, firmar na memória.

— Mas... estava pensando nisso mesmo — disse ela vivamente quando ele parou. Estava até pensando o número de anos e anos que deveria levar para ler todos os livros que o senhor tem aqui... É claro que não poderia lembrar-me de tudo, nem os outros iriam perguntar-me pelos assuntos neles tratados e lidos por mim.

— Bem, não quero dizer que se chegue a ler ou estudar todas estas coisas. Nisso você está com a razão. Levaria anos, e, somente sobre astronomia, asbestos ou o que mais fosse, se eternizaria seu estudo. Refiro-me a determinado e regular cultivo na conversação. Por exemplo: pedi-lhe que arrumasse meus livros, e você disse que não sabia como fazê-lo; mas, como não era estúpida, que iria aprender como desempenhar-se da tarefa?

— Quanto foi que eu disse isso? — perguntou ela admirada.

— Não disse, mas pensou. Provou também que você tem conhecimentos de Shakespeare, alguma coisa de Shakespeare. Como também sabe umas doze palavras de alemão, pode parecer que é uma poliglota.

O pintor ainda prosseguiu em diva-

tor. Sem obedecer a sugestão de ninguém, ele a convidou para visitar o seu estúdio, uma ou duas semanas depois que Jennifer estivesse lá. Betty notou que ele não era homem impulsivo, parecendo não estar em nada interessado na moça. Betty chegou mesmo a dizer à enteada que Smith lhe pareceu um indivíduo sem interesse. Se ela desejasse gastar seu tempo com esses encontros, nada tinha que opor; mas ficasse sabendo que estava perdendo o tempo, embora retribindo aulas de galanteio.

Para Jennifer, porém, essa nova personagem parecia abrir-lhe novos caminhos na vida. Aquela amizade lhe trazia uma espécie de salvação, de boa companhia, uma ajuda à sua vida como nunca imaginara possuir.

Quanto à diferença de idade entre ambos, isso apenas servia para mostrar que não poderia haver romance entre os dois. E havia ainda muitos outros motivos. O ânimo de Jennifer em matéria de amores estava como que despedaçado. Tornara-se silenciosa, desiludida, desesperançada a tal respeito. A maneira como viera a conhecer esse Smith fora absolutamente contrária a qualquer instinto de amor, de emoções contagiantes. Mas achava que ele poderia permitir-lhe suas conversas honestamente, dividir com ele suas atribulações, seus pensamentos íntimos, podendo receber em troca a palavra de esclarecimento, bem como a certeza de uma amizade desinteressada e proveitosa.

Embora, a princípio, meio descrente, aos poucos foi aumentando sua confiança nele, até que aceitou seu mé-

todo de instrução, usando o livro de exercícios. Ela costumava sentar-se no assoalho, recostada ao canapé, e lhe fazia perguntas sempre que ignorasse certas coisas.

— Que quer dizer esse alemão Monty?

— Apenas isto: "Ouça, mesmo que seja uma tolice".

— Mas isto — objetou ela — não seria muito agradável. Se eu tiver que ouvir alguém falar alemão, precisarei de dizer algo que seja verdadeiramente bonito.

Os dois se embrenharam em divagações bastante coloridas e pitorescas. Ele, com a imensa experiência que tinha do mundo, maior cultura, e ela cheia daquela ingenuidade que tanto a caracterizava e que cada vez era mais evidente em face da educação, do poliglottismo do artista que parecia brincar com os pensamentos.

O método das tais "cápsulas" no sistema dele para cultura e compreensão estava sendo seguido por Jennifer; mas a jovem sempre achava uma ou outra objeção a fazer. Uma delas era sobre a questão de decorar.

— Bem, — respondeu o artista, — você é muito viva, Jinny. Se você conseguir lembrar a metade do que escreve no seu caderno, terá realizado grande progresso.

— Quero confessar que depois que você me falou acêrda de Tolstoi, adquiri "Ana Karenina" na biblioteca, e estou lendo esse livro.

Ele protestou:

— Você fez mal. Não deve ir assim tão depressa.

— Mas... Monty, — voltou ela a rir, fazendo "blague", — tudo o que sei a respeito de "Pagliacci" é que foi escrito para fazer jus a um prêmio!

— Está bem... Mas soube você por que não ganhou o prêmio?

— Venceu a "Cavalleria", lembrome agora.

— Não vai querer, Jinny, endoidecer-me com sua cultura, não é? Você me saiu uma charadista.

Ela riu e achou que ele estava gozando da palestra.

— Jogos fazem parte hoje em dia dos cursos de cultura — disse ele aparrando uma tela.

— Tênis? Bridge?

— Oh! Não! Jogos de palavras. Eu lhe explicarei. Venha à festa íntima que darei no próximo sábado à noite e eu então lhe mostrarei o que quero dizer.

— Oh! Vai dar uma festa? — perguntou ela com os olhos brilhantes.

— Não é propriamente uma festa. Uma reunião para amigos.

— Temo não dispor de vestido apropriado, Monty — disse ela com entonação meiga.

— Você não precisa nem sequer ter idéia da roupa de que vai precisar. Não é necessário fazer nenhuma mudança daquela que possui. Quanto a mim, pentearei meu cabelo, com o resto de que ainda disponho. — Depois, deixando de lado os petrechos de pintura que tinha à mão, disse-lhe:

— Venha cá.

Jennifer obedeceu como uma criança ao seu preceptor e ficou ao lado de sua cadeira.

— Esta blusa aqui, bastante amarratada — disse ele sacudindo-a pelas mangas — poderá ser lavada na lavanderia francesa aí da esquina, não?

— Oh! Eu posso lavá-la em casa, eu mesma!

— É que a feição daquela sala preta que você vestia ontem e que tem um feitiço assim rodado como um guarda-sol?

— Ah! Está em casa.

— Bem. Veja. Fique tranqüila.

Smith remexeu numa porção de coisas que possuía num móvel e, voltando a falar-lhe, acrescentou:

— Isto aqui parece lhe ficar bem. E este colar de coral em seu pescoço vai otimamente. Também estes brincos.

— Oh! Mas tudo isto é para uma fantasia! E aquela senhora, aquela mulher, ou "lady", de cabelos vermelhos, poderia vir também aqui?

— A do quadro ainda não terminado? Certamente que virá. É a sra. Carteret. Julie Carteret.

— E seu espôso, virá?

— Provavelmente. Também estará aqui o Sandy, minha mãe, que veio passar uns dias aqui no Castonbury Hotel. Aquêlê homem que você encontrou aqui numa dessas últimas noites, o Garrett Philpotts, também estará aqui. Sua espôsa Mary, que escreve sonetos, bem como o filho Harvey.

— Mas ela não é Mary Harvey Philpotts!

— Certo que é. Estão aqui porque Harvey está em Stanford, e vieram de Phenix para vê-lo de quando em quando. Um pulmão de Garrett é afetado e eles vivem no interior.

— Então foi ela quem escreveu aquele pequeno poema que você pediu que eu decorasse?

— Foi, sim.

— Eu não gostaria de falar com ela... — disse Jennifer pensativa, subitamente transtornada.

— Por favor, não falemos nisso agora. Mas você precisa falar a todos eles. Converse sobre o que lhe vier à cabeça, para que eles saibam que você é a encantadora menina que realmente é — explicou Monty. — Tere-mos aqui presunto, frangos assados e Mrs. Carteret fará saladas. Comeremos bolos e você fará um daqueles cafés gostosos para eles, enquanto eu trato das bebidas.

— Mas você não poderá assar frangos naquele pequenino fogareiro!

— Tudo virá do Clube.

— Está certo. Mas... e sobre-mesa?

— A menina Flomona O'Farrell trará um bolo. Midge Hawkes também trará outro.

— Quem é Midge Hawkes?

— A irmã de Harry Hawkes. Uma gente magra e oscura. Ela já espantou duas de suas espôsas, e agora ele anda atrás de casar-se novamente, o que também sucede com ela.

— Penso neste lugar aqui durante todo o dia.

— Eu também.

— Mas você permanece aqui sempre. Trata-se de seus trabalhos de pintura. Precisa vender seus quadros.

— Precisaréi mesmo? Obrigado. O negócio é mesmo este. Vendo os quadros que pinto.

Ela começou a olhar para ele como se sentisse uma confusão no espírito.

— Vou a uma loja de artigos de arte e papelaria que possui em Mission Street. Meu pai deixou-me esse estabelecimento há onze anos passados — continuou Monty. — Estava eu desenhando na Europa, fazendo uma ponte em Avignon, quando recebi a notícia. Vim para casa e achei a loja numa embrulhada. Minha mãe com um joelho emagado, tratando-se, e meu pai morto por acidente. O pior era que não havia dinheiro em parte alguma. Procurei orientar-me bem nos negócios e vender tudo. Minha mãe conseguiu algum dinheiro e seis meses depois eu vendia a velha loja da rua Howard e ela se mudou para Oakland, o que sempre desejou fazer, e eu peguei tudo o que era meu trazido da Europa e vim para cá. E aí tem você, Jennifer, minha simples história.

— Mas... não tem estado a pintar todo esse tempo?

— Oh. De certo. Pintava no estúdio de Sandy Carteret. Um estúdio que ele arranhou num celeiro. Ele costuma vir até onde estou, afim de pintar para a imprensa e a crayon. Eu então lhe mostro muita coisa. Vivemos em Paris ao mesmo tempo e costumamos lembrar juntos nossa vida. Por êsse meio conheci Mrs. Carteret, Julie Carteret, bem como a menina que se chama Elizabeth, mas na intimidade é conhecida por Poppy. Você vai conhecer também um sobrinho deles, no sábado. É o Gerry Barker, lindo garoto. Na certa vai cair para seu lado como uma tonelada de simpatia... Com certeza estas coisas não lhe interessam em nada, sei bem; mas, venha cá, Jinny; você está com dezenove anos e já é tempo de ir tomando certas notas desta vida.

Havia no espírito da moça um milheiro de coisas que ela poderia dizer; mas Jennifer não se achou com ânimo para pronunciar uma palavra.

CAPITULO XIV

— Não é preciso dizer-me mais nada — disse Montgomery Smith calmamente. — Já me deu você, uma vez, a idéia de que um homem lhe esmagou o coração, matando-se porque você não pôde corresponder-lhe a simpatia... Não foi assim?

— Não... não foi propriamente isso... Nós supomos que ele se suicidou... isto é, seu pai e eu. Todos os demais acham que ele foi vítima de um acidente.

— E você não podia amá-lo?

— Não sei bem explicar... Eu gostava bastante dele. Ele esperaria todo o tempo que eu quisesse; teria esperado que eu... Mas não estou certa de que ele, na verdade, tivesse amor a mim. É um caso confuso. Eugene, êsse que morreu de acidente ou se suicidou sob as rodas de um carro, era uma criatura muito boa. Seu desejo era o de tornar-se cada vez mais perfeito. Dizia sempre que todos os males, tôdas as atribuições dêste mundo teriam fim quando todos nós nos tornássemos perfeitos.

— Um missionário nato — disse secamente Monty, quando ela fez uma pausa.

— E ele, êle... declarou-me sinceramente que não estava a amar-me verdadeiramente; mas apenas desejava casar-se comigo para proteger-me... pois o mundo era muito mau, muito perverso, e então... então...

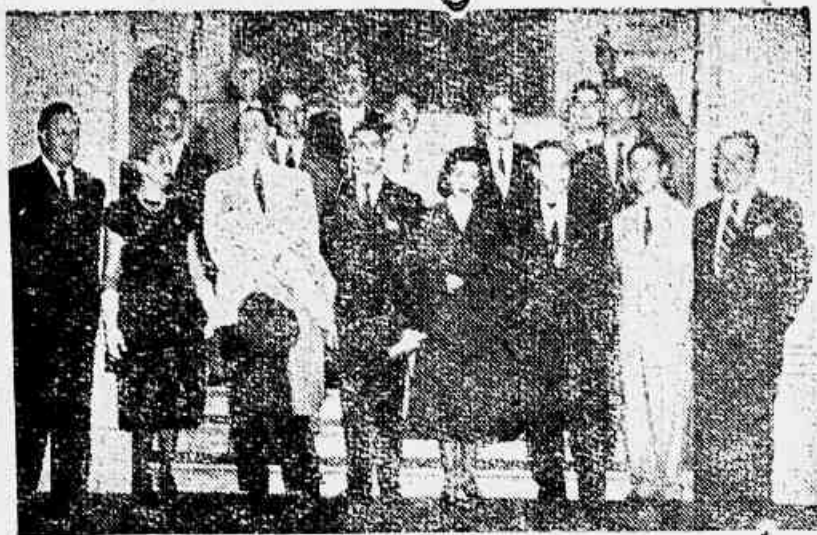
— Subitamente ela começou a soluçar violentamente, ao recordar-se daqueles episódios. Procurou controlar-se, dominar a emoção que a sufocava. Depois de ficar mais calma, prosseguiu: — Então, quando êle descobriu que eu não era tão perfeita... ficou perplexo, atordoado, desapontado comigo...

Jennifer não pôde mais continuar. Estava incapaz de falar. Reclinou a face sobre os joelhos e desatou em pranto. Momentos depois ela se ergueu a ver tudo confuso, com os olhos cheios de lágrimas.

— Penso que... se não se opõe... vou para casa. Não sei mesmo o que se passa comigo — explicou ela com voz sentida.

Monty parecia comovido com o estado da moça. Deixou o cavalete em que pintava e veio até ela. Puxou uma cadeira e fê-la sentar-se.





Comemoração do 11.º aniversário da morte de D'Annunzio na Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, vendendo da esquerda para a direita: Dr. Cesar D. Batista, representante do Governo Paulista; Yacira Gomes, secretária da Academia de Letras do Distrito Federal; o conferencista e declamador Carlo Prina, o presidente da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, Arnaldo Delorenzo; a acadêmica Maria Aparecida; o acadêmico erador, Astor Guimarães Dias e outros intelectuais e universitários.

COMEMORAÇÃO D'ANNUNZIANA

Acaba de passar o 11.º aniversário da morte do grande poeta Gabriel D'Annunzio, considerado "pai dos escritores e poetas modernistas". Os acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo levaram a efeito no salão nobre daquele instituto de ensino superior uma solenidade que deixou a melhor impressão a quantos à mesma compareceram, comemorando o aniversário do passamento do imortal vate e prosador.

O aplaudido escritor e declamador Carlo Prina discorreu com brilho sobre a obra complexa e monumental de D'Annunzio, estudando-lhe a personalidade, desde as páginas do seu paganismo sensual, até ao estágio de purificação do poeta de imortais concepções, como nas obras "Libro delle vergini" e "Il trionfo della morte".

E' curioso e oportuno salientar neste registro que, mais uma vez, ficou provado nunca ter sido D'Annunzio um fascista, incitador de Mussolini na sua megalomania de dominar o mundo com os seus camisas negras, aliado a Hitler, com os camisas pardas. Na severa e cabal análise que fez Prina nas comemorações promovidas pelos universitários de direito de São Paulo, desmentiu-se a balela, provando-se à saciedade, que D'Annunzio sempre resistiu contra a aliança guerreira e imperialista de Mussolini com Hitler, opondo-se firmemente a tal união, que sempre lhe pareceu funesta ao destino de sua pátria.

Espírito lúcido, patriota e democrata, D'Annunzio sempre ficou ao lado do Direito contra a opressão, e todos nos lembramos ainda de sua atuação pacifista contra a entrada da Itália na luta de 1914 ao lado da Alemanha e da Áustria. Certa vez ele voou sobre Viena, já estando a Itália ao lado dos aliados, e de seu aviãozinho de turismo jogou folhetos de paz e não bombas. Era um idealista, um místico, uma alma iluminada em busca do Infinito.

14 AUTORES PARA UM SONETO!

O intelectual e jornalista pernambucano, Anísio Galvão, tão cedo roubado à vida, era um monje de tenacidade e rebusca em matéria de letras. Herdou de seu pai, Zeferino Galvão, esse gosto pelas conquistas do espírito, pela pesquisa, pela análise dos grandes homens.

Poeta, ele também, era um apaixonado pelos versos dos maiores vates de nossa língua e de muitos do estrangeiro, especialmente os franceses, espanhóis e italianos. E, com paciente estudo igual a qualquer quebracabeça, organizou um soneto composto de versos de catorze outros sonetos de catorze autores! Como uma das mais interessantes curiosidades literárias, aqui reproduzimos o famoso soneto de 14 autores e as fontes das quais Anísio Galvão, autor de "Vida que corre", formou sua admirável descoberta:

CONFERÊNCIA EXISTENCIALISTA



14 assuntos super-transcendentais de seu próximo livro ao compasso de uma zumba

VIDA LITERÁRIA

E L A

Contemplativa e lânguida à janella,
Daí vê despontar a luz da aurora;
Rescendem flôres na amplidão sonora,
Tudo palpita com a presença dela.

Primavera que anima e revigora,
Como em meio das belas a mais bela,
Na alma o candor ináculo da estrêla,
E o sol do amor que não entrava outrora

Olhos meigos e bons, serenamente,
São duas asas a ensaiar adejos
De côres, de perfumes e de harpejos.

E então, de dia, em rosa abre o seu riso,
Esse raio auroral do Paraíso,
Na boca em flôr da carne pubescente.

Esses seus autores:

Contemplativa e lânguida à janella (Raimundo Correia, Vesper).

Daí vê despontar a luz da aurora (Moreira de Vasconcelos, Soneto).

Rescendem flôres na amplidão sonora (Paulo de Aruda, Deserdados).

Tudo palpita com a presença dela (Alberto de Oliveira, O leito da romana).

Primavera que anima e revigora (Alexandre Fernandes, De joelhos).

Como em meio das belas a mais bela (Fontoura Xavier, Soneto de Shakespeare).

Na alma o candor ináculo da estrêla (Vencesláu de Queiroz, Primeira Comunhão).

E o sol do amor que não entrava outrora (Olavo Bilac, Soneto).

Olhos meigos e bons, serenamente, (Hermeto Lima, Olhos).

São duas asas a ensaiar adejos (Alphonsus de Guimarães, Lábios).

De côres, de perfumes e de harpejos (Arnaldo Damasceno Vieira, Ameaça).

E então, de dia, em rosa abre o seu riso, (Luiz Delino, O mal da vida).

Esse raio auroral do Paraíso, (Luiz Guimarães Júnior, De joelhos).

Na boca em flôr da carne pubescente. (B. Lopes, Marcha dos beijos).

"DRAGÃO DO MAR"



O repórter Edmar Morel recolhe impressões de D. Elvira Pinho, a última sobrevivente da epopéia: a luta do povo contra a escravatura em 1884

A luta que o Ceará sustentou contra o tráfico dos escravos, com o que, quatro anos antes de 13 de maio de 1888, já havia libertado os seus 36 mil braços negros, deu oportunidade a que se exaltasse a figura de um jagadeiro daquelas praías e herói da emancipação: Francisco José do Nascimento, cognominado "O Dragão do Mar".

E' em torno dessa figura de lutador, sua vida, sua história, sua presença na Corte de D. Pedro II, em plena efervescência abolicionista, que gira o novo livro de Edmar Morel, intitulado "Dragão do Mar", narração-reportagem do mais alto interesse.

Ao lado de Francisco José do Nascimento, são focalizadas outras personagens da campanha da abolição, sobressaindo-se dentre elas, José do Patrocínio. Quando estava ele em Paris, ali publicou o opúsculo "L'Affranchissement des Esclaves de la Province de Ceará, au Brésil", tendo enviado um dos volumes ao jornalista José Teles Marrocos. Numa das páginas de abertura da obra, há esta dedicatória: "Meu caro Marrocos, Tu foste o jagadeiro da imprensa libertadora, o pé descalço glorioso que fechou com a sua pena o oceano do espírito cearense à infame pirataria. Permite que eu te aperte a mão no dia da imortalidade. Paris, 25 de março de 1884. José do Patrocínio."

ESPÍRITO DOS ESCRITORES

Voltaire não tolerava Rousseau no que era pago na mesma moeda. Sempre que havia uma oportunidade, eles trocavam gentilezas atordoantes. Quando saiu a público a "Ode à Posteridade" de Rousseau, Voltaire não perdeu a ocasião para dirigir-lhe esta flexada: "Eis aí uma encomenda que jámais chegará ao destinatário".

★

William Faulkner, um dos maiores escritores norte-americanos da atualidade, e que o público brasileiro conhece através de suas obras traduzidas para o vernáculo, "Santuário" e "Luz de Agosto", explicou há pouco tempo, a um reporter, como se tornou escritor. Disse ele que isso aconteceu por simples casualidade. Depois da primeira guerra mundial, estava a perambular pela cidade de Nova Orleans, quando topou com Sherwood Anderson. Pensando que Anderson levasse boa vida escrevendo algumas horas por dia e passando as noites a beber e a tagarelar, resolveu William escrever uma novela à que deu o nome de "Soldier's Pay". Quando acabou a obra, levou-a a Sherwood Anderson, que lhe disse: "Bill, se você promete não me obrigar a ler isto, eu peço a Horace Liveright que edite..."

★

Definindo o que era a superstição, Voltaire teve este lampião: "A superstição está para a religião, como a astrologia está para a astronomia: é a filha maluca de uma mãe sábia".

★

Paulino era um ator que fazia o odioso papel de tirano Polifonto, no drama que descreve as desgraças de Merope, filha de um rei da Arcadia. Voltaire, que muito sabia aproveitar-se desses episódios mitológicos levando-os ao teatro, notou certa noite em que ceára com a marquesa du Chatelet, que havia certas incorreções no diálogo do primeiro ato entre Polifonto e d'Erox. Corrigiu tudo e mandou um próprio entregar ao ator naquela mesma noite a parte consertada. O portador ficou admirado e observou:

— E' mais de meia noite, senhor, e conviria deixar para amanhã...

Voltaire insistiu:

— Não! Hoje mesmo! Agora mesmo! Vá! Entregue-lhe a cena!

— Mas, a esta hora, estará dormindo o artista!

— Qual nada! Vá... os tiranos nunca dormem...

★

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

Aqui está uma estatística desconhecida do povo, relativamente ao serviço que está prestando ao país o I. N. L., organização dirigida por Augusto Meyer. Até dezembro de 1948 era esta a relação de livros distribuídos pelo mesmo Instituto: Alagoas, 8.948; Amazonas, 8.872; Bahia, 31.947; Ceará, 18.418; Distrito Federal, 55.047; Espírito Santo, 12.286; Goiás, 8.405; Maranhão, 10.916; Mato Grosso, 7.844; Minas Gerais, 98.908; Pará, 6.531; Paraíba, 26.295; Paraná, 63.661; Pernambuco, 16.456; Piauí, 11.198; Rio Grande do Norte, 12.967; Rio Grande do Sul, 66.738; Estado do Rio, 62.341; Santa Catarina, 67.020; São Paulo, 167.634; Sergipe, 4.761; Território do Acre, 2.248; Território do Amapá, 1.654; Território do Guaporé, 1.213; Território do Iguaçu, 3.215; Território de Ponta Porã, 663; Território de Rio Branco, 263; bibliotecas e instituições no estrangeiro, 30.572. Total: 807.032 volumes.

DURA FRANQUEZA



— Professor, espero que o nosso Clube do Livro escolha sua próxima obra como um ato de justiça, e não apenas com o pretexto de distribuir alguns exemplares de graça



O Pericón, dança nacional uruguaia, lembra as quadrilhas e encanta pelo colorido das vestes, pela graça das gauchinhas e pelo desembaraço dos campeiros ao mostrar sua técnica de sapateadores. Num ritmo alegre, ele reúne os camponeses das fronteiras do Brasil, Uruguai e Argentina

ENCONTRAM-SE OS "REIS DO PAMPA"

"UN PAIS QUE CORTA SUS AMARRAS CON EL PASADO, ES UN PAIS QUE SE MUERE EN CADA GENERACIÓN, QUE EMPEZA Y NO CONTINUA, QUE SE OLVIDA DE LO QUE IBA DICIENDO, QUE VIVE SÓLO EN EL PRESENTE, QUE ES LA MANERA DE NO HABER VIVIDO NUNCA Y DE NO LLEGAR A VIVIR JAMÁS" — José Goyena

Reportagem de LUIZ CARLOS LESSA



Fotografia de PHOTOMATON



Não é força de expressão, leitores: mas houve gaúchos, no desfile do "Dia da Tradição", que apresentaram — no arreio, no cinto e na faca — riquezas, cujo valor andaram beirando um milhão de cruzeiros. Relíquias da conquista espanhola...

Trago lembranças de pampeiros nos ouvidos
E saudades de trevos nos meus pés!
Meu coração é uma planta silvestre
Que trouxeram,
E é como essas plantas arrancadas,
Que trazem sempre nas raízes
Os pedaços da terra em que nasceram...

Assim canta o poeta Vargas Neto a sua saudade da querência. Assim ralam todos os gaúchos apartados do solo em que nasceram. "Querência" para o gaúcho, é o que há de mais caro. Querência é o pedacito de chão onde ele nasceu, é a planura que seus olhos pela primeira vez miraram num espanto infantil. Querência é a recordação das primeiras galopadas pelo pampa, montado num petiço bom como nenhum. Querência é o mugido dos bois nas noites de tropeada, é o gemer das carretas correndo caminhos, é o grito dos quero-queros alvoroçando a solidão. Querência são as velas de esperança acesas nos troncos das figueiras, pedindo ajuda ao Negrinho do Pastoreio. Querência são as histórias palpitantes de revoluções, contadas na roda do mate amargo. Querência é o rincão. Querência, num sentido mais amplo é a pátria.

Talvez a principal característica do gaúcho seja esse apaixonado amor ao torrão natal. Se dele se afasta, a saudade do rancho, do cavalo e da planura será sempre uma espera a rasgar-lhe o coração.

Foi esta saudade do "pago" a primitiva causa da formação de grêmios gauchescos nas principais cidades da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul. Este movimento saudosista gradativamente foi transformado numa campanha tradicionalista, com a organização de centros de estudos folclóricos e históricos que procuravam buscar nos exemplos das gerações passadas o rumo a ser trilhado pelas gerações futuras. Na Argentina e no Uruguai os clubes nativistas datam já do século passado. No Rio Grande, embora iniciados por volta de 1910, o movimento regionalista foi cessando pouco a pouco, até inflamar-se, novamente em nossos dias, com a fundação, em Porto Alegre, do "35" — Centro de Tradições Gaúchas, agremiação composta em sua maioria pelo elemento estudantil.

É fato incontestável que o progresso vai, a passos lar-



O estudante João Carlos Paixão Côrtes, iniciador do atual movimento tradicionalista no Rio Grande, abriu o desfile gauchesco, empunhando a bandeira do Brasil. Note-se a sua vestimenta, representando o gaúcho antigo do Rio Grande do Sul



Don Morales, veterano de duas revoluções, reside há 20 anos em Montevideo, mas, envergando suas bombachas, a alma que é "criollo en toda parte". E deseja que o "Novo Rumo" procurado pelo gaúcho oriental não deslize dos caminhos trilhados pelas gerações passadas...



Em plena Montevideu, uma das cidades mais progressivas da América, encontram-se cenas como esta, relembrando a época ruí em que a carreta era um símbolo de civilização. Tudo o que é "criollo", pátrio, nativo, é olhado pelo povo uruguaio com um que de reverência sagrada

A representação brasileira foi composta de membros do "35 — Centro de Tradições Gaúchas" e do "Clube Farrap", que levaram a s irmãos uruguaio, num símbolo de fraternidade, uma autêntica lãna gaúcha que lutara nas revoluções rio-grandenses de 1803 e 1913...

gos, modificando os hábitos e costumes dos "monarcas das coxilhas", e já se vê próximo o dia em que o pampa, olvidando a sua vida pitoresca de antanho, seja todo tomado pela benfeitoria da civilização. Que restará, então, daquela raça heróica das planícies do Prata e do sul do Brasil, raça que, cruzando fronteiras, lançou longe os seus poemas de civismo escritos à pata de cavalo? Que restaria do matracar das cavalarias avançando na luta pela liberdade do povo americano? Quem cantaria, passados anos, a história sublime dos homens que selavam compromissos com um fio de barba? Quem pelos tempos afora, tentaria conservar, de geração em geração, as virtudes herdadas daqueles homens rudes que, em sua rudeza, nada mais haviam aprendido do que amar a trindade escrita no seio das coxilhas: Pátria, Liberdade, Honra?

Foram estas perguntas, também, que levaram os gaúchos a fundar os clubes tradicionalistas citados, revivendo as danças primitivas, enfumando-se nos arquivos em busca de histórias do passado, misturando tintas na apresentação de quadros campineiros, moldando o bronze em vultos "crioulos" e atirando à batuta dos maestros a sinfonia dos cânticos pátrios.

Nas Repúblicas Platinas, o nativismo, simbolizado no gaúcho, tem o aspecto de um culto sagrado. Montevideu, que bem poderia ser chamada a "Cidade dos Monumentos", apresenta em cada canto uma figura gaúcha imortalizada no bronze. "La Carreta" talvez seja o monumento mais conhecido da América. E ao lado dela encontramos as impressionantes estátuas do Gaúcho, do Peão de Estância, do Tropeiro, do Gaúcho Ferido, Novo Rumo, Três Cacicais, Velho Viscacha, Índio Charrúa e uma dezena de outros.

Na Argentina, verifica-se esta influência gauchesca principalmente na pintura e na música. As caricaturas de Molina Campos ("Alô, amigos!", de Walt Disney) trans-



Os gaúchos brasileiros (note-se os chapéus de aba mais larga), ao lado dos uruguaio e do repie en an e argentino, homenageiam a tradição "criolla", frente ao 1.º monumento erguido a Artigas, sobre pedras dos doze departamentos uruguaio

puseram as fronteiras do Prata; e a música nativa vai desde os salões de festas até o palco dos grandes teatros. Nos bailes populares de Buenos Aires, há um momento em que o "jazz" cessa a barulhada dos "swings" e um conjunto de guitarras traz o compasso harmonioso das "zambas" e "gatos", enquanto os dançarinos, com os lenços esvoaçando, iniciam os sapateados tradicionais. Dessa infinidade de tanços que se espalham pelas nações sul-americanas, 50% serão "criollos", bastando lembrar o maior sucesso musical de 1947: "Adós, Pampa Mia". E no Teatro Colón, aplaude-se "Facundo" e "El Matrero" com o mesmo entusiasmo com que se aplaude "Fausto".

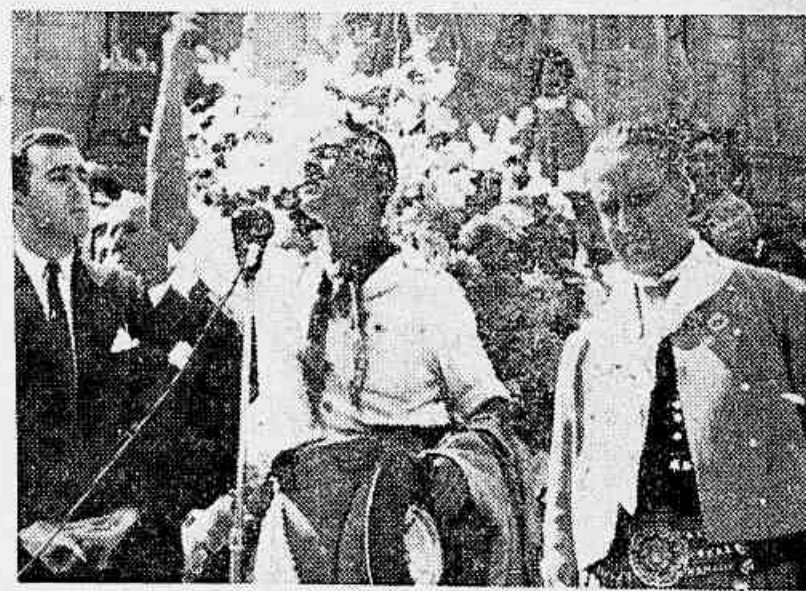
No Rio Grande, o movimento ainda é incipiente, mas pouco a pouco vai tomando um plano elevado na cultura regional. E na literatura que encontramos o maior campo de ação do tradicionalismo rio-grandense. Os estudos folclóricos, os contos e romances gauchescos, as investigações históricas — corrente iniciada em princípios deste século por Alcides Maya, Varela, Assis Brasil, S. M. Lopes Neto — são hoje uma característica do movimento literário do Estado sulino. O próprio escritor Érico Veríssimo, narrador citado no por excelência, foi procurar na formação social do Rio Grande a base de seu próximo "Jornada". E enquanto os intelectuais trazem à letra de fôrma as coisas típicas do sul, os jovens do "35" — Centro de Tradições Gaúchas, — pelas cordas de suas violas pelas suas conferências, pelas suas danças campineiras e pelos seus cavalos pisando o asfalto de Porto Alegre a 20 de Setembro, apresentam ao visitante curioso uma visão do Rio Grande do passado.

Entretanto, estes três movimentos tradicionalistas que encontramos na Argentina, no Uruguai e no sul do Brasil, foram sempre apartados, nunca tiveram um abraço fraternal unido idênticas aspirações. Não pudera ainda o gaúcho brasileiro conhecer de perto a "alma crioula" dos irmãos uruguaio e argentinos. Foi este ano, pela primeira vez, que os gaúchos das três nações sul-americanas puderam dançar ao som da mesma guitarra, comer do mesmo churrasco e cavalgar lado a lado, num adlope compassado pelas ruas de Montevideu. Trata-se dos festejos anuais do "Dia da Tradição Uruguaia", patrocinados pela "Sociedade Criolla Dr. Elías Regules". Nessa data, feriado nacional, todo o povo da República Oriental volta os olhos para as gerações passadas, cultivando-lhes a

(Continua na pág. 51)



O movimento tradicionalista uruguaio não perecerá com esta geração. Há um interesse em propagar, de pais a filhos, esse amor às coisas pátrias. Daqui a alguns anos, um gaúcho mais jovem estará utilizando o arreio praticado de don Fernando. E o "Dia da Tradição" não morrerá



Frente ao Monumento ao Gaúcho deteve-se o desfile gaúcho, e usou a palavra o estudante Antônio Cândido, presidente do "35", centro gauchesco de Porto Alegre. Observe-se a fivela de ouro do cinto campeiro do Dr. Rodríguez Lopez, secretário da "Sociedad Criolla"...



Outra dança nativa é o "Gato", de difícil execução em vista da multiplicidade de variações. Há um momento em que um dos pares vai ao centro da roda, e trocam-se versinhos amorosos de uma simplicidade encantadora. Outras danças: Baileito, Zamba, Escondido, Firmeza...



No desfile do "Dia da Tradição" tomaram parte mais de duzentos gaúchos dos mais diversos pontos do Uruguai. Muitos deles permaneceram na capital até a Semana Santa, quando se realizam os concursos anuais de proezas gauchescas, uma das grandes atrações turísticas de Montevideu



Enquanto predomina no vestuário do gaúcho platino a cor escura, o gaúcho brasileiro leva até o modo de vestir a alegria de seu temperamento folgazão. Chapéu de barbicacho negro, lenço vermelho, pala amarelado com franjas marrons, bombacha azul-claro — eis como se veste este campeiro de Itaquí. R. G. S.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Realmente, não pode haver felicidade para você. Se você vive imaginando o que poderia ter sido a sua vida ao lado de outros namorados que você teve, se você vive preocupada com a idéia de haver feito uma escolha errada, não pode, de forma alguma, haver felicidade para você.

O homem que você escolheu para seu esposo foi objeto, ou deveria ter sido, de um estudo demorado e, se mesmo encontrando competidores ele conseguiu satisfazer é porque deve possuir qualidades. Pois se você o escolheu, se você o destacou dos demais, se você se sentiu mais inclinada por ele, porque então pensar que poderia ser mais feliz ao lado de outro? Francamente, o defeito deve estar em você e não nele; você é que anda irritada, você é que é demasiadamente ambiciosa ou simplesmente invejosa.

Há mulheres assim, que não podem ver ninguém bem sem que fiquem despeitadas ou indignadas por não se encontrarem em idênticas situações.

Talvez você julgue que ele, o seu esposo, não tenha progredido bastante, principalmente quando o confronta com aquele outro, seu ex-candidato e que hoje está tão bem! E como veste bem a sua esposa, e como gasta!

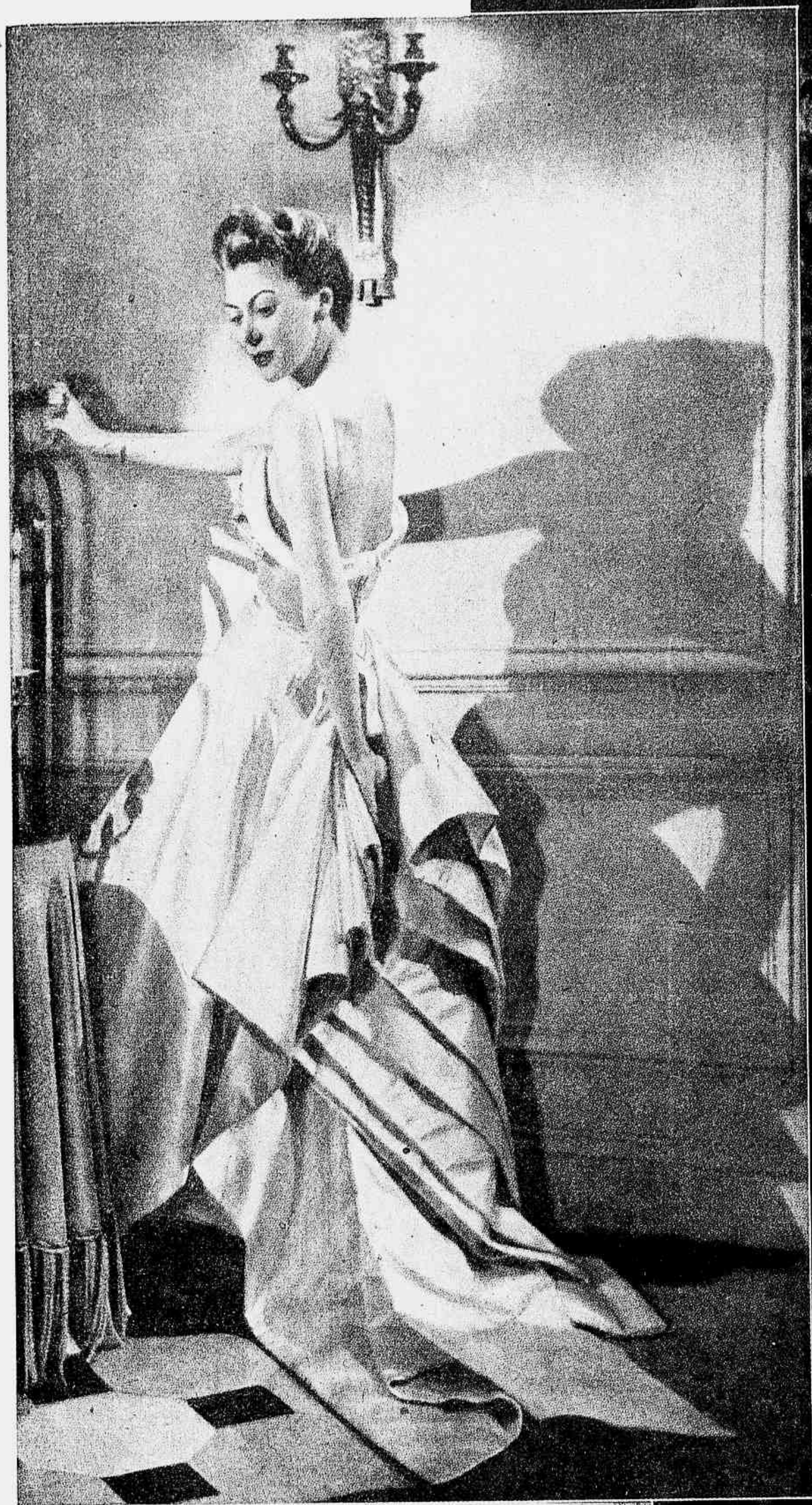
E' isso o que lhe dói. Quem sabe, porém, se o pouco progresso do seu marido não é também em parte devido à sua falta de estímulo, às suas constantes queixas e admoestações? Quem sabe mesmo se o seu marido não perdeu o entusiasmo devido às suas frequentes lamúrias? Sim, porque homem algum gosta de lutar para dar conforto a uma mulher que vive se lastimando e lamentando havê-lo escolhido... Eles preferem lutar por criaturas mais compreensivas, mais amigas, mais honestas. Creia, com esse seu sistema, você não arranja nada; ou melhor, o que pode arranjar é desgostar totalmente o seu esposo ao ponto de fazê-lo procurar alguém que o compreenda melhor... Aí então você se queixará muito mais. O seu "ex-futuro" é tão fiel à esposa... E' porque ele, minha cara, teve a ventura de não se casar com você... Sim, porque certamente ele teria a mesma vida que tem o seu atual esposo; é possível até que este passasse então a ser o homem perfeito...

Deixe de olhar para aqueles que poderiam ter casado com você; deixe de invejar os vestidos, os perfumes, os luxos das outras mulheres; procure se interessar mais pelas ocupações, pela tranquilidade e pelo bem-estar do seu próprio esposo e as coisas melhorarão para o seu lado, você verá...
— O. B.





Note



CHRISTIAN Dior, Jean Dessès, Marcelle Chaumont, são os criadores desses modelos de grande beleza e suntuosidade. Christian Dior ainda prefere as saias amplas, dando-lhes novos e arrojados movimentos.



As FLORES DE PAPEL

CONTO DE LILIA DE BARROS
ILUSTRAÇÃO DE JERONYMO RIBEIRO

DE tardezinha, quando começa a escurecer, é triste na fazenda. É a hora em que o gado volta ao curral, mugindo tristemente. Em que o fogo-apagou recolhe e guarda a sua vozinha doce e vai procurar no ninho a companheira. Em que a araponga fecha os olhos e silencia, para no dia seguinte começar de novo a malhar o grito na bigorna. Em que os patinhos assustados fogem da lagoa, buscando pressurosos as asas quentes e acolhedoras da mãe, com medo da noite fria e que se aproxima. E em que o bezerrinho novo que nasceu chora sentido longe da vaca.

É a hora triste do anoitecer na roça. Hora em que o colono, de enxada ao ombro, retorna ao lar.

Dai a pouco tudo é paz e quietude. A natureza, cansada de um dia exaustivo, enudece e repousa. E as estrelas começam a brilhar lá no céu. É como outra noite que desce sobre a fazenda.

A essa hora eu gostava de ir até a colônia velha, a fim de dar uma prosinha com o Fulgêncio. Ficávamos os dois à porta da sua casa, ele descascando uma vara com o facão, eu sentada num tóco de pau, os cotovelos fincados nos joelhos, o olho atento, nem piscava, caçando ainda no ar as suas palavras, devorando aquelas histórias tão maravilhosas que ele ia me contando com o sabor gostoso do homem simples e ingênuo do sertão. Depois, quando anoitecia de verdade e eu tinha medo da escuridão, voltava correndo para a casa da fazenda e lá, no meio de risos e de brincadeiras, as histórias que ouvira se perdiam na minha imaginação. Só no dia seguinte, àquela mesma hora cheia de magia, elas voltavam para mim, ansiosas por companhia nova, e eu ia então de novo à colônia em busca daquela poesia tão linda, daqueles casos tão pitorescos, tão cheios de vida, que só o velho Fulgêncio sabia contar.

Mas aquela noite, quando voltei para casa, vinha assim com um peso no coração, com um nó na garganta que estrangulava. A história fôra tão triste... tão triste... Uma história mais triste que a própria tristeza... mais dorida que a própria dor... Era a história da Piedade.

Estávamos à porta da casa de Fulgêncio, ele como sempre descascando uma vara, eu sentada no tóco de pau, quando ela passou. O pequenino corpo curvado, a lata cheia d'água equilibrada no alto da cabeça, os pés descalços se enterrando na lama que a chuvinha da manhã tinha deixado no caminho, vinha voltando da bica. Acompanhamo-la com o olhar até que a curva da estradinha que vai à colônia nova a escondeu. Ai então o Fulgêncio jogou ao chão a vara e o facão, num gesto de desânimo e abandono, suspirou forte e, passando de leve as costas da mão nos olhos, começou a me contar a história.

Todos a conheciam como a ceguinha. Era feia, mirrada, com uma corcunda. Morava ali na última casa da colônia nova, essa mesma casa onde nascera, onde vira o sol brilhar dourado através da janela da cozinha, onde lhe morreram o pai e a mãe e onde hoje tem um cantinho ameno com as outras crianças, que o coração bondoso do Antônio e da Vicência lhe proporciona.

A desgraça não lhe pesava. Acostumara-se a ela como quem se acostuma com o ar que respira, com a terra onde pisa, desde quando, pequenina ainda, perdera os pais e a vista. Aquela doença os levou um dia de repente. Esta foi sumindo devagarinho, desvanecendo suave, de mansinho, tão de mansinho, que ela nem ia

percebendo. Mas certa manhã o sol nasceu jorrou como sempre dourado através da janela da cozinha, e ela não o viu. Estava cega.

As mãos do Fulgêncio tremiam; ele teve de pegar de novo na vara e no facão. Fingindo descascar, pra disfarçar a comoção, continuou

Aquilo fôra há cinco anos. Hoje ela tinha treze. Morava ali com o Antônio e a Vicência, procurando dar o menor trabalho possível. Não incomodava ninguém; não falava quase; comia pouquinho. Aprendera o caminho até a bica, e era comum encontrarem-na carregando uma enorme lata d'água equilibrada na cabeça, que levava para casa, a fim de ajudar no trabalho. Dos tempos felizes do pai e da mãe creio que nada lhe ficara, era tão pequenina ainda. Mas dos tempos da visão restara-lhe uma lembrança bem viva: as cores. A todos que lhe falavam, só indagava uma coisa, só tinha uma pergunta a fazer — a cor de tudo que a rodeava.

Quando não ajudava a Vicência no trabalho da casa, lavando roupa, varrendo o chão ou buscando água na bica, sentava-se junto à mesa da cozinha, gozando a sua hora de felicidade.

A ceguinha fazia flores. Flores de papel, de todos os tamanhos, de todos os feitios, de todas as cores. E na sua pobre imaginação obcecada ela as via vermelhas, verdes, azuis, amarelas, num arco-íris colorido, variegado de mil tons. Somente quando suas mãos ligeiras trabalhavam, tocavam aquele papel colorido, seus olhos enxergavam e distinguiam as cores na tristeza escura das suas retinas. Assim, porém, que os dedos abandonavam o trabalho, sua mente fazia-se em confusão, as cores se baralhavam, iam fugidias esconder-se bem longe, e logo depois tudo jazia em trevas. Era o contacto com o papel colorido o arco-íris dos seus olhos.

O Fulgêncio falava agora baixinho, a voz triste, tão triste como a tarde que ia morrendo. Foi nesse momento que eu comeci a sentir aquele peso no coração, aquele nó na garganta assim que estrangulava. E enquanto isso, a noite descia cada vez mais pesada sobre a fazenda.

Segunda-feira a Vicência não acompanhava o marido à roça, pois ia à vila comprar mantimento. Nesse dia a ceguinha não desgrudava da porta, esperando. Uma, duas, três, quatro horas, às vezes a tarde toda se passava e ela não se movia do lugar, esperando... esperando... Vicência chegava de tardinha, vinha cansada, era um puxado até a vila, mais de três horas a pé, ainda por cima um sol de torrar e aquela pacotada toda. Piedade corria até ela, mal lhe pressentia os passos.

— Como vai, Piedade? — dizia Vicência com brandura. — Já sei o que você quer, espera aí, filha, que eu te dou.

E de cima de todos os pacotes tirava um, pequeno, que depositava nos braços da ceguinha.

Piedade voltava-se para ela, numa interrogação aflita.

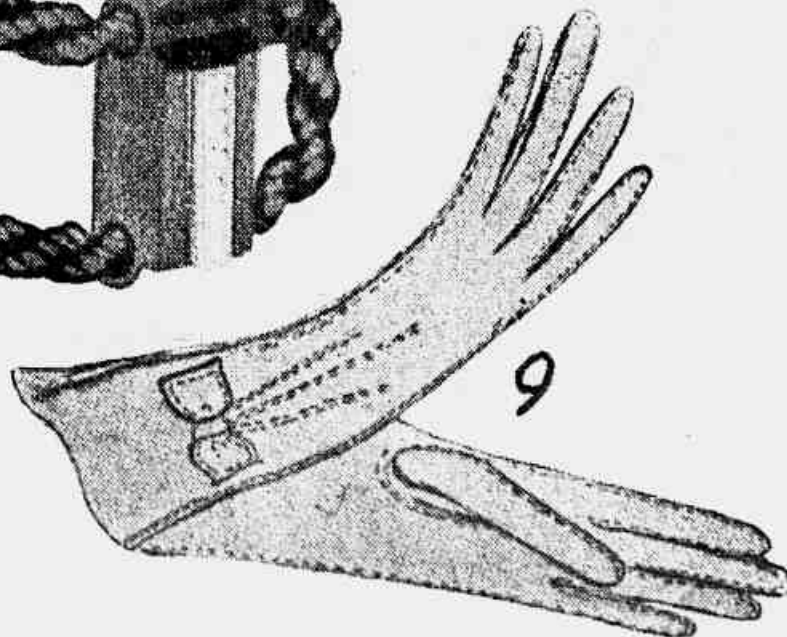
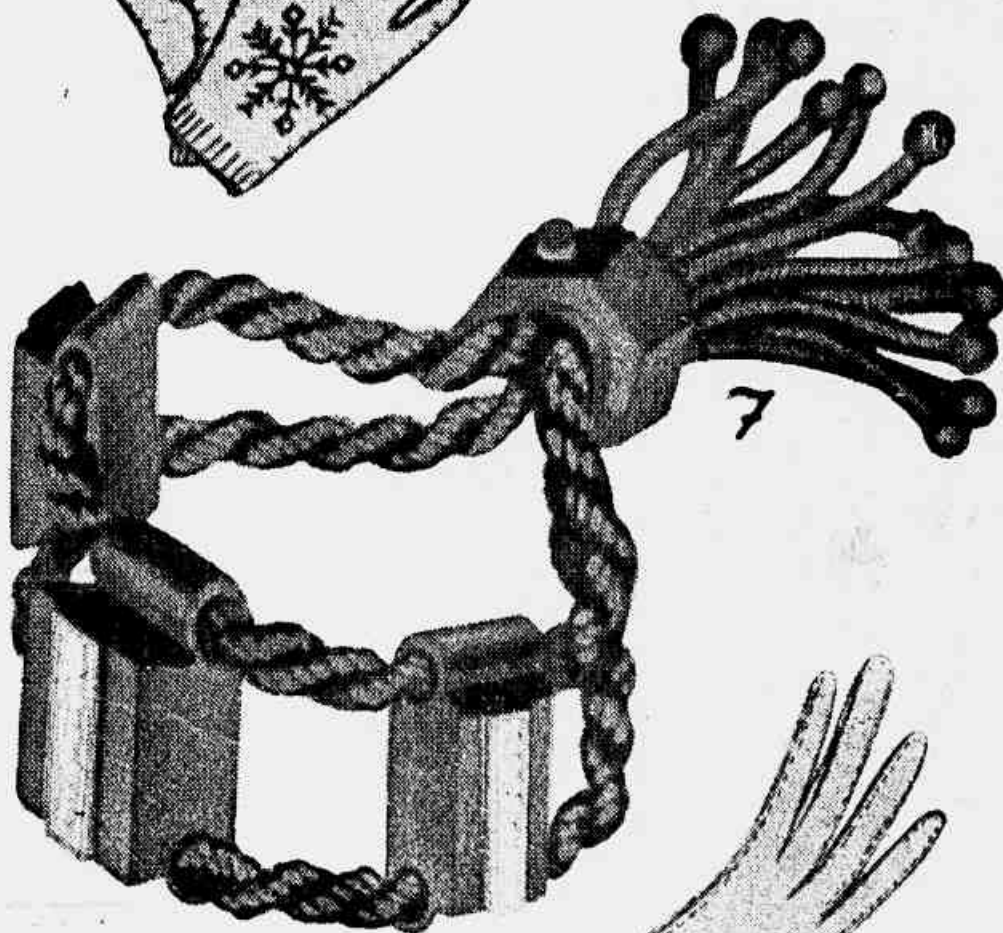
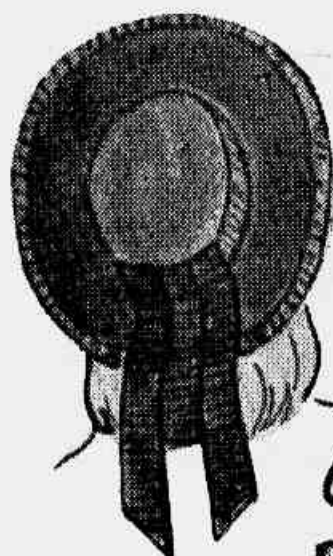
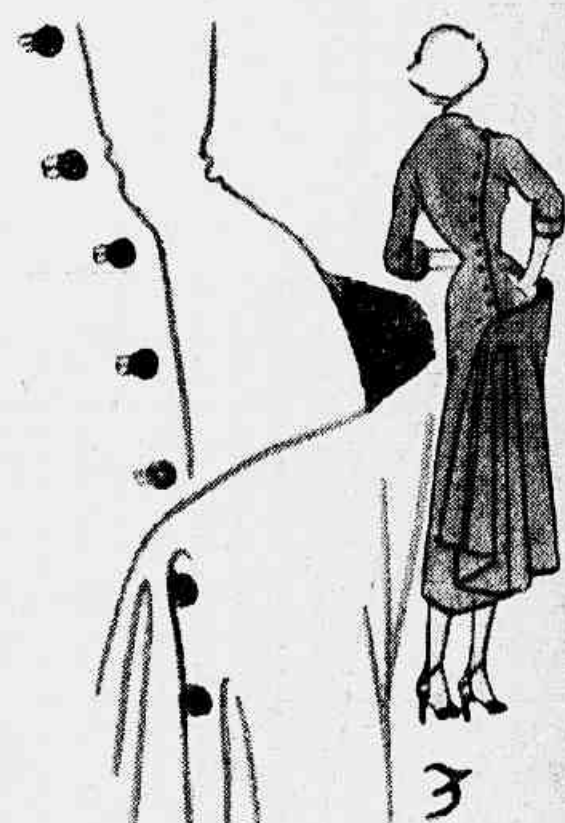
— De que cor é? — perguntava. Vicência virava o rosto silenciosa. A ceguinha não podia enxergá-la, mas mesmo assim ela queria afastar, esconder dela aquelas lágrimas que lhe revelariam toda a angústia da sua alma.

(Continua na pág. 52)

JERONYMO RIBEIRO



DETALHES
e
NOVIDADES



- 1 Magnífico colar de topázios. Bracelete igual.
- 2 Turbant em jersey branco.
- 3 Veja como é original a sala que abotoa horizontalmente no vestido.
- 4 Para a colegial, uma echarpe de lã escocesa. Pasta do mesmo tecido com iniciais recortadas em feltro.
- 5 Madeleine Vramant lançou um "tailleur" com jaqueta drapeada.
- 6 Chapéu e luvas para menina.
- 7 Original pulseira de ouro com ametistas.
- 8 Sandália para a noite em cetim preto e tiras douradas.
- 9 Luvas em camurça pespontada e com laços.
- 10 Camisola para mocinha com pala e bolsos bordados.



LUA DE MEL NO CAMPO



Inverno no campo, que horror!
O horror não será tão grande
assim se você for convenientemente
preparada. Lembre-se a lua
de mel é uma só e não convém
sacrificá-la só porque faz frio. Não
vá fazer como muitas outras que
passam a lua de mel dentro de
um hotel, com medo do frio. Sôcia,
passeie à vontade, mas não es-
queça de levar um guarda-roupa
adequado. As nossas sugestões
não poderiam ser mais próprias e
mais elegantes

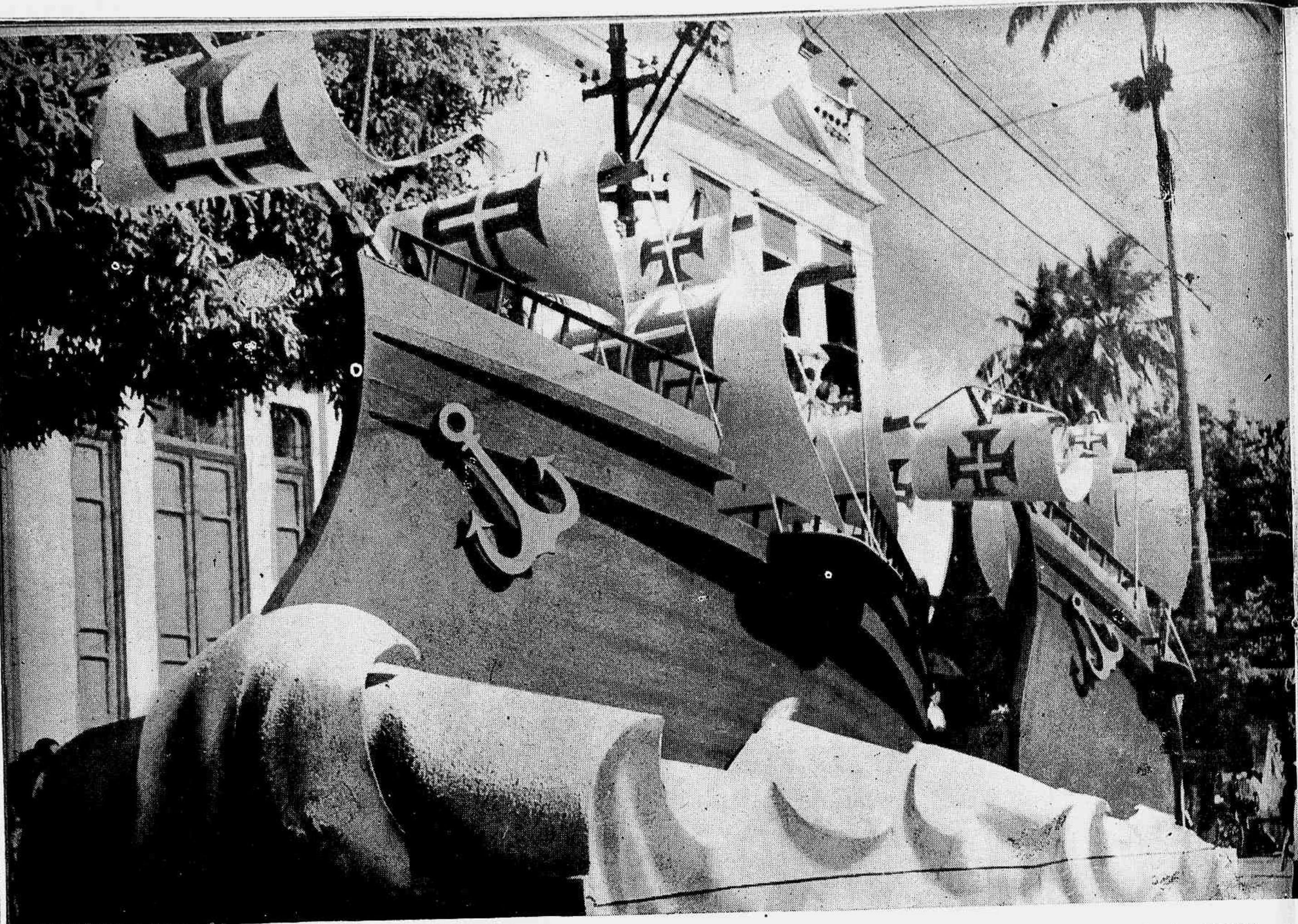
NOIVAS



De Jeanne Lavaurie, modelo em cetim com flôres aplicadas. "Demoiselle d'honneur" em veludo azul bordado a pérolas

Schiaparelli "arranja" com arte o véu dessa noiva, cujo vestido é de cetim com flôres bordadas a pérolas

De Jacques Fath, em cetim brocado, muito justo ao corpo. A jaqueta é solta, e do grande decote, atrás, sai a cauda



Naquele ano de 1549, Thomé de Souza chegava à Bahia a bordo da nau "Conceição", trazendo consigo numeroso séquito dividido por outras embarcações. A alegoria representa a frota utilizada pelo fundador da Cidade, na sua caminhada para a conquista definitiva da terra

A PARADA DOS SÉCULOS

29 de março de 1949. A Cidade do Salvador completava 400 anos de gloriosa existência, de permeio com a alegria geral e o brilho das comemorações quadri-centenárias. Entretanto, dominando o alvoroço das festi-

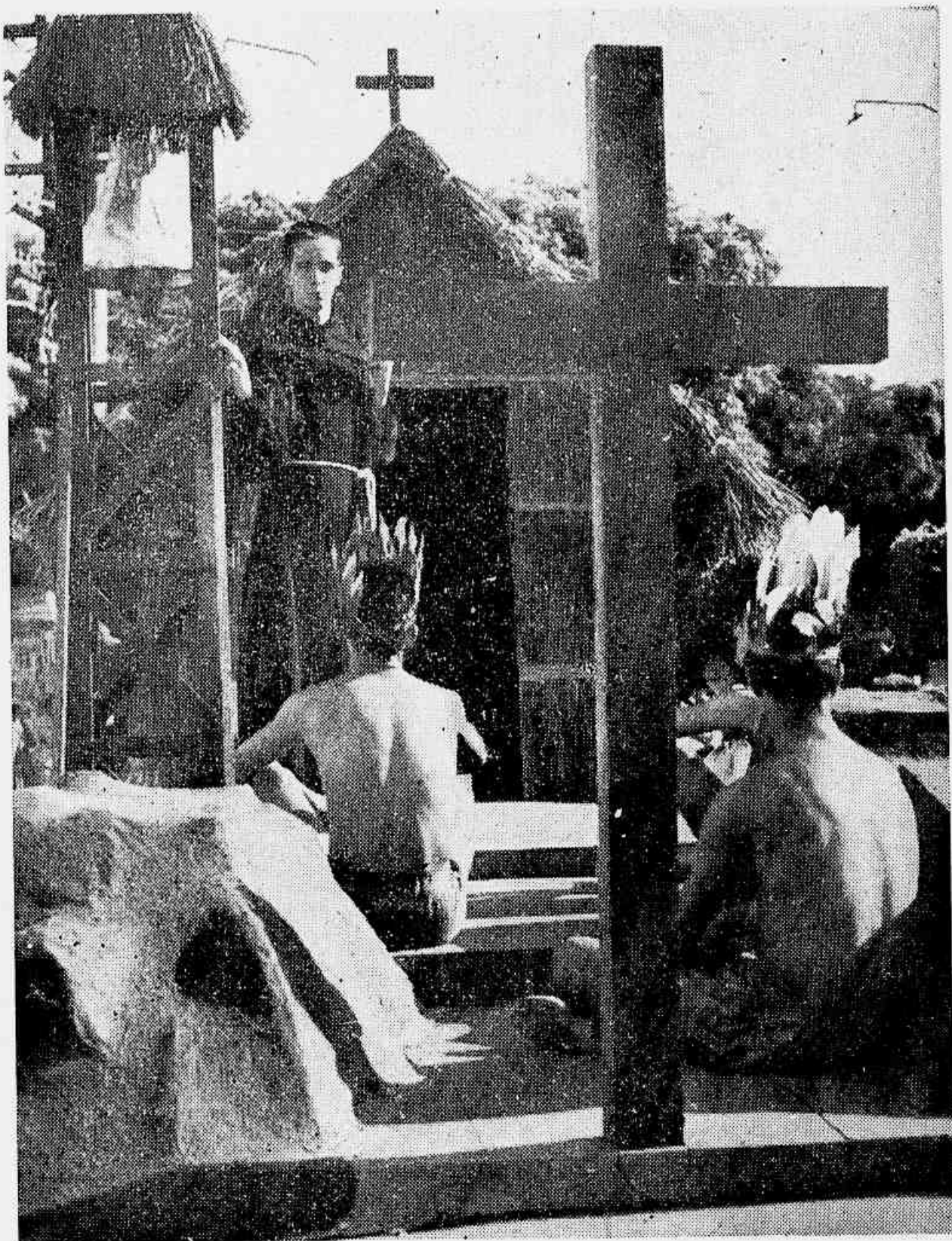
29 DE MARÇO EM SALVADOR ★ O RETORNO A UM PASSADO DE QUATRO SÉCULOS ★ DE THOMÉ DE SOUZA A RUY ★ SÃO OS FUNDADORES DA NACIONALIDADE! UM ESPETÁCULO DE INDIZIVEL GRANDEZA

Reportagem de ADALBERTO MENDES

vidades com que era exaltado tão auspicioso evento, as atenções se concentravam no anunciado cortejo dos quatro séculos da viril e altaneira história baiana. Na tarde daquele dia memorável, a multidão estendida



Gente fidalga e obreiros, soldados e homens do povo, colonos e sacerdotes, elementos de toda espécie vieram no séquito de Thomé de Souza, para construir, colonizar, povoar. A esquerda e à direita, damas e nobres daquele tempo, integrantes da numerosa comitiva. Ao centro, mulheres de colonos conduzindo animais



A catequese. Nóbrega falando aos índios. Ao fundo, a Sé de palha, a primeira Capela da Bahia. Em baixo — Com Thomé de Souza veio o mestre de obras Luiz Dias, o arquiteto da cidade. A direita — A figura máscula do Thomé de Souza, o fundador da cidade do Salvador





No começo do século XVII floriam as culturas de cana de açúcar, algodão e fumo, que, com o pau-brasil, constituíam a riqueza da terra, representada por este quadro simbólico. Em baixo — Mulheres vestidas de negro. São a própria dor da Bahia enlutada pela invasão holandesa



Em cima, à esquerda — Diogo Álvares, o Caramuru, e a índia Paraguassu, depois chamada Catharina Álvares, formaram o núcleo civilizado que Thomé de Souza foi encontrar na terra recém-descoberta. Em baixo — O invasor holandês passa vitorioso e arrogante sobre o solo conquistado





Mas a Bahia foi libertada do jugo holandês. Agora desfilam as figuras lendárias da reconquista. Passa D. Marcos Teixeira, o Bispo guerreiro, e o seu séquito de bravos, que ajudaram a libertar a terra-mater do invasor flamengo

do largo da Vitória à praça da Sé, ao longo da aristocrática av. Sete, da praça Castro Alves e das ruas Chile e da Misericórdia, aguardava impaciente. Pairava no ar uma inquietante interrogação, baloiçando em sincronismo com as fôlhas do arvoredo batidas pela brisa perene do Atlântico.

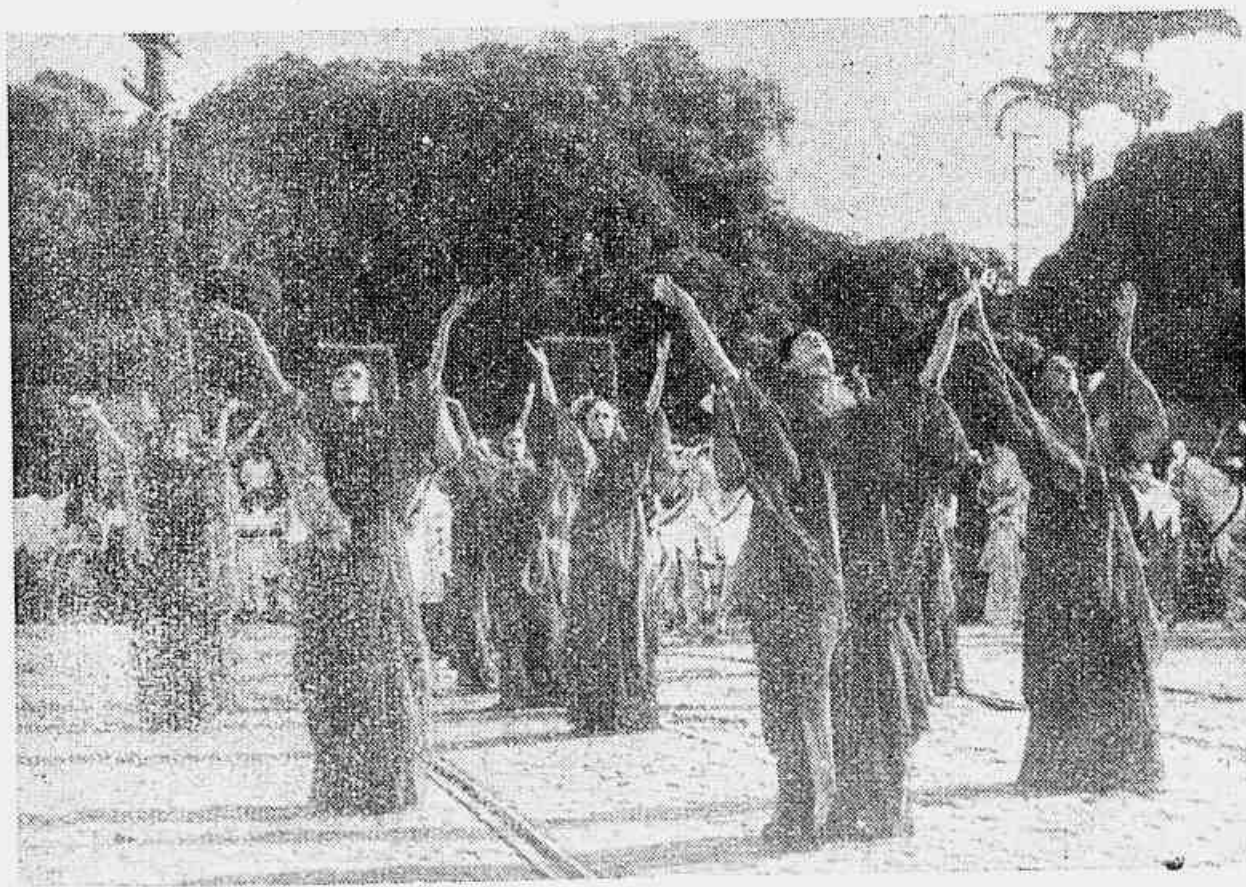
Estampava-se nos semblantes a ansiosa expectativa que precede os grandes acontecimentos. Sim! Sobre a fita de asfalto das artérias tradicionais, por onde outrora se fincaram a ferro e fogo os esteios da nacionalidade, iria passar a Bahia dos tempos idos, revivendo o passado distante em todo o seu esplendor. Essa multidão de espectadores seria daí a pouco levada às emo-

ções do desvanecimento, choraria à doce visão de Joana Angélica, de Maria Quitéria e de Ana Nery, vibraria ante o porte marcial dos bravos de antanho, e emudeceria respeitosa frente às figuras legendárias dos fundadores da Pátria livre e soberana.



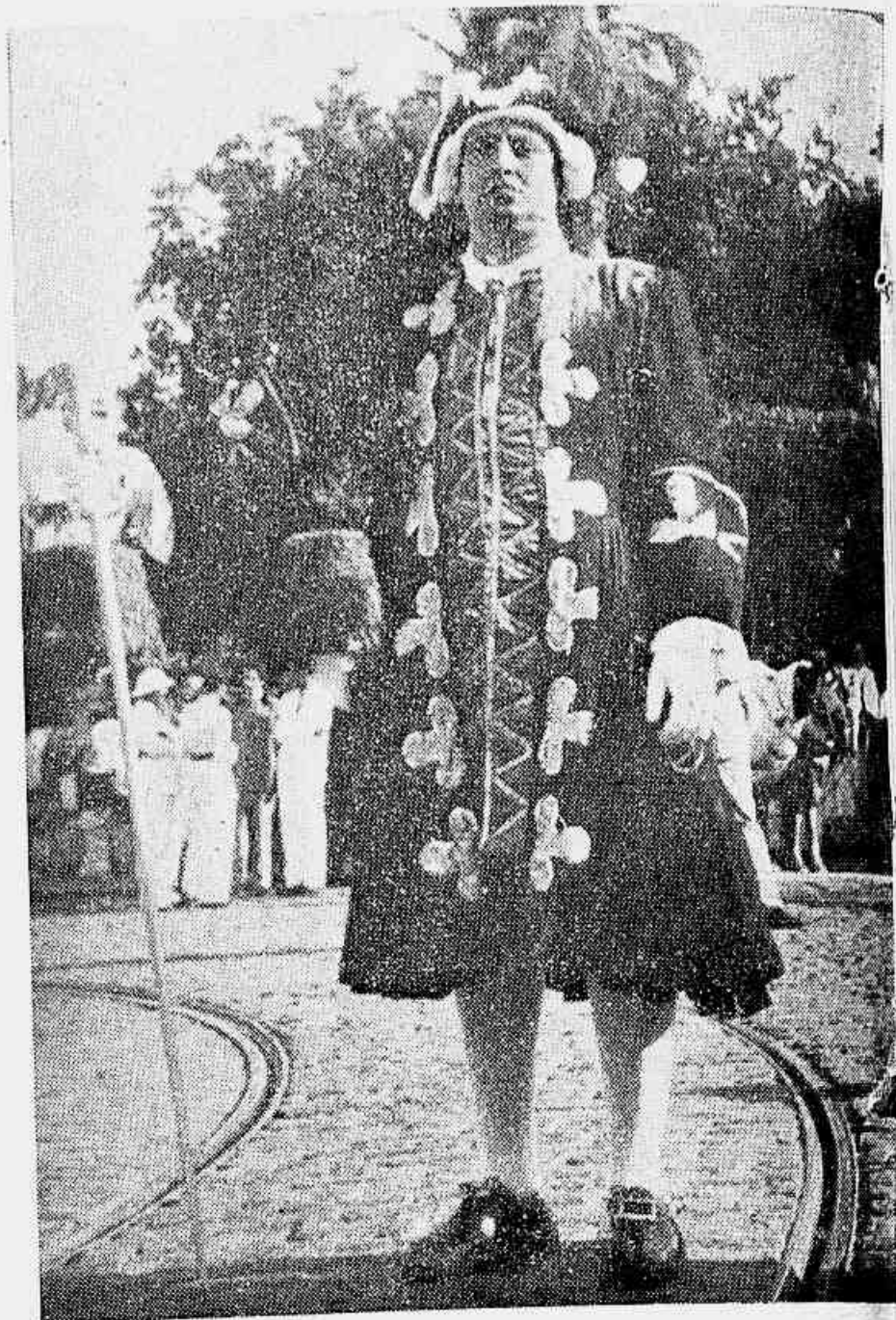
Mas deixemos o palco onde se desenrolaria o maior espetáculo dos nossos dias. Atenção, leitores! Ouvem-se ao longe os clarins anunciadores da Parada dos Séculos! Algo de indizível grandeza se aproxima. 1549! Retrocedamos, pois, no tempo e no espaço. Já se distinguem as vestes coloridas de uma fanfarrinha heróica. Ei-la que passa. As

Em baixo — E a Bahia dá graças aos Céus pela libertação A direita — O Padre Antônio Vieira no púlpito famoso. E' a apoteose ao verbo sacerdotal do vigoroso tribuno





Ao alto — As trombetas anunciam o advento do Século XVIII. Este chameleiro precede o magnífico desfile da Corte do Vice-Rei Conde de Angeja. Em baixo — Elegantes cavalheiros do Século XVIII, cujas roupagens foram feitas aqui e executadas segundo os modelos de então

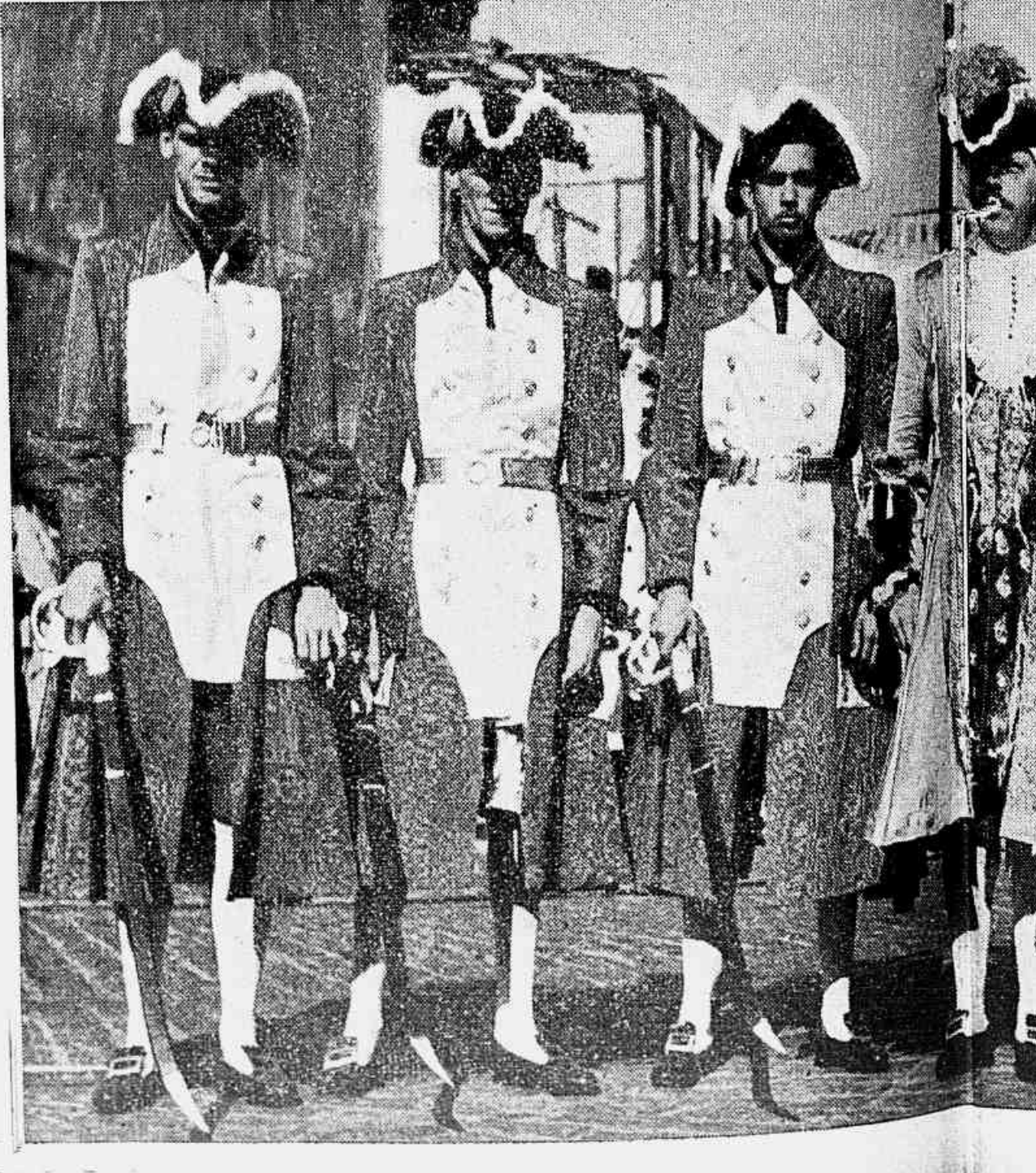
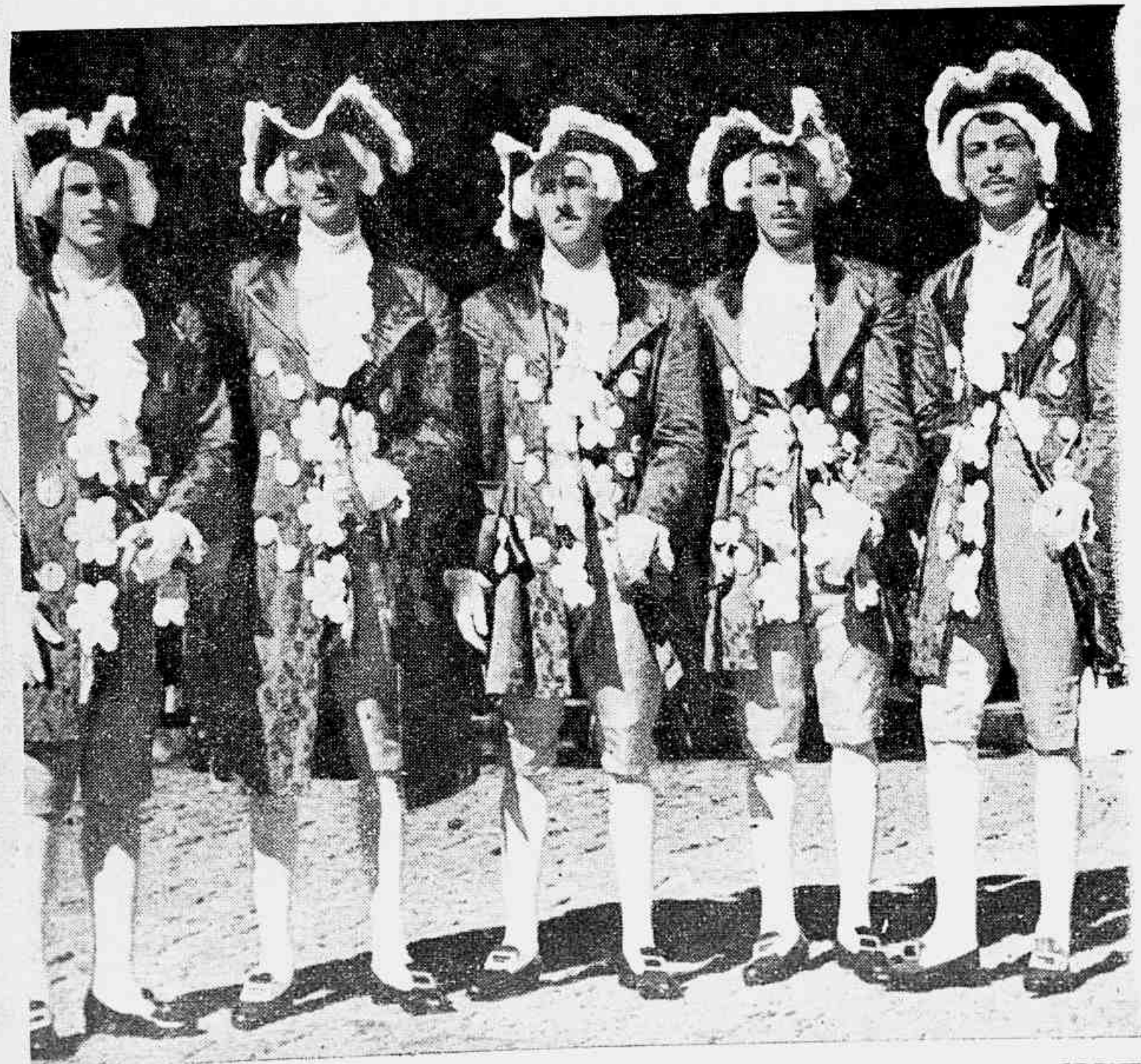


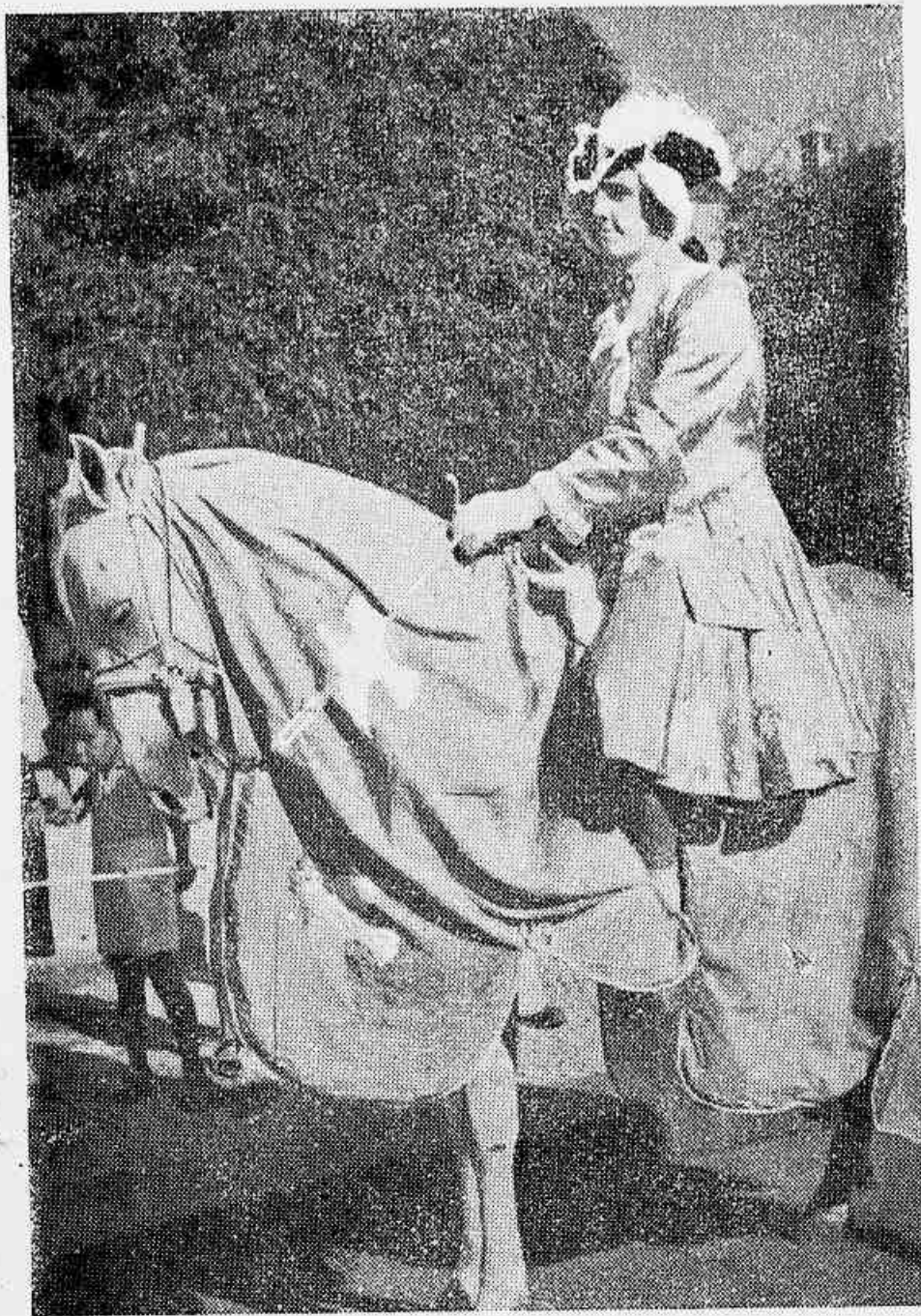
A esquerda — O pregoeiro do Vice-Rei, gordo, enorme, vem à frente talo em um corselet ricamente azeado surge este

Bandeiras do Brasil, sôltas ao vento, são conduzidas por garbosos cavaleiros. E como que singrando as águas revôltas do Atlântico, surge a nau "Conceição", velas enfunadas, capitaneando a frota de Tomé de Souza. As naus da conquista trouxeram em seu bojo a luzida comitiva dos fundadores: Antônio Cardoso de Barros e Duarte de Lemos, os capitães da frota, vêm à frente; seguem-se os homens de armas, soldados e marinheiros; o primeiro magistrado da terra, o ouvidor Pero Borges, na sua austera roupagem; os sacerdotes da Companhia de Jesus, envergando a roupeta de Santo Inácio de Loyola; os moços no-

bres Garcia D'Ávila e níz, na ostentação de fidalgos; e homens e suas mulheres, e obregredados, e colonos São os fundadores didade!

Num carro onde se quete da cidade seguras da época, aparTomé de Souza, o geral, e o mestre de Dias — o arquiteto de Examinam plantas e numa sequência marquadros vivos camin Álvares Corrêa, "Ca n á u i r a g o venturos pela mão sua espô Paraguaçu, represent





me, vem à frente do séquito real do Conde de Angeja. À direita — Montezado surge este nobre cavaleiro da Corte do Vice-Rei

arcia D'Ávila e Diogo Mu-
ostentação de seus trajes
s; e homens do povo e
mulheres, e obreiros e de-
los, e colonos e aldeões.
s fundadores da naciona-

carro onde se vê a ma-
da cidade segundo as gra-
da época, aparecem agora
de Souza, o governador
e o mestre de obras Luis
— o arquiteto da fundação.
nam plantas e projetos. E
sequência maravilhosa de
os vivos caminham Diogo
es Corrêa, "Caramuru", o
rigo venturoso, trazendo
mão sua esposa a índia
uaçu, representando o nú-

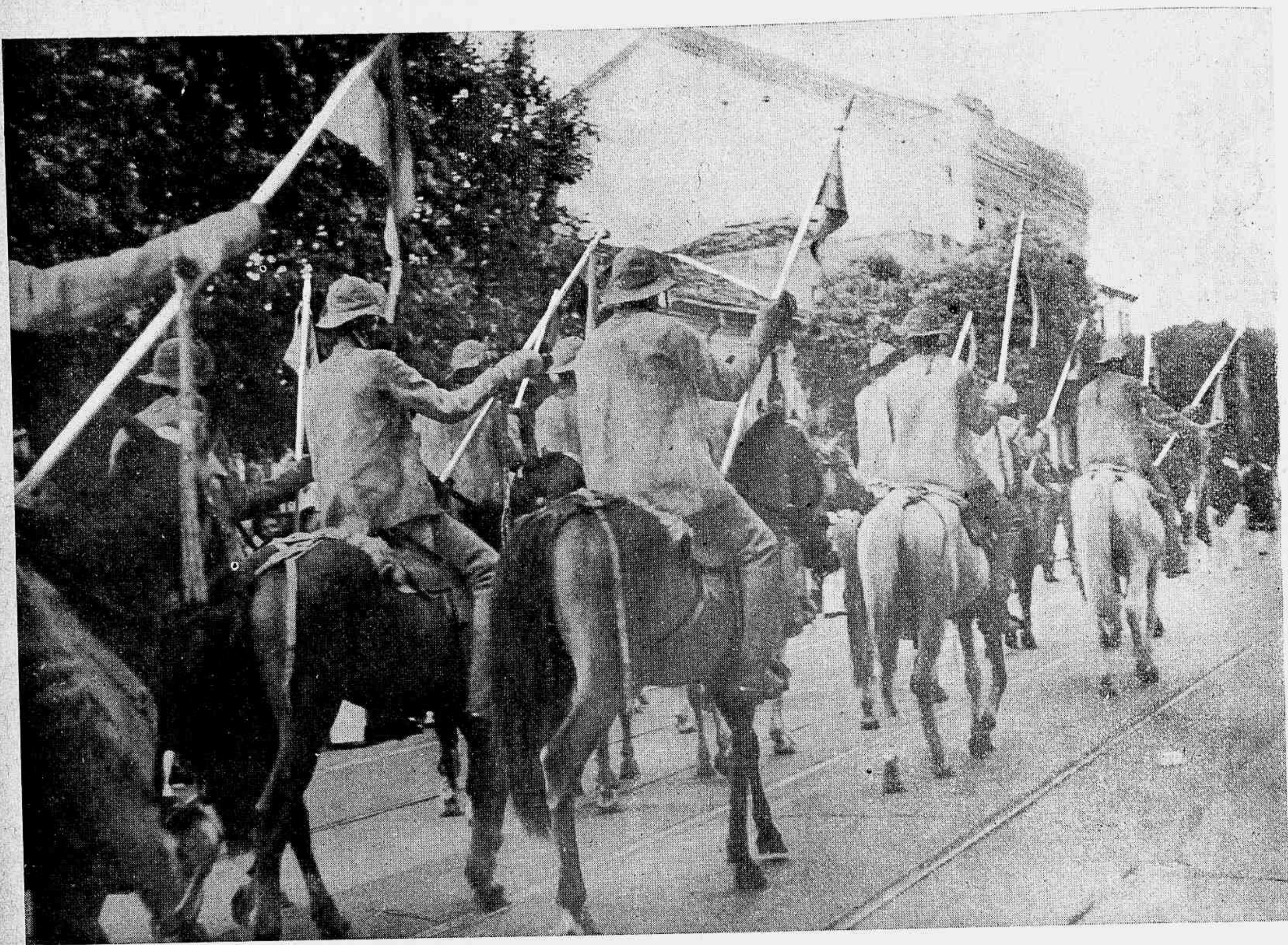
cleo civilizado que Tomé de Souza encontrara na terra conquistada. No carro comemorativo da catequese o padre Manuel da Nóbrega prega aos índios. E' o apostolado da Cruz, a sagrada missão do jesuíta civilizador. Ao fundo, em miniatura, a primeira capelinha da Bahia, ou a Sé de palha.

Estamos no limiar do século XVII. Já se avistam os descendentes do primeiro casal baiano. Passam, galantes, damas e cavalheiros da época; os grandes capitães Pero Garcia, Manuel de Barros, André Mergalho, Henrique Muniz, Cristóvão Ravasco, Baltazar de Aragão... A terra está coberta por grandes cultu-



Ao alto — O primeiro Vice-Rei, Conde de Angeja. Em baixo, ao centro — O Vice-Rei ladeado pelos seus escudeiros. São os nobres rapazes Gonçalo Ravasco, André de Brito, Francisco Dias de Ávila, Sebastião da Rocha Pitta, Francisco Calmon, João de Brito e Lima. À direita, damas da época





Homens vestidos de couro dos pés à cabeça. São os "encourados do Pedrão", os voluntários sertanejos das lutas pela Independência. E' o 2 de julho redivivo na bravura do vaqueiro intrépido

ras: o fumo, a cana de açúcar e o algodão formam com o pau-brasil a riqueza primeva da Bahia, graciosamente representada num quadro de rara beleza. Todavia, os açoites da adversidade vergastam o povo tranquilo e feliz. 1624. A invasão holandesa macula o solo pátrio. Reina a destruição e o desespero, e a Bahia está de luto. Mulheres vestidas de negro são a própria dor da terra enxovalhada pelo

invasor batavo. E desfilam, arrogantes, as loiras tropas flamengas. No entanto, um "frisson" sacode a assistência... À dor e ao luto sucedem o regozijo da Pátria libertada. A Bahia dá graças aos céus pela vitória das armas libertadoras. Outro grupo de mulheres vestidas de vermelho, simbolizando o sangue derramado pelos heróis da reconquista. Aqui vêm eles: D. Marcos Teixeira — o bispo guer-

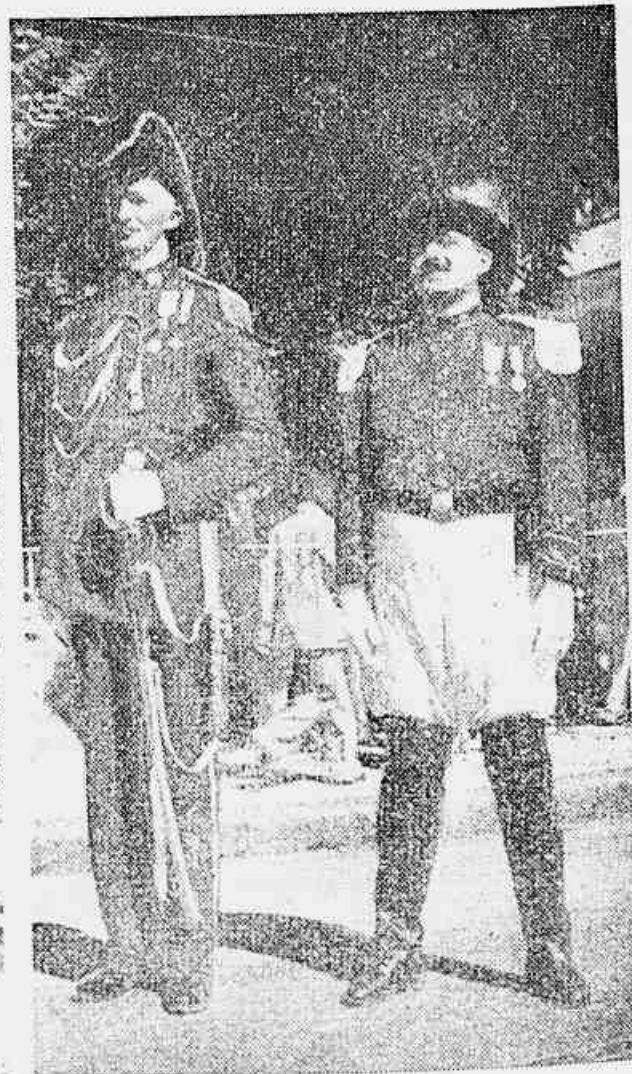
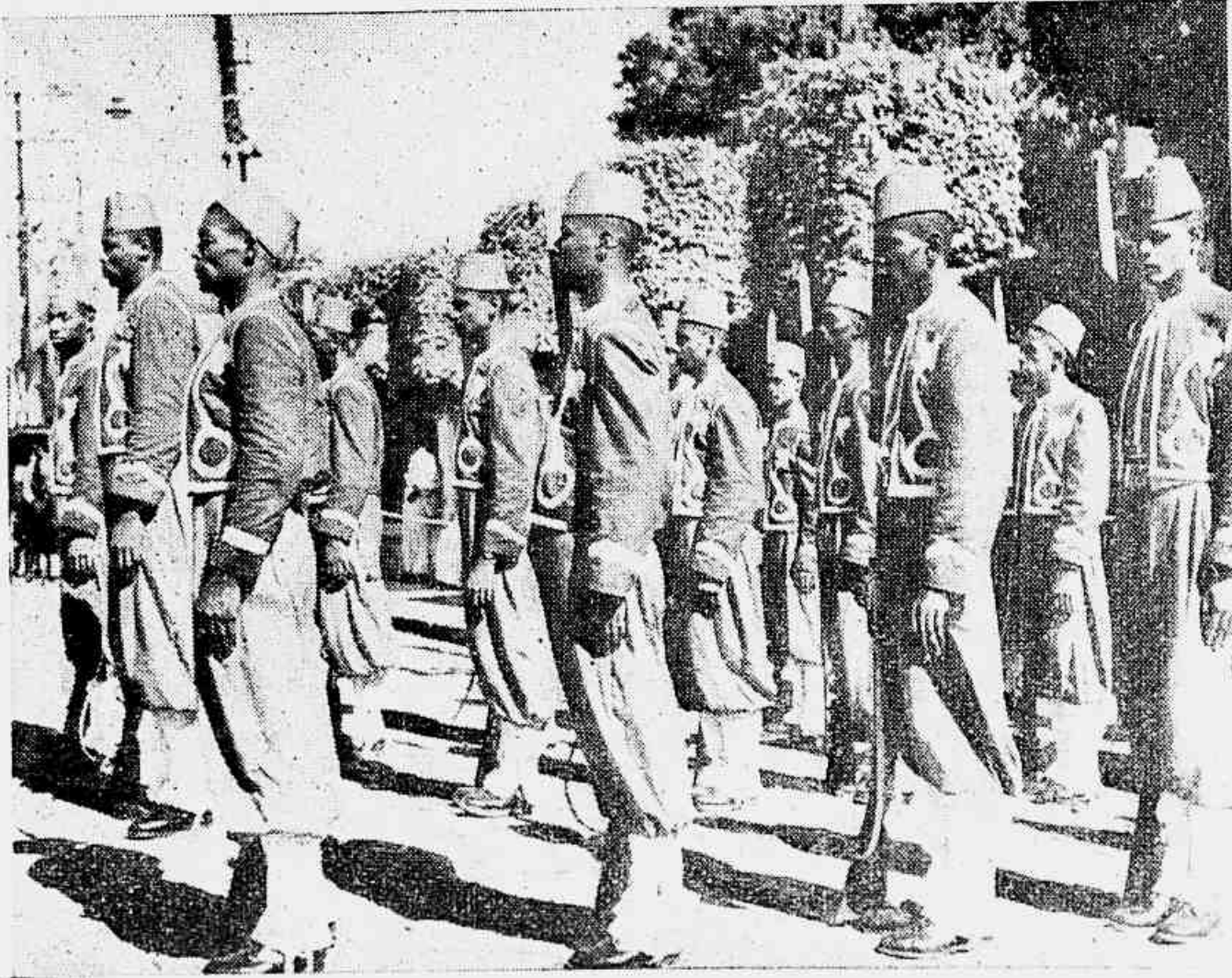
reiro — e o seu séquito de bravos: Francisco Padilha, Sebastião do Souto, o nobre D. Fradique de Toledo Osório, Bernardo Ravasco, Luis Barbalho; e a brigada negra de Henrique Dias e os soldados vitoriosos enquadando as tropas holandesas derrotadas.



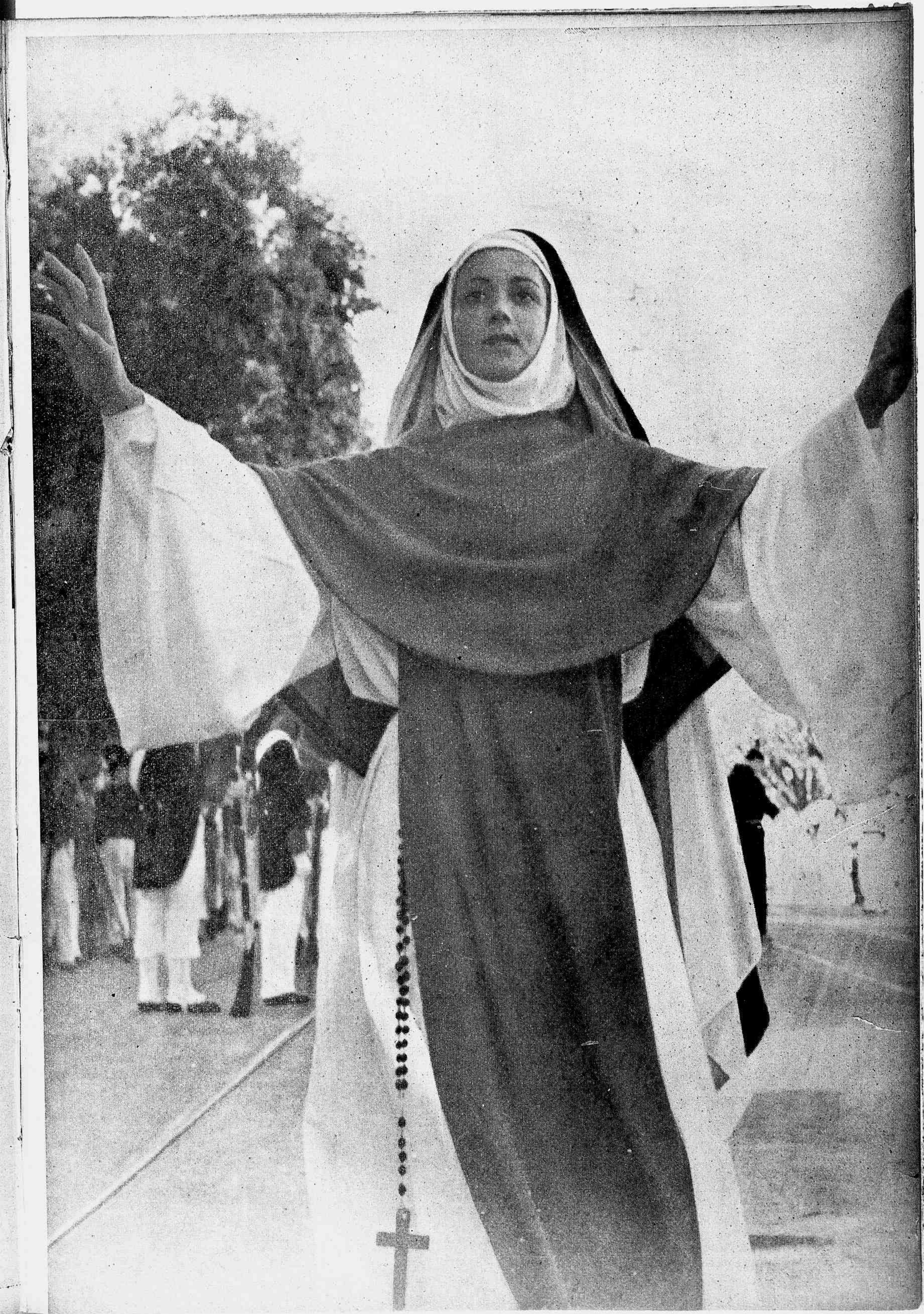
Repetem-se como num caleidoscópio gigantesco, em mara-

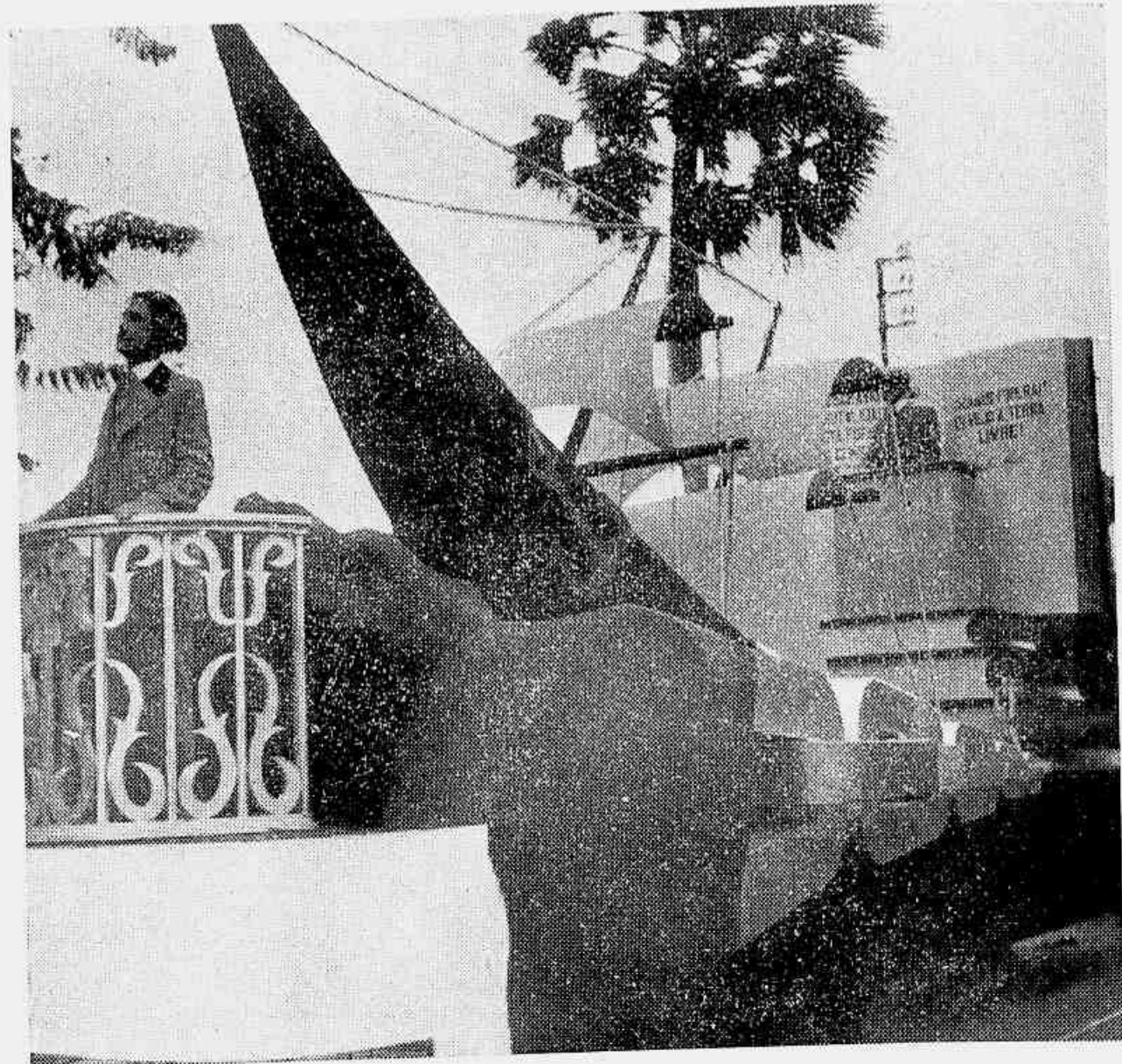
vilhosa mescla de côres, de tipos, de roupagens e uniformes, as fases mais empolgantes da história baiana de há quatro séculos. No seu púlpito da igreja da Ajuda pontifica o padre Antônio Vieira, o grande pregador; é uma apoteose ao verbo do sacerdote que passou à posteridade pelo vigor da Palavra empenhada na defesa da terra e na disseminação da Fé.

As serpentinhas, ou rêdes fidal-



A esquerda — D. Francisca de Sande, senhora de muitas posses, que transformou o seu solar em enfermaria, durante a epidemia da febre amarela. Foi a primeira enfermeira do Brasil. Ao centro — Os Zuavos baianos, metidos nas suas fardas marroquinas, com as quais lutaram valentemente nos campos do sul. A direita — Os generais baianos da guerra do Paraguai marcharam com impecável garbo militar à frente de suas tropas no Cortejo Histórico. Na página ao lado — "Para trás!" grita Soror Joana Angélica aos invasores do Convento da Lapa, em cuja defesa deu a própria vida. A sua passagem a multidão não se conteve e chorou





Ao alto — A musa de Castro Alves e o verbo de Ruy reunidos no carro alegórico da Abolição. À esquerda — Maria Quitéria, a heroína baiana da Independência, parece haver-se desprendido da tela que a imortalizou, tal o vigor da sua interpretação

gas, mostram como saíam à rua as damas nobres daquele tempo. À frente delas, entre outras ilustres senhoras, d. Francisca de Sande, tão opulenta quanto generosa, em quem o povo encontrou guarida no surto avassalador da febre amarela.

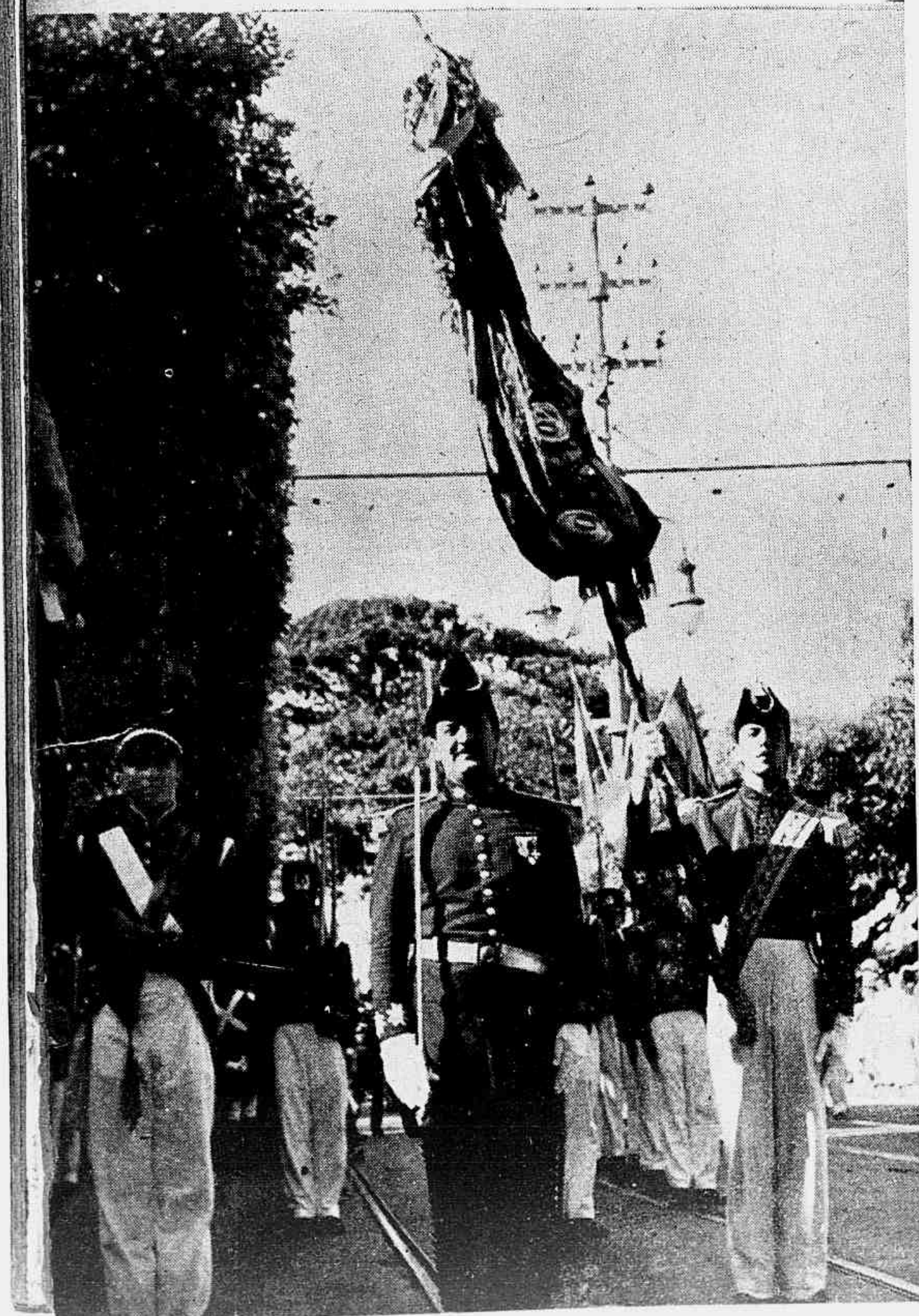
Outras serpentinhas e outras nobres senhoras: a marquesa das Minas, mulher do governador geral, d. Ângela de Menezes, Catarina Fogaça, senhora da Torre. E o sino da Câmara, venerável relíquia do século XVII, fecha esta parte do préstito.



Mas os olhares atônitos já divisam o pelotão dos chameleiros

ros montados; suas trompas anunciam, festivas, a entrada triunfal do século XVIII. O gordo pregoeiro, solene, pomposo, rompe a marcha dos soldados de D. João V; e surge a figura imponente do 1º vice-rei do Brasil, o elegantíssimo conde de Angeja, gracioso no gesto e no trajear, caminhando sob o pátio suspenso das mãos do escravo; seguem-no seus nobres escudeiros, os moços Gonçalo Ravasco, André de Brito, Francisco Dias de Ávila, Sebastião da Rocha Pita, Francisco Calmon, João de Brito e Lima; os senhores do Senado da Câmara completam o governo da Cidade. E passa a galanteria do século... Cenas de minueto... Delicados motivos de

A esquerda — As bandeiras da vitória, pendões verde-amarelos de Lomas Valentinas, Iitororó e tantas outras páginas épicas, encerrando a apoteóse aos heróis militares. Em baixo — Tropas de voluntários de volta dos campos paraguaios



A estupenda caracterização da Águia de Haya. A figura imortal de Ruy fez vibrar a multidão, que aplaudiu delirantemente a sua momentânea revivescência do seu grande ídolo

côrte... A época é fútil, todavia tem o seu lado de profundo sentido religioso: três frades lembram o incipiente surto dos templos devotos e dos conventos. Então aponta a santa da Bahia, soror Vitória da Encarnação. E' triste o que vem depois. Vestindo a alva dos condenados, apresentam-se os mártires da Independência baiana, levados à fôrça em 1798. E' o fim melancólico do risonho século XVIII.



Inicia-se o século XIX, a Bahia mergulhada no sangue de seus homens e de suas mulheres, duramente empenhados nas lutas pela liberdade, que se avizinha. Há um rufar de tambores — é o raiar da Independência "ao sol do 2 de julho". E' este um quadro de fortíssimo efeito e à sua passagem Maria Quitéria de Jesus Medeiros e soror Joana Angélica arrancam lágrimas da assistência. A virtude da mulher baiana feita bravura! O clarim Lopes e João das Botas, os "encourados do Pedrão" — destemidos voluntários sertanejos — soldados e marinheiros e seus oficiais comandantes, à frente o visconde de Pirajá: são Lima e Silva, Antônio Ribeiro, Souza Lima, Alexandre Ângelo, Silva Castro. A Bahia está livre e outra vez as figuras da época transitam os seus usos e costumes. Desfilam as cadeiras de arruar aos ombros dos pretos escravos; no seu interior as senhoras-moças condessa de Barral, baronesa de Paraguaçu, marquesa de Barbacena, Júlia Fetal, a poetisa Adélia Fonseca. Já volta, porém, o turbilhão da guerra. Novamente as bandeiras tremulam, guiando os regimentos aos campos da luta: é a Guerra do Paraguai! Marcham os batalhões azuis, chefiados pelo barão do Tuiuti, o visconde de Itaparica, o barão de Sergi, Faria Rocha, Maurício Ferreira, comandante da Polícia baiana, Landulfo Medrado, comandante do "Treme-Tterra". Bravos entre os bravos! As fardas marroquinas dos zuavos baianos, os valentes filhos do povo, emprestam um tom bizarro à reconstituição desse episódio histórico. A cuidar do combatente ferido, vem a enfermeira Ana Nery, de fisionomia suave e angelical. E fechando a apoteose militar, passam as Bandeiras verde-amarelas de Iitororó e Lomas Valentinhas, as Bandeiras da Vitória.



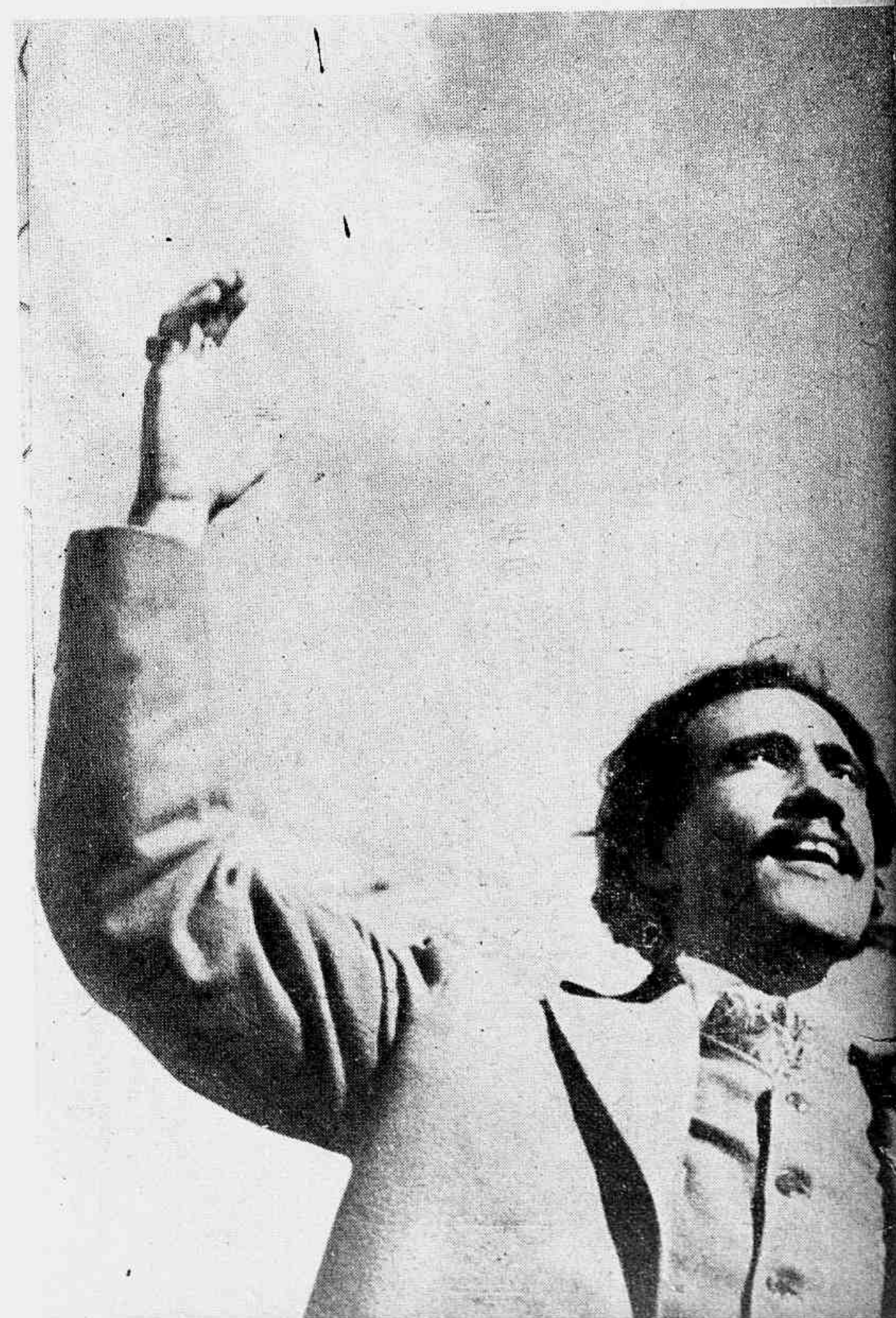
Saída da Guerra do Paraguai, logo a Bahia se agita na campanha abolicionista. Essa cruzada teve no gênio poético de Castro Alves o seu mavioso cantor e no verbo apostolar de Rui a sua intransigente defesa. E' o que nos mostra o carro da Abolição, soberba concepção alegó-

rica reunindo no mesmo plano os dois imortais paladinos da boa causa, tendo aos pés os grilhões desfeitos do cativo ven-cido.

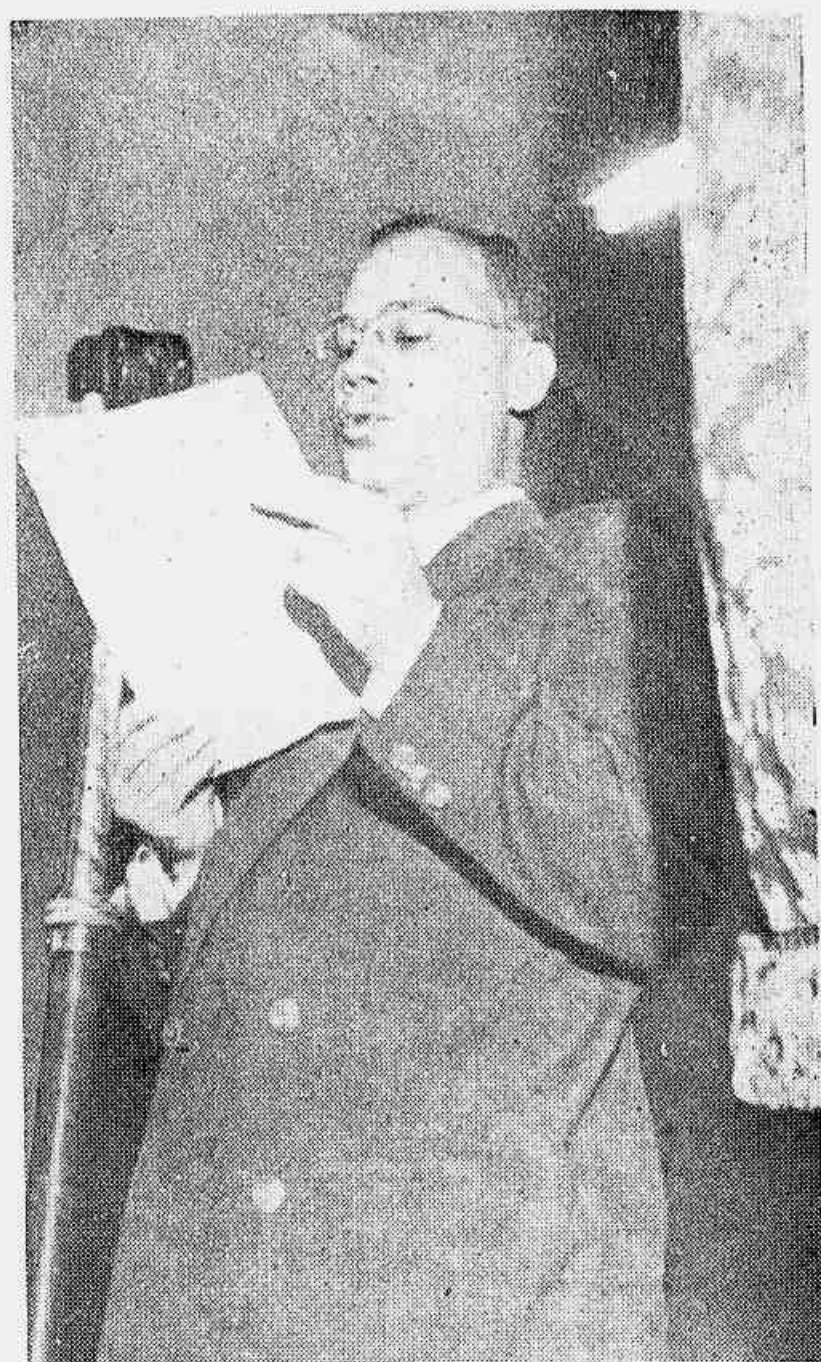
Passa agora, embalada por suaves acordes musicais, a fase romântica do século XIX; as crenolines adejantes evocam a suntuosa elegância da mulher baiana. Os cavalheiros exibem o impecável trajar do fim do século dos estadistas notáveis. Puxadas por mansos cavalos, rodam vagarosas as "vitórias" levando as damas da aristocracia. E' a Bahia avoenga desfilando na graça de suas mulheres e no porte austero de seus homens; no trepidante arquejo do automóvel de 1900; na fisionomia tôda bondade das nossas mães-pretas, as "baianas" do vatapá, do acarajé, do Senhor do Bonfim, dos brincos, cordões e pulseiras de ouro maciço, das saias rodadas, dos torsos e panos da costa da melhor sêda, faceiras nas sandálias bordadas, "baianas" autênticas, remanescentes de uma era a se esbater na penumbra dos tempos.



Passaram os séculos já vividos, ressurrectos das páginas culminantes da História. Quatrocentos anos de lutas, de amor, de fé, de renúncias, de glórias e sacrifícios — quatro séculos red-vivos na mais arrojada concepção artística de atualidade; quatro séculos reunidos num magnífico cortejo, reproduzidos com impressionante respeito à verdade histórica, e cujo desempenho humano foi de tanto realismo revestido. Quem poderá esquecer, tendo-os visto nessa "répri-se" sensacional da história, os vultos legendários de Tomé de Souza e d. Marcos Teixeira, do padre Vieira e Maria Quitéria, de Joana Angélica e Ana Nery, de Rui e Castro Alves a percorrerem as ruas onde outrora viveram suas vidas predestinadas? A Parada dos Séculos ficará indelével na memória e no coração de quantos a presenciaram — ela teve, mais do que o arrô-jo material da concepção, um conteúdo espiritual de intraduzíveis efeitos; um capítulo, enfim, de precioso labor acrescentado às glórias imorredouras da velha e valorosa Bahia, empolgante página de civismo escrita por um povo amante da sua terra e cioso das suas nobres tradições.



Castro Alves numa atitude declamatória. O poeta da Abolição foi outra grande figura da Parada dos Séculos, magnificamente interpretado, como sucedeu a todos os vultos eminentes da história baiana



A esquerda — O dr. Augusto Ramos, diretor regional dos Correios e Telegrafos da Bahia, dá por inauguradas as novas instalações da Rádio Excelsior. Ao centro — Frei Hildebrando Kruthaup abençoa a nova fase da popular emissora. A direita — O dr. Cleto Araponga, presidente da Rádio Excelsior da Bahia, proferindo o seu discurso no ato inaugural da nova ZYD-8

A NOVA RÁDIO EXCELSIOR DA BAHIA

No dia 25 de março último foram inauguradas, na Cidade do Salvador, as novas instalações da ZYD-8 Rádio Excelsior da Bahia, magnificamente localizadas no coração da encantadora Capital baiana, no Edifício do Liceu de Artes e Ofícios, à rua Guedes de Brito, bem próximo à praça da Sé. Teve início, com essa solenidade, uma nova fase de realizações para a popular emissora, que se impôs ao público da Bahia pela orientação

com que sempre norteou a sua vitoriosa trajetória pela radiodifusão brasileira.

Obediente a esse traçado, a Rádio Excelsior acaba de dar um passo decisivo no caminho da prosperidade, trazendo os seus estúdios do subúrbio onde estavam para o centro da cidade, instalando-os caprichosamente, como o demonstra o magnífico auditório com capacidade para 500 pessoas, e contratando um bom número de gran-

des artistas com o intuito de melhor servir aos seus numerosos ouvintes. Estão de parabéns, portanto, o público baiano e o comércio e a indústria locais, dispondo agora de uma emissora moderna e seguramente conduzida.

A cerimônia inaugural da Rádio Excelsior contou com uma enorme assistência, como se pode ver nas duas fotos desta e da página seguinte, e que foi brindada com um excelente

programa radiofônico. Depois de lançada a bênção sobre as modernas instalações, foram as mesmas declaradas inauguradas pelo diretor regional dos Correios e Telégrafos, falando na ocasião o dr. Cleto Araponga, presidente da ZYD-8. Ao final da encantadora festa foi oferecida aos presentes uma taça de champagne em regozijo por mais essa etapa que a Rádio Excelsior iniciava vitoriosamente.

Em baixo — Um auditório com capacidade para 500 pessoas foi literalmente tomado na noite em que a Rádio Excelsior entrou na sua nova fase. Na página à direita — Artistas de renome atuaram ao microfone da Rádio Excelsior da Bahia na noite festiva de 25 de março e continuaram emprestando o seu concurso em excelentes programas de auditório. Entre eles destacaram-se a cantora portuguesa Maria da Graça e Ariovaldo Pires, o Capitão Furtado, este com o encargo de diretor artístico da ZYD-8





MARIA DA GRAÇA



WALTER GONÇALVES



CAPITÃO FURTADO



PIRACI e JORGINHO





Por LUCILE D'ARLEMONT

Na alma daquela jovem morena, tostada pelo sol do nordeste, havia a grande ânsia de ser feliz. Albertina sonhava com um lar harmonioso, onde o seu amado a acariciasse, dividindo seus beijos com o fruto dessa união, um lindo e travesso bebê...

Quando ia ao cinema da pequena cidade do interior baiano, ela se emocionava com os romances que Hollywood, a França, o México ou os estúdios San Miguel lhe exibiam através de enredos sensacionais.

Albertina era uma jovem pobre, de letras primárias, mas de belo coração feminino. Adorava a vida caseira, o "domus" que dera ao mundo e à humanidade tantos exemplos de fidelidade e compostura.

Aos domingos, ajoelhada aos pés do altar da Virgem, ela lhe dirigia preces que os lábios não precisavam balbuciar, pois a luz dos seus olhos faziam chegar até os céus os rogos de sua alma de moça sonhadora.

Um dia... Eis que aparece um pretendente à sua mão. Era um rapaz bem parecido e educado. Trocaram flexadas e Cupido tomou conta dos dois.

Ele parecia estar loucamente apaixonado por ela. Albertina correspondia fielmente às suas demonstrações de afeto. Viveram assim, nesses devaneios próprios dos corações moços, cheios de ilusões da vida que corre... que avança...

Veio o dia feliz do matrimônio. Frente o juiz e perante o altar do sacerdote, eles prometeram respeito mútuo, mutuamente se amar enquanto vida tivessem.

Os amigos e parentes lhes deram parabéns, fizeram votos de felicidade, ao reter dos copos de vinho no jantar das bodas.

A lua de mel foi longa. Havia nascido um para o outro. Dois corações que se formaram tão distantes, mas que o destino os reuniu como num desses milagres da reprodução das flores, com o pólen levado pelo vento, nas patinhas douradas das abelhas, no bico dos beija-flores.

Albertina era uma dona de casa exemplar. Ele a estimava e respeitava. Mas um dia...

Um dia, seu esposo começou a tratá-la com grosseria. Vivia irritado, mal humorado, desatencioso. Ela procurou saber do motivo daquela mudança, e chegou à conclusão de que o rapaz estava dando para embriagar-se.

Albertina era inteligente e tinha a perspicácia instintiva da mulher. Se ele dera para embriagar-se, sem nenhum motivo de desgosto de família, sem estar em má situação financeira, ou desempregado... Uma outra mulher estava criando esse estado de drama íntimo. E se pôs à espreita.

Saiu-lhe ao encalço. Não perdeu as pegadas do suspeito. Procurando agir com jeito e cautela necessária a um flagrante, Albertina conseguiu as provas de que necessitava.

Sem nada transparecer, aparentando ignorância, inocente como sempre, ela não fez escândalos, não atraiu a atenção da rua, não deu pasto à maledicência da vizinhança, não apresentou queixa à justiça pelo crime praticado pelo esposo, com penas cominadas em nosso Código Penal.

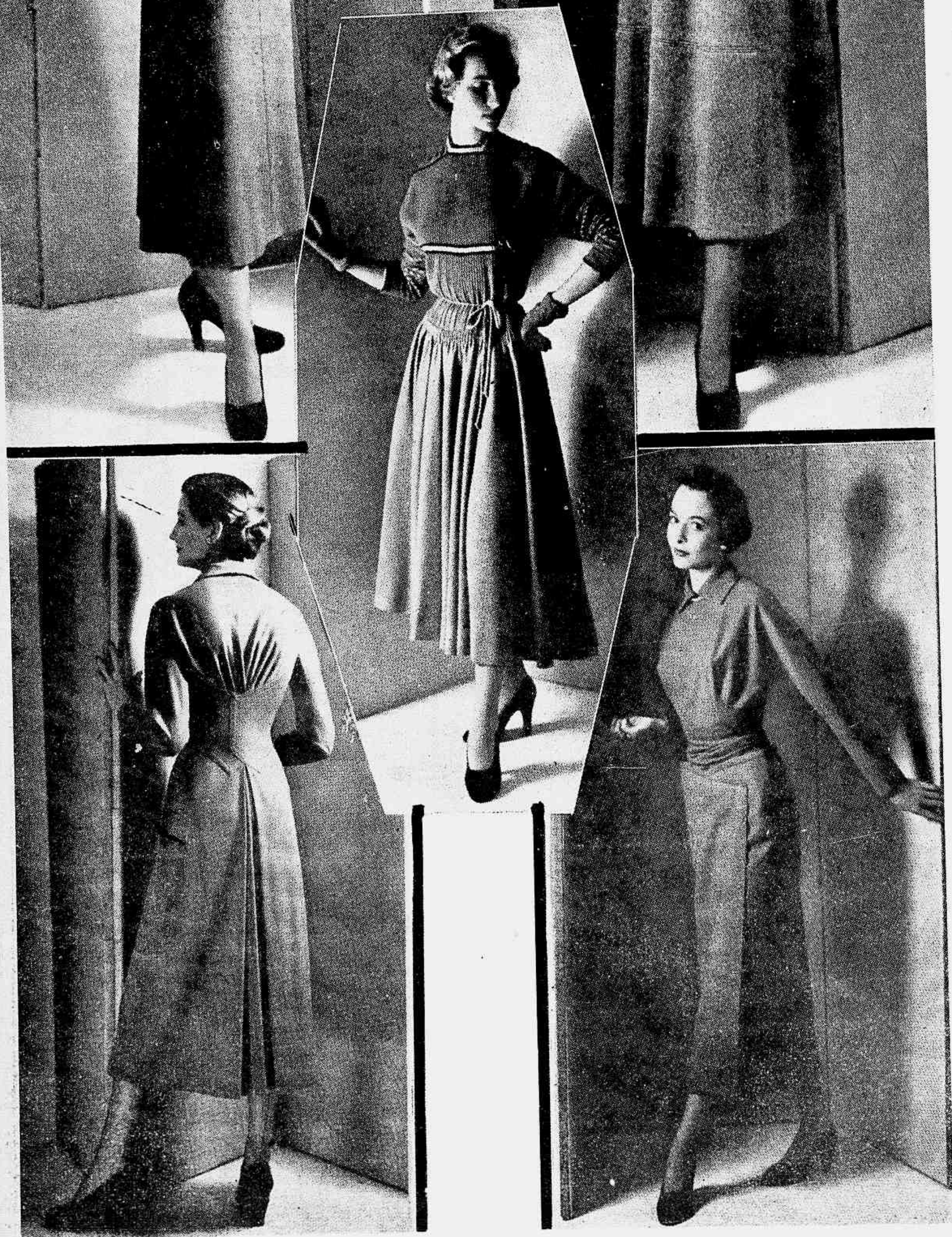
Preparou-se para exercer com suas mãos a vingança contra o esposo infiel.

E, numa noite, alicando um punhal, tornou-se criminosa, esquecendo-se do mandamento: "Não matarás!", que impôs o Criador. Agora era uma delinquente, ré pegada em flagrante, assassina...

Chorou diante do cadáver do seu amor, porém, intimamente se sentia consolada porque nenhuma outra mulher o possuía... E isso porque... O amor é assim!

OS PRIMEIROS VESTIDOS DE LÃ

O "pequeno vestido de lã", como as parisienses o chamam, é em geral de linhas elegantes, próprio para "bater", sem que para isso tenha a mulher que recorrer aos vestidinhos caseiros, nem sempre elegantes e originais. Aliás, o lema da mulher francesa é "ter pouco, porém, bom", o que parece não ser muito do nosso feitio. A razão, no entanto, não deixa de estar com elas, pois é preferível ter-se um só vestido que caia bem, a ter diversos, baratinhos, mal feitos e até prejudiciais à elegância.



PROCURA-SE um CANDIDATO



O repórter procurou o adivinho, mas o homenzinho disse que o futuro presidente seria um brasileiro, maior

de 35 anos, e não adiantou mais nada... Tratou de ouvir os políticos. O Aranha acha que o candidato deve ser uma figura de projeção internacional...

O Benedito pensa que deve ser um mineiro com fama de fletado, quicá um romancista...



O Ademar quer um homem dinâmico e popular, e que saia de um grande Estado...

O Nereu opina por um homem de partido...

O senador Góis inclina-se por um militar que não tenha papas na língua...

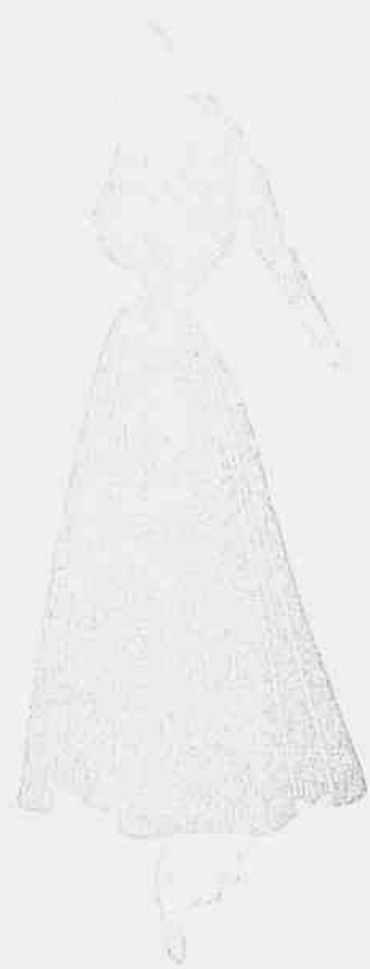


Mangabeira nada disse, mas cantarolou: "Cristo nasceu na Bahia"...



Getúlio é por um marmiteiro escolado e da fronteira!

Depois das cinco



De Maggy Rouff, em jersey angorá drapeado sobre os ombros e quadris



De Jean Patou, saia em jersey de seda com drapeados que aumentam os quadris. Blusa branca bordada em paillettes pretas e bolero também de jersey



Nina Ricci, apresenta, para a tarde, um vestido em brocado, fartamente drapeado sobre os quadris





De Robert Piguet, modelo em lã preta com a parte superior em cetim azul. Estola em lã forrada do mesmo cetim

"Tailleur" de seda preta, de Balenciaga. O grande chapéu de feltro e "tulle" e o único "toque" colorido da "toilette"

Ainda de Maggy Rouff, drapeado de um só lado. Do outro lado, pregas que se prolongam em toda a extensão do vestido



Oswaldo da Cunha

LOLA

CONTO DE ILMAR CARVALHO

LOLA está deitada em sua cama, no minúsculo quarto abafado. Sento-me a seus pés e assim posso observar bem de perto o corpo dessa garota, por quem sinto um não sei que comprimindo meu peito, acompanhado de forte latejar na fronte. Uma coberta fina e branca de-buxa-lhe o contorno gracioso do corpo, cobrindo-a dos pés ao pescoço delgado e bem torneado. A cabeça, no travesseiro, noto pela milésima vez, é bem feita. Os cabelos, quase negros, crespos, permanecem, neste instante, desalinhados e secos. Os olhos semi-cerrados, o nariz reto, afilado, lábios gretados, deixam dentes alvos e simétricos.

Recordei-me de como Lola sorria... a boca bem desenhada rasgava-se, com vagar, e pouco a pouco, os olhos profundos adquiriam um brilho incomum. Surgia, então, a fíeira de pérolas, perfeitamente engastadas, completando a harmonia do todo.

Agora, porém, ela não sorri. Está ali, abandonada, só, e seus olhos não fitam ninguém. As faces pálidas, como diferem das que eu contemplara dias atrás... Seu coração, fragilíssimo, não suportava o peso das palavras ásperas que seu pai constantemente lhe dirigia, por ser a única filha que não podia trabalhar, vivia metida com livros, eternamente doente; enfim, como costumava dizer, "não era uma Silva Fortes". Miseravelmente remediado, seu apoio, tábuas de salvação, era a descendência saudável e bem constituída que a esposa gerara, com exceção de Lola que, por isso, jamais conseguira cair na simpatia do pai, por mais que tentasse. E o resultado de suas investidas infrutíferas ela me transmitia entre soluços convulsos e eu a amparava, apertava-a contra meu peito, beijava-lhe os olhos molhados, alisava seus cabelos e assim ficávamos até seu ânimo serenar, o choro cessar e um sorriso triste aflorar-se-lhe nos lábios. Depois, aconselhava-me a não nutrir ódio a seu pai, sentimento, aliás, que nunca procurava esconder, ele o sabia.

★

O pessoal de casa está na saleta. Deixou-me só com Lola. E eu não queria. E

terrível enfrentá-lo no estado em que se encontra. Jamais consentiria eu a visse doente ou desarranjada. No momento, porém, não tem forças nem de levantar as pálpebras. Sinto um mal-estar tremendo. Sensação de falta absoluta. Alguma coisa quente, fervente, chega-me aos olhos e rebenta, embaçando-me a vista, a despeito de intentar abafá-la. Tenho uma vontade louca de ter Lola em meus braços. Receio, entretanto, não a largar e o velho Silva aparecer à porta. Alguma coisa me impede para fora do quarto e saio, na ponta dos pés, não sem antes tocar de leve seus lábios em sua fronte. Percebo que está febril. Fecho com cuidado a porta, cumprimento a família e tomo rumo ao bar.

★

Entro no "Bar Antonico", uma espelunca, já minha velha conhecida, atravesso a sala repleta de clientes costumeiros, na maior parte marujos, e sento-me numa cadeira, aos fundos. Carlos, o garçon, ao divisar-me, na entrada, cumprimentou-me com a cabeça e pôs-se a misturar aguardente com bitter, num copo, trazendo-me a dose habitual. Agradeço e embarco o conteúdo. Faço uma carêta — a bebida vagabunda queima-me a gula. Um aceno a Carlos e este traz-me outra dose.

— Ainda não chegou a "Siri", de Pernambuco, velho?

— Estamos esperando a qualquer momento, "seu" Elmano. Desculpe se essa não está no jeito. E aponta o copo colocado à mesa.

Estou nervoso e a barulheira que fazem

lá na frente irrita-me. Percebo que os vapores de álcool vagarosa e inexoravelmente vão envolvendo minha mente numa nebulosa espessa. E' preciso esquecer e extrair a idéia fixa que se encrava no consciente — ela morre! — pois se isso acontecer voltarei, novamente, àquele estado abúlico, sob o qual me tornava uma massa inerte, insensível, abstrata e fria, sem razão de ser.

Olho fixamente o copo que seguro nas mãos, sobre a mesa, e consigo ver, pelas imagens projetadas do sub-consciente, em uma sequência de fita cinematográfica, um garoto de seus 17 anos, com uma mala na mão, caminhando apressado na madrugada fria, fugindo de casa e com receio de ser pegado. Dirige-se à estação ferroviária, onde aguarda o trem com impaciência. A todo momento espera ver o pai, irado, que já deu pela história, como na ocasião passada (a tunda deixara-o de molho alguns dias).

Agora aproxima-se, resfolegando, o monstro de aço. A passagem de segunda é comprada. Um suspiro de alívio, quando a composição empreende a marcha. O medo volta, aniquilador, em toda parada, nas estações e os alívios se sucedem toda vez que a máquina se põe em andamento. Primeira etapa em Curitiba, seguindo-se São Paulo e, finalmente, o ansiado Rio de Janeiro, depois de três dias e três noites, sentado num banco incômodo, com os músculos doloridos, a fita nos últimos furinhos, a cabeça rodando. Cansaço, insegurança, medo constante dos que me fitam. Todos são detectives, prontos a me prender e recambiar à estação de origem. A

custo, convengo-me de que estou saltando na gare Pedro II. Tomo um cafezinho num café próximo. Um choro misturado com um riso nervoso são a manifestação estranha de minha alegria incontida. Ninguém mais estabelecerá planos para minha vida futura! Eu iria ser o organizador de mim próprio! Lutaria para conseguir o que desejava e venceria! Seria, enfim, o cidadão Elmano Dias Rezende e não o irresponsável filho do sr. Rezende, chefe de escritório e procurador da respeitabilíssima Companhia Sul Brasileira de Cabotagem!

★

No palacete dos parentes da Tijuca, consigo um quatinho provisório. De hóspede a empregadinho a questão é de minutos. As humilhações, a raiva surda da tia Florinda, aquele paquiderme de saias, de voz meliflua, a me mandar lavar louça (não havia empregada que aguentasse naquela casa mais de um dia, ou melhor dito, que suportasse a referida parenta). As filas a enfrentar pelo novo criado. Acordado às cinco da manhã, aos berros, voltava a casa às 10, exausto de tanto esperar em pé nas filas, e, às vezes, sem trazer o pão, leite e carne...

— Seu estupor da província! O que sabes fazer nesta vida!? — A vontade de mimosar tia Florinda com uns murros na cara gorda era muita, e o controle pouco; porém mordida o pó do desespero e, humilhado, calava-me.

Cartas do pai, perdendo-me e pedindo meu regresso. Mamãe não podia mais de saudades. Orgulho besta que me faz preferir ficar e engolir as delícias do Rio. Vêm-me à mente, ainda, aquela sucessão infundável de concursos. De madrugada a comprar jornal e olhar os desejados "precisa-se". Ao chegar nos endereços, esbaforido, depois de tomar não sei quantas conduções, o anunciante já não precisava de ninguém. Havia sempre um felizardo que tomava minha dianteira. Choro convulsivo próximo a um repuxo da praça Paris, a cabeça apoiada no encosto de um banco. Minha vez, entretanto, chega. Con-

(Continua na pág. 49)

PRETO E SIMPLES...

Agora, para a meia-estação, se tornam necessários esses vestidinhos pretos, de linhas sóbrias e elegantes que tão bem vestem. Eles podem ser executados em seda, jersey ou mesmo lã, muito fina. Também eles podem adquirir um novo aspecto enteitando-os com uma "echarpe", ora com uma gola branca ou com uma faixa em tom vivo.



MÃES: FILHOS

ANAMARIA CÉLIA

NECESSIDADE DE COMPREENSÃO

Terão vocês em casa uma "criança problema"? Estarão vocês preocupados com a conduta de um filho ou de uma filha? Quando vocês casaram e peravam construir um lar feliz? Já chegaram a descobrir que os seus rebentos, para seu desgosto, não são bem aquilo que vocês desejariam que fosse? Sentem vocês que falharam, de alguma forma, na educação dos seus filhos? Teriam vocês testemunhado certas mudanças desagradáveis nos períodos de transição — da infância para a adolescência e da adolescência para a maturidade — que lhes tivessem alarmado? Teriam vocês tentado mas fracassado inteiramente na intenção de fazer alguma coisa? Teriam os seus filhos perdido o respeito que é devido aos pais? Teriam se tornado provocadores e incontroláveis? Deixaram de se interessar pelos estudos para procurar coisas impróprias à sua idade? Deixaram de respeitar as religiões e os sentimentos religiosos? Em resumo, seus filhos estarão trilhando ou estão prestes a trilhar um caminho errado? Se isto está acontecendo, se vocês estão tendo dificuldades para criar os seus filhos, não ponham toda a culpa neles ou em influências estranhas. Se vocês querem, sinceramente, corrigi-los e se realmente desejam vê-los por outro caminho, comecem por colocar sobre os próprios ombros a culpa maior pelo atual estado de coisas. Façam um pequeno exame sobre vocês mesmos. Que espécie de pais vocês têm sido? Alguma vez teriam se dado o trabalho de pensar seriamente no verdadeiro significado da sua missão? Quando casaram, naturalmente pensaram que seria agradável ter filhos, alimentá-los e vesti-los bem, e com certeza é isto o que vocês fazem e têm feito. Cuidam exclusivamente das necessidades físicas da criança e acham que estão cumprindo muitíssimo bem a sua tarefa. Pois aí justamente é que está o grande erro. Uma criança, de qualquer idade, é hoje uma grande responsabilidade para o mundo. Prover simplesmente boas roupas e bons alimentos não é suficiente para torná-los bons, e não substituem nunca o amor, a compreensão e a boa camaradagem. Suas obrigações de pais, compreensivos e responsáveis, só terão início quando vocês resolverem dar o melhor de vocês mesmos para servir não só às necessidades físicas dos seus filhos, mas também às mentais e morais.



A alimentação da criança deve ser dada num ambiente de calma e tranquilidade

★

CONSELHOS ÚTEIS

Fazendo pratos variados e gostosos, de aparência saudável, você estará colaborando para despertar o apetite de seus filhos.

Não ache "natural" que o seu filho não queira comer. Isto de dizer que a criança é de "pouca comida", é um comodismo um tanto criminoso... Existem, é claro, exceções, mas estas só o médico poderá confirmar.

★

Procure organizar um menu para uma semana inteira, incluindo nele todos os elementos úteis e necessários ao organismo.

★

Para as suas filhinhas você poderá fazer, em tricô, esses graciosos gorros...



PIJAMAS

A MULHER E O TRABALHO

M. MERCEDES SANTOS

Tenho observado, frequentemente, tanto na indústria como no comércio e principalmente no serviço público, a incapacidade de adaptação de certas mulheres aos diversos ramos de trabalho. Acredito, no entanto, que esta não seja a razão preponderante de tanta irresponsabilidade, negligência e falta de urbanidade, que encontramos por parte destas criaturas nos setores das mais diferentes ocupações. É óbvio que o mundo de após guerra nos proporcionou um campo de ações para o qual, absolutamente, não estávamos preparadas. Redundando mesmo num imperdoável erro o nosso brusco afastamento do lar para, fora dele, compartilharmos de um sem número de atividades. É evidente que uma das consequências deste tremendo erro — embora, muitos não o julquem assim — repercutiu na organização da família, que, quase deixou de existir. No entanto, não seria conveniente refrear, de vez o estado de liberdade excessiva que adquirimos, pois, a medida talvez pudesse resultar num mal maior.

Não condeno absolutamente a mulher que deixa o seu lar para encontrar no trabalho honesto, além de sua manutenção, a dos filhos e, em alguns casos — infelizmente nunca esporádicos — a dos próprios esposos. Condeno sim, — aliás, condenar não é bem o termo; repudiar talvez comporte melhor — a mulher que tem no trabalho ou no "emprego", não a razão de ser do seu próprio sustento e sim a maneira módica de explorar, através da beleza — quando a possuem, é lógico — ou da astúcia, os sentimentos do homem, a quem ela está subordinada, nesse ou naquele ramo de serviço, acontecendo na maioria das vezes transformar o cidadão pacato, honesto, exemplar pai de família, de quem é auxiliar num jogo, capaz de aceder aos mais excêntricos caprichos, conscientemente arquitetados. Este, sim, é o tipo de mulher que deve e merece ser combatida porque constitui uma das principais razões para o desrespeito crescente a toda mulher que trabalha fora do lar.

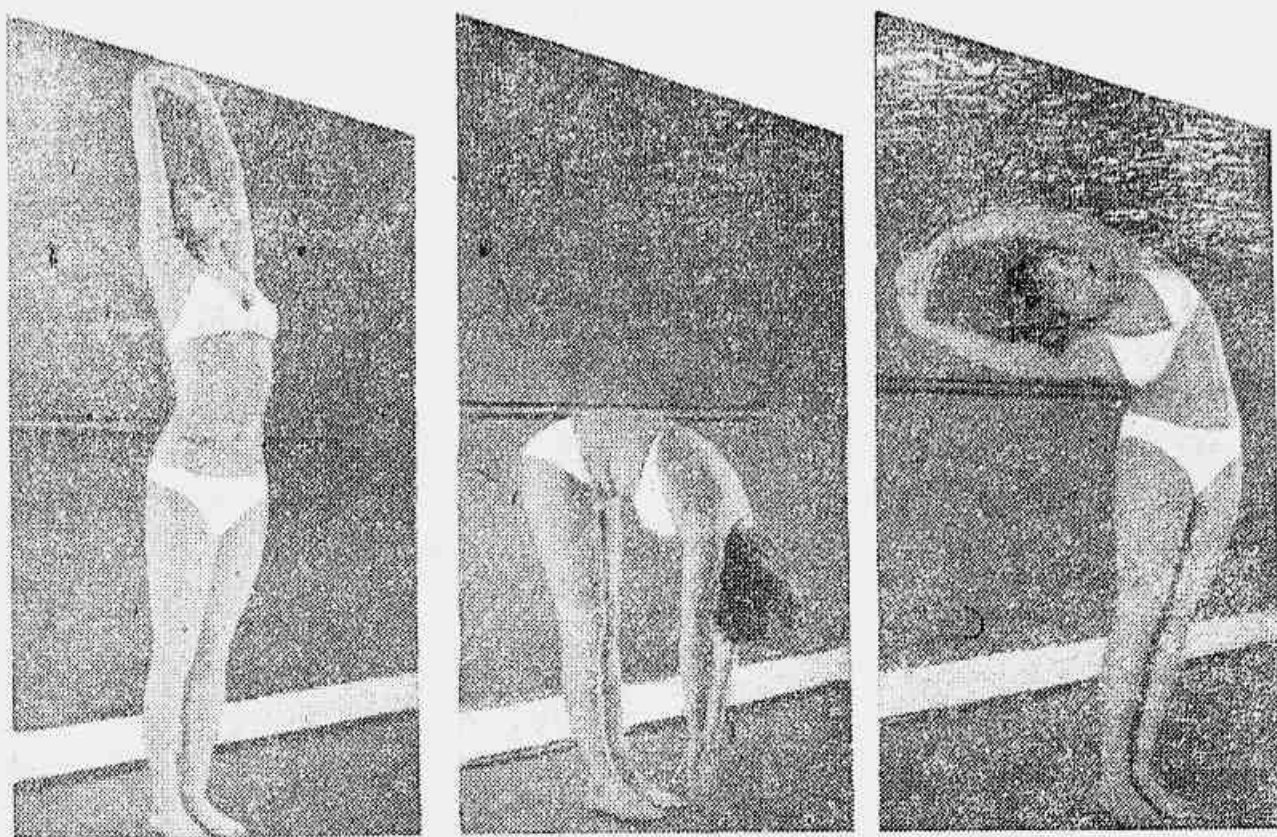
Tenho encontrado, muitas vezes, pessoas que me dizem detestar o trabalho com a mulher, porque ela só serve para provocar "dôr de cabeça": conversa mais do que trabalha; onde ela se encontra, infalivelmente, está a intriga. Enfim, o homem é ainda o único elemento condizente com o trabalho, porque, com ele, não existem chefes conquistados ou a conquistar, não há a preocupação constante do "rouge", do "baton" ou do penteado e creem mesmo que o lugar ideal para a mulher seja simplesmente o lar, muito embora algumas o considere, agora, por uma necessidade premente da vida num plano totalmente secundário. Gostaria de poder dizer que estes conceitos não representam a verdade. Que o homem, apenas, sente-se acovardado e diminuído, diante da nossa capacidade de trabalho. Todavia, ao fazer uma rápida revisão, numa dependência, deste ou daquele ministério, nos escritórios comerciais onde impera o elemento feminino, vejo, lenhamente, desdobrarem-se no meu cérebro cenas que já presenciei cheias de lástima e constrangimento, como sejam: mocinhas maquiando-se em pleno expediente; em palestras telefônicas que parecem intermináveis; contando anedotas, oferecendo à luz do dia, as "vantagens" mais descabidas, aos colegas e até aos chefes enquanto pacientes ou cheios de rancor, esperamos que elas nos dêem uma informação ou resolvam um pequeno caso, é que sinto a dolorosa verdade gritar mais alto do que a minha vaidade de mulher.

Contudo, quando a mulher admitir que o trabalho é realmente uma necessidade e não uma "distração obrigatória", teremos fatalmente maiores oportunidades e seremos melhor compreendidas. Pois, concordemos ou não, a nossa atitude tem e terá, através dos séculos uma grande influência, não somente na educação dos filhos e orientação do lar, mas, também, na política e principalmente na sociedade. A mulher que trabalha fora do lar deve ter preocupação simplesmente com duas coisas: ser digna e organizada. Uma criatura munida destes dois elementos está apta para a vida e jamais negar-lhe-ão o que de direito há de lhe pertencer, porque ela está consciente de que em torno de suas atividades não existe lacunas a preencher. Todavia, se ela continua a julgar que este é o momento de sua liberdade, por ter aparentemente quebrado os "grilhões" que a mantinham encarcerada ao lar e a pensar que já conseguiu definitivamente o papel que o mundo atual lhe assegurou continuaremos sempre neste ambiente desastroso sem esperança de melhores dias...

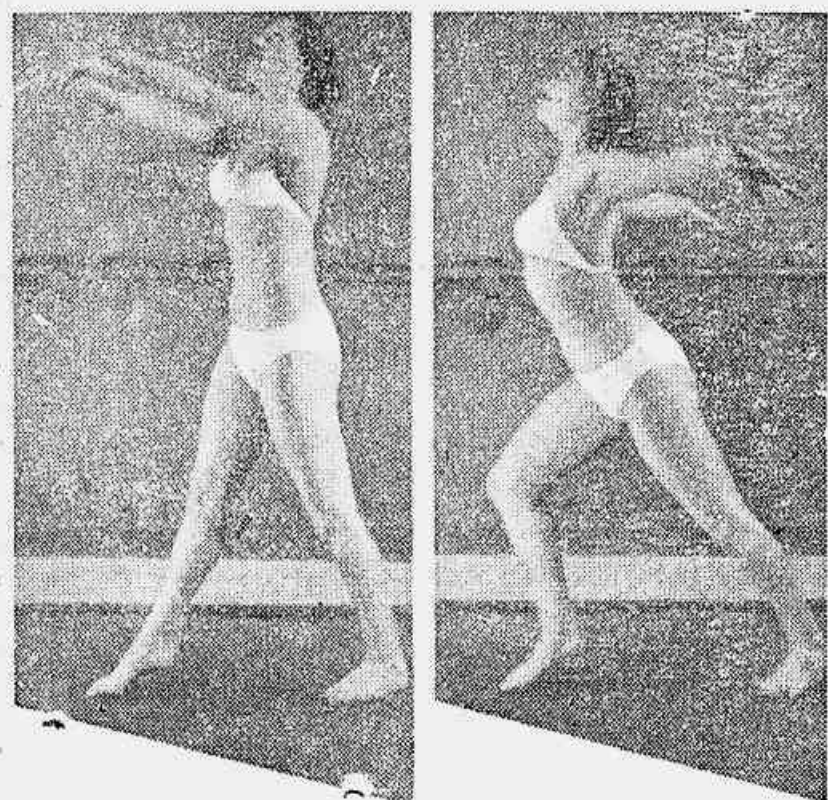
Quantas mulheres não tenho encontrado que me dizem cheias de convicção: chega de sermos escravas; esta é, realmente, a oportunidade que temos para viver a nossa vida! Tolas criaturas! Com esta frase elas, unicamente, criam a doce ilusão de se libertarem da influência paterna ou livrarem-se economicamente dos maridos. Contudo, jamais em tempo algum, dependeram destes, como dependem neste crucial momento. São estas idéias absurdas que devemos remover dos nossos cérebros, para colaborarmos eficientemente ao lado do homem, assegurarmos o bem comum da humanidade e prepararmos um destino mais digno para as futuras gerações. Portanto, quando toda mulher compreender o trabalho por este prisma, podemos dizer sem constrangimento: esta, sim, é a nossa oportunidade...



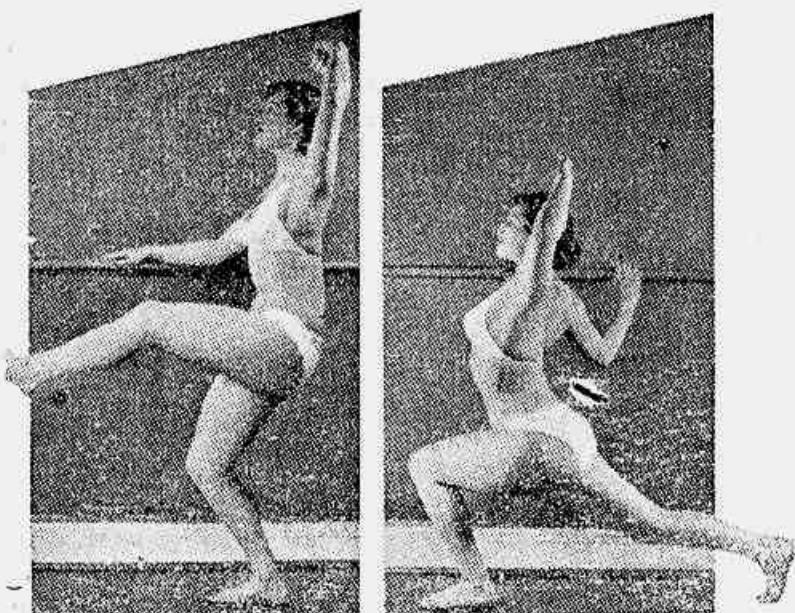
- 1 Em flanela. Cinto em tom contrastante.
- 2 Em seda listrada.
- 3 Calça de flanela. Blusa e jaqueta em foulard de "pois" reversíveis. Faixa de cetim.
- 4 Em batista, ornado de trabalho de vriez.



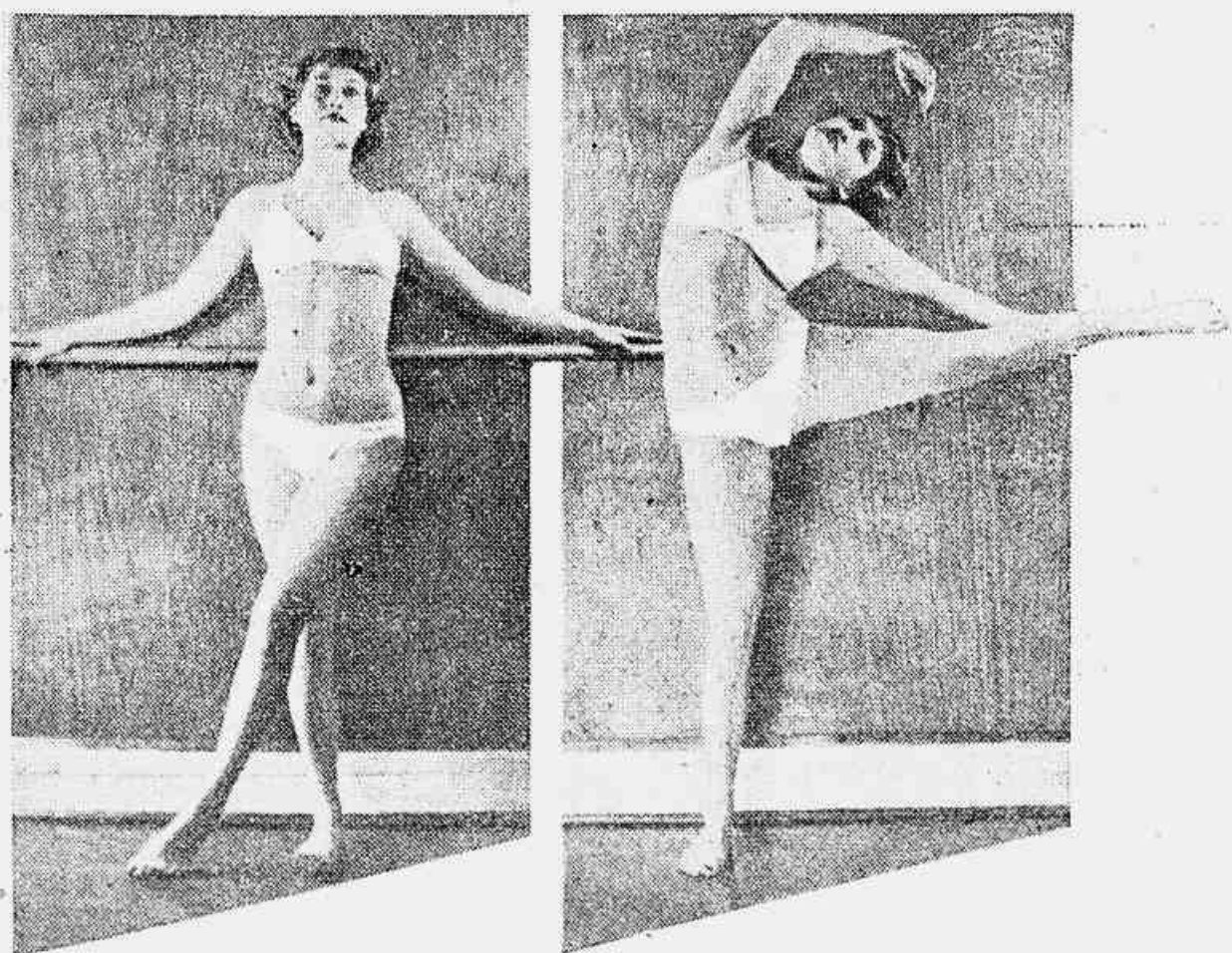
Para a conservação da linha em geral. Braços verticais; flexão para baixo, muito para baixo e depois para os lados



Para as costas: — Perna para frente, flexioná-la, movimentando ao mesmo tempo os braços para trás



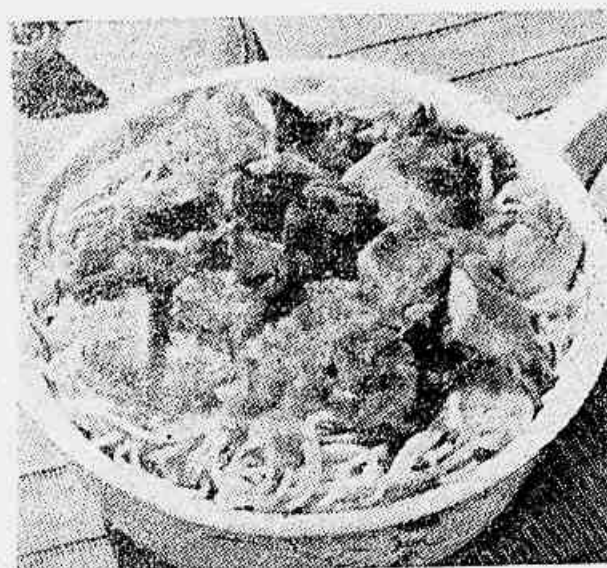
Para pernas e coxas: — Uma das mãos na barra, a outra na direção da cabeça. Uma perna para a frente como se fosse dar um grande passo. Em seguida dobrá-la, estirando a outra para trás



Para os quadris: — Apoiada na barra, uma perna cruzada sobre a outra. Levar a perna com firmeza, sobre a barra. Braço oposto, elevado

A GINÁSTICA

Estes exercícios são muito difíceis. Eles não são dedicados àquelas que nunca fizeram ginástica, mas às que já a têm feito e continuam fazendo, convencidas que estão de que a ginástica é ainda o melhor meio para se manter uma bela figura. As outras, as que nunca puderam perder 15 ou vinte minutos por dia para cultivar o seu corpo, só poderão fazer tais exercícios depois de muito treino. Ainda assim, valeria a pena tentar, pois os resultados, ainda que não imediatos, apareceriam certamente.



O que importa, não é a quantidade do alimento que ingerimos, mas a sua qualidade. É preciso que ele contenha as calorias necessárias ao nosso organismo

COUVE-FLOR COM PÓ DE PÃO

Cozinhe uma couve-flor grande em água e sal, e parta em galhos. Arrume num prato, reconstituindo-a. Parta 6 ovos duros aos pedaços e introduza por dentro da couve-flor. Derreta 2 colheres de manteiga, junte uma colher rasa de pó de pão e vá deitando sobre a couve-flor.

MAÇÃS FRITAS PARA ASSADOS

Tome 5 maçãs com casca, parta em fatias de 1 1/2 cm e retire os centros. Polvilhe de açúcar e reserve. Na hora de servir frite em manteiga dos dois lados.

SOUFFLÉ DE BATATAS

Leve ao fogo numa caçarola com água fria, 1 k. de batatas descascadas e sal, até ficarem bem macias. Reduza à pirão, junte, pouco a pouco, 1 colher de manteiga, 3 gemas, 1 pitada de noz moscada, 1 xícara de leite e por último, 4 claras em neve. Bata ligeiramente, deite num prato Pirex untado de manteiga e polvilhado de pó de pão. Dê uma forma de cúpula, endireite com uma faca e leve a assar em forno regular.

ABACAXÍ EM CALDA

Descasque um abacaxi, tire os olhos, parta em rodela e arrume numa panela, cubra com bastante açúcar e deixa repou-

sar algumas horas. Leve ao fogo, deixe ferver um pouco tome o ponto desejado, junte 1 ou 2 calices de vinho e sirva depois de bem frio ou gelado.

BONS-BOCADOS COMUNS

Deite numa vasilha 3 ovos, 1 colher bem cheia de manteiga, 260 grs. de açúcar, 150 grs. de farinha e 2 chicaras de leite. Misture tudo, deite em forminhas altas e untadas e leve a assar no forno.

PUDIM LIGEIRO DE QUEIJO

6 ovos, 300 grs. de açúcar, 1 colher de manteiga, 3 colheres de queijo ralado, 2 colheres de farinha, 2 chicaras de leite. Bata os ovos com o açúcar, misture o resto e leve a assar no forno em forma untada.

★

Para aproveitar tempo e dinheiro, asse um bom peso de lagarto e com ele poderá servir vários pratos. Das últimas sobras, você poderá fazer saborosos pastéis.

★

Uma gota d'água que caia na massa para pastéis, a estragará totalmente. É preciso atenção e cuidado para que tudo saia sempre bem.

★

Atirar os ingredientes dentro de uma panela e deixar que o fogo faça o resto, não é cozinhar. A cozinha exige atenção e mesmo dedicação.



Mesa de grande estilo. Cercando os copos, rosas vermelhas, uma sugestão que você poderá aproveitar

NASCEU em Motier, aldeia suíça pousada à margem do lago Morat, entre os contrafortes dos Alpes Berneses. Provinha de uma família huguenote que fugira da França durante as perseguições de Luís XIV.

Seus antepassados imediatos, do lado paterno, tinham sido clérigos nas seis últimas gerações. Também pelo lado materno ele descendia de uma estirpe intelectual — e vigorosa. A natureza dotara-o de uma herança física e mental de calibre invulgar. Era um homem nascido para a ação e o pensamento.

Desde a infância adquiriu o gosto de colecionar peixes, pássaros, ratos e coelhos. Seu irmão Auguste andava igualmente tomado da mania de colecionador. Os dois meninos fundaram um museu doméstico de "seres vivos raros e interessantes". Aos quatorze anos a modesta ambição de Louis era, com o auxílio de seu irmão, decorar os nomes latinos "de todos os animais e plantas conhecidas". Já havia redigido um manifesto, que leu perante uma assistência imaginária, sobre a sua futura carreira de grande cientista.

"Distinguir-me-ei nas ciências. Farei meus estudos preliminares em Neuchâtel e matricular-me-ei numa universidade da Alemanha. Terminarei minha educação em Paris. Então começarei a escrever". Estava decidido a tornar-se um eminente homem de letras.

Seus pais, contudo, tinham outros planos para ele. Queriam que entrasse na firma comercial de seu tio em Neuchâtel. Mas cometeram um erro grave. Aos quinze anos, deixaram que encetasse um curso de dois anos no Colégio de Lausanne. Desde o momento em que entrou no colégio, Louis Agassiz nunca mais abandonou os estudos pelos negócios. Tinha decidido imprimir determinado rumo à sua vida, e nesse rumo se manteve até o fim.

II

Aprendera que não bastava a sua primitiva ambição de classificar as diferentes espécies de plantas e animais simplesmente afixando-lhes rótulos latinos. Devia familiarizar-se, não apenas com os nomes, mas também com as estruturas. Então poderia estudar as classificações e, se necessário, inventar classificações novas. Sentia que a observação direta da natureza, mesmo com os seus olhos inexperitos, valia muito mais que a tediosa leitura de todos os eruditos tratados latinos sobre o assunto. Mas, para "procurar pessoalmente onde estava a verdade" tinha de usar os óculos apropriados. O conhecimento da anatomia era instrumento indispensável para o naturalista. Matriculou-se, portanto, na Escola Médica de Zurich, onde entrou em contacto com alguns dos maiores anatomistas da época. De dia, passava horas e horas dissecando animais, e à noite dormia "num viveiro" de quarenta pássaros. Afóra os seus textos "vivos", não lia quase nada. "As biografias de seus alados cantores eram as suas únicas novelas. As mortes acidentais dos seus animaizinhos, as suas únicas tragédias".

Depois, Heidelberg. Tinha dezenove anos quando após o seu nome à lista dos alunos da universidade. Tomou lições de esgrima para desenvolver a acuidade dos olhos, que eram os órgãos vitais do seu trabalho de pesquisa. Aperfeiçoou-se nas línguas clássicas e românticas, pois um cientista deve saber lidar com todos os idiomas. Levantava-se cedo e dedicava cada minuto do dia a uma atividade útil. Terminadas as aulas, reunia-se em seus aposentos com um grupo de colegas, cada um dos quais se especializara em algum ramo da história natural. Nessas reuniões os jovens "peritos científicos" faziam preleções uns aos outros, cotejavam suas notas, organizando, enfim, uma "Pequena Academia" — uma sociedade cultural "em que todos os membros aumentam os seus conhecimentos dividindo-os entre si".

Agassiz acreditava firmemente nesse método de partilha educacional. "O intercâmbio de notas — isto é, o sistema comparativo de educação — desvendou-me o panorama filosófico da natureza como um único e vasto mundo". Elaborara finalmente o plano de trabalho de sua vida. Investigaria a natureza do mundo como uma ampla unidade.

Mas precisamente nesse momento a ampla unidade do seu plano experimentou um rude choque. Seus pais tinham perdido um homem de negócios. Agora queriam um médico. Instavam para que se

A VIDA DE AGASSIZ

(LOUIS JEAN RODOLPHE AGASSIZ — 1807-1873)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

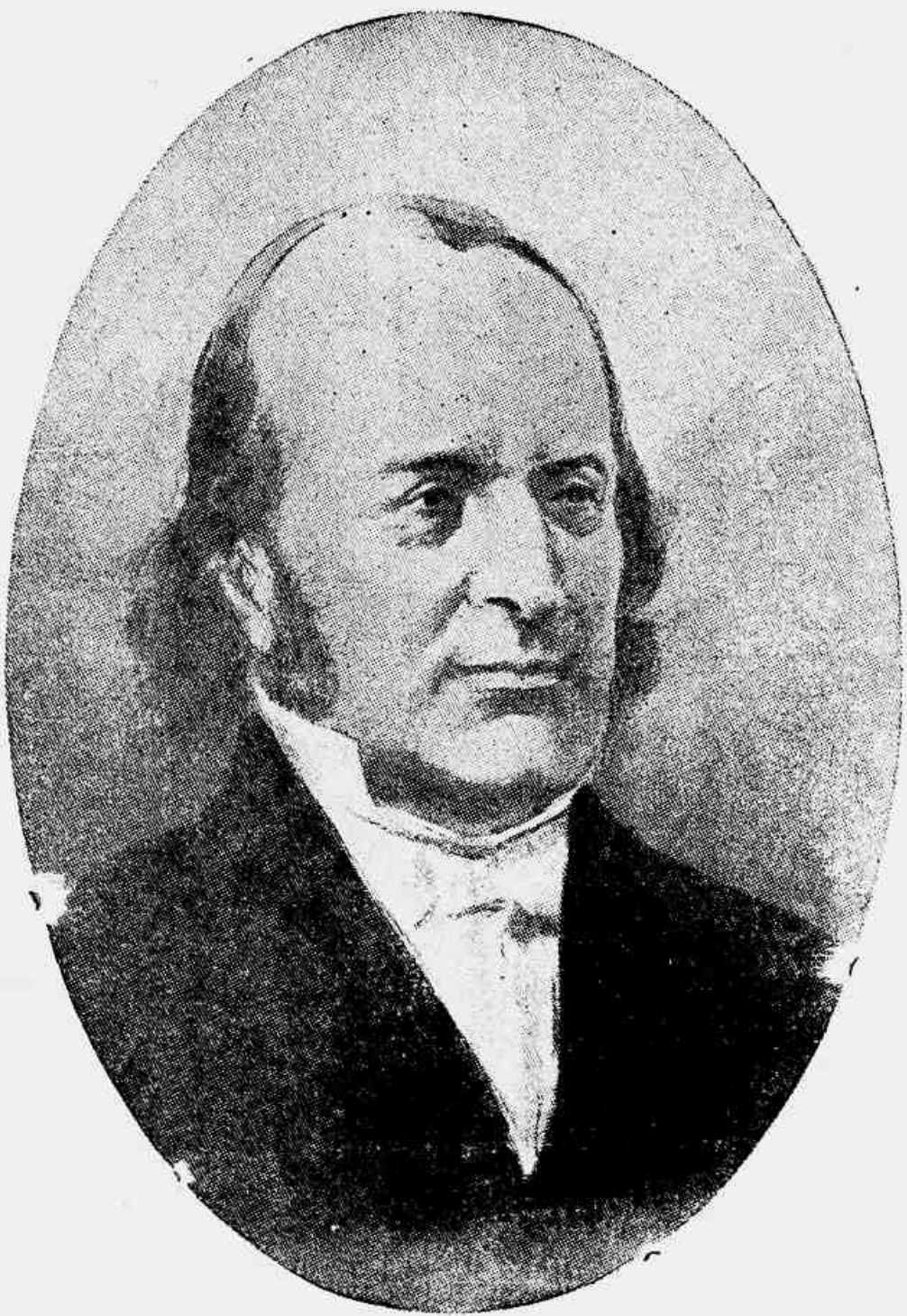
especializasse em cirurgia — ramo que lhe permitiria casar-se e adotar um gênero de vida confortável. "Quanto mais depressa terminares o curso médico", escreveu sua mãe, "mais depressa poderás armar a tua tenda, apanhar a tua borboleta azul e transformá-la numa carinhosa dona de casa".

Houve uma discussão tempestuosa entre Agassiz e seus pais, mas por fim chegaram a um acordo. Agassiz poderia dedicar-se às suas coleções de peixes, contanto que praticasse a cirurgia como meio de vida. "Que as ciências sejam o balão em que te aprestas para viajar pelas regiões elevadas, mas que a medicina e a cirurgia sejam o teu paraquedas".

O jovem naturalista começou a preparar-se com relutância para uma profissão que pouco interesse lhe despertava, quando uma circunstância veio livrá-lo dessa situação. Um dos seus professores, o em-

acadêmico no livro em preparação. Agassiz tinha plena confiança no seu destino. Se o livro alcançasse êxito — e ele tinha certeza que alcançaria — seus pais acabariam por conseguir que ele seguisse a carreira da ciência. Em fim de contas, o que os pais queriam para ele não era necessariamente uma carreira médica, mas uma carreira coroada de êxito.

Com essa idéia a animá-lo, Agassiz aplicava-se infatigavelmente aos estudos científicos. Que os outros estudantes esperançassem o tempo em prazeres. Ele seguiria o seu caminho. Seria, não apenas um grande naturalista, mas o maior naturalista do seu tempo. Salteava-o o desejo de viajar para desenvolver os estudos. Quando soube que Alexander von Humboldt estava procurando auxiliares que o acompanhassem numa expedição aos Montes Urais, escreveu com a impetuosidade da juventude uma carta a M. Cuvier, o



LOUIS JEAN RODOLPHE AGASSIZ

nente cientista von Martius, convidou-o a colaborar num livro de história natural que estava preparando para ser publicado. Louis tomou-se de grande excitação. Escreveu uma carta à sua irmã Cecília, expondo-lhe entusiasticamente os seus planos. "Não parecerá estranho que um dia o livro maior e mais lindo da biblioteca de papai seja uma obra escrita por seu filho Louis? Não será tão bom como ver uma receita minha numa farmácia?".

Até seus pais ficaram radiantes com a idéia. Ouviram dizer que os primeiros folhetos do livro tinham produzido sensação entre os maiores cientistas da época. "Deixemo-lo brincar por algum tempo com a ciência, desde que se dedique à medicina como ocupação principal".

Deixaram-no prosseguir os estudos de história natural até receber o grau de Doutor em Filosofia. Agora o seu nome podia sair acompanhado de um título

amigo de Humboldt, pedindo-lhe que intercedesse em seu favor. "Frequentei durante seis meses uma ferraria e uma carpintaria, aprendendo a manejar o martelo e o machado. Também me adestre nas armas, exercitando-me no sabre e na baioneta. Sou forte e robusto, sei nadar, e não tenho medo de marchas forçadas... Numa palavra, creio que fui feito para ser naturalista viajante. Só me falta saber dominar a impetuosidade que me arrasta. Rogo-lhe, pois, que advogue a minha causa junto a Herr von Humboldt".

Mas a petição chegou tarde. Humboldt já escolhera os seus companheiros. E Louis Agassiz, para cumprir a promessa feita aos pais, continuou os estudos médicos. Apesar do desagrado que lhe inspirava a profissão, entregou-se a esse estudo com a energia própria do seu temperamento. E obteve resultados prodigiosos. Escreveu mais de setenta e cinco teses sobre ana-

tomia, cirurgia, obstetrícia e patologia. Em abril de 1830, madame Agassiz recebeu estas linhas de seu filho: "Não se preocupe comigo. Bem vê que cumpro a minha palavra". O jovem que já se tornara conhecido em toda a Europa com o seu livro de ciências naturais, tinha, fiel à sua promessa, recebido o diploma de Doutor em Medicina.

III

Dirigiu-se a Paris, o centro da cultura científica, e apresentou-se a Cuvier. O grande anatomista recebeu-o de braços abertos. Reservou-lhe um canto em seu laboratório e predigalizou-lhe ensinamentos e conselhos. O jovem naturalista procurava Cuvier com um propósito definido. Ouvira dizer que o velho cientista francês estava preparando um livro sobre peixes fósseis — assunto que ele também vinha estudando assiduamente havia algum tempo. Esperava que, mostrando-lhe os apontamentos a Cuvier, este o incumbisse da obra. E não viu frustrada a sua esperança. Cuvier entregou a seu cargo toda a coleção de peixes e disse-lhe que continuasse o livro. "Trabalho regularmente quinze horas por dia", escreveu o moço aos pais. Sua pequena mesada era insuficiente para as suas necessidades. Pois tinha de pagar a um artista para desenhar os espécimes ilustrativos. Muitas vezes passava fome antes de chegar o fim do mês. O diretor de um jornal científico, o *Bulletin*, ofereceu-lhe o posto de redator da seção de zoologia — o que lhe teria aumentado consideravelmente as rendas. Mas Agassiz recusou a proposta. Pois isso iria roubar-lhe duas horas de trabalho diárias. Seu pai lhe pedia que voltasse à pátria e se dedicasse à cirurgia. Seu mestre Cuvier rogava-lhe que trabalhasse menos. "O excesso de trabalho mata", advertia ao discípulo. O velho naturalista bem sabia o que queriam dizer essas palavras. Pouco tempo depois, ele próprio foi atacado de paralisia quando se encaminhava à Câmara dos Deputados. Dentro de alguns dias estava morto.

Para Agassiz, a perda de seu grande colega e amigo foi um golpe tremendo. Onde encontraria agora o estímulo para continuar as pesquisas? O dinheiro era "tão raro como alguns dos seus espécimes zoológicos". Tinha que despedir o desenhista. Tinha que renunciar aos estudos científicos. E condenar-se à cirurgia para o resto da vida. "Se te dedicares à cirurgia", escreveu sua mãe, "talvez possas terminar o teu trabalho sobre as ciências naturais um pouco mais tarde". Agassiz bem sabia o que isso queria dizer. "Um pouco mais tarde" significava "nunca".

Novamente, porém, a boa fortuna veio em sua ajuda sob a forma de um ancião. Desta vez foi o amigo de Cuvier, Alexander von Humboldt, que fez o papel de Pom Sumaritano. Agassiz visitara o ilustre cientista pouco depois de sua chegada a Paris, e Humboldt prometera escrever ao editor Cotta com respeito ao manuscrito que o moço estava preparando. Passaram-se várias semanas sem que lhe chegasse uma única palavra de Humboldt ou do editor — semanas de fome, privações, desespero. E então Agassiz recebeu por fim uma resposta — uma carta muito diferente de tudo o que esperara. Continha um cheque de mil francos! O velho cientista soubera dos apuros em que se via o jovem. "Certamente me perdoará a intenção amistosa, meu caro M. Agassiz, se lhe rogo que faça uso do pequeno adiantamento incluso", escreveu com muita delicadeza. "O senhor faria mais do que isso por mim, estou certo".

Foi apenas o primeiro passo de Humboldt em favor de Agassiz. O velho empenhou sua influência no sentido de conseguir para o jovem naturalista uma cadeira na universidade suíça de Neuchâtel. E assim Agassiz voltou à pátria — não, porém, como cirurgião. Seus pais estavam agora completamente reconciliados com a idéia de que o filho podia ganhar folgadoamente a vida mesmo como cientista.

IV

Seu êxito como cultor da história natural estava assegurado. Tomando posse do cargo de professor da universidade, imediatamente conquistara a afeição tanto dos colegas como dos alunos. Obteve o patrocínio de Humboldt, e por intermédio deste a admiração do rei da Prússia. Aos vinte e cinco anos, graças à magia da sua personalidade e talento, convertera Neu-

(Continua na pág 50)

PELAS estradas do CÉU

ANDRE MAX

Experiências recentemente levadas a efeito na Scandinávia como parte de um programa de expansão daquela empresa de aviação, revelaram a viabilidade de um novo processo para se julgar da capacidade individual dos funcionários contratados para os serviços aéreos. Pode-se, agora, constatar, de imediato, quais os indivíduos que, em caso de emergência, se encontram à altura de desempenhar tarefa que exigem o máximo de eficiência num mínimo de tempo indispensável. Esse novo processo teve como base as observações colhidas por um grupo de psicólogos, durante uma visita de estudos ao Instituto Psicológico de Utrecht.

Cerca de 15 pilotos suecos, dentre os mais jovens, foram submetidos a minucioso exame, em que se empregou métodos inteiramente diferentes dos até então usados, para essa espécie. Confrontando-se, depois, os resultados colhidos com as observações feitas por superintendentes de vôo sobre o grau de eficiência e características pessoais dos mesmos pilotos, durante os vôos, chegou-se a uma notável coincidência, ficando, assim, demonstrado que o novo processo era excelente e talvez, possa vir a ser aplicado, no futuro, sempre que forem contratados novos funcionários para o serviço de aviação.

★

Notícia-se de Estocolmo que uma anciã — provavelmente a mais velha passageira aérea do mundo — tornou assento num avião, para uma viagem de recreio. Trata-se da Sra. Sigrid Rystedt, de Sundsvell, Suécia, que acaba de completar 102 anos de idade! Falando aos jornalistas a Sra. Sigrid declarou haver apreciado muitíssimo a sua primeira viagem de avião; acrescentando ainda que ficou muito desapontada por não haver o piloto executado a série de "loopings" que lhe fora prometida ao embarcar...

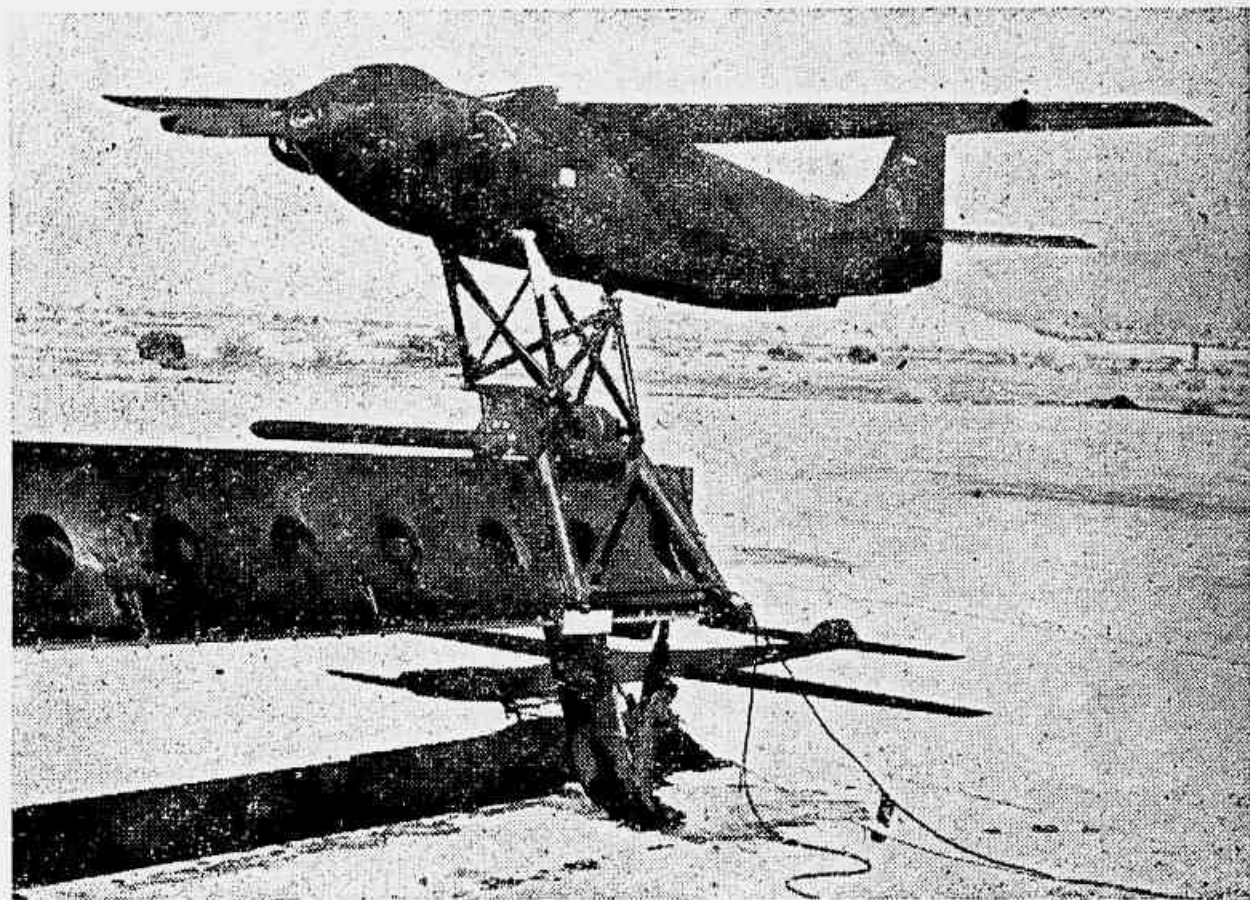
★

O último tipo de avião-alvo da Força Aérea dos Estados Unidos acaba de ser finalmente dado como aprovado, depois de ter passado por todos os testes na Base Aérea de Wright-Patterson, de Dayton, Ohio.

Duas vezes mais veloz que qualquer avião sem piloto, dos modelos no gênero, é de controle remoto, lançado por jato propulsão e o pouso controlado por meio de ondas radiofônicas.

Conhecido oficialmente como o OQ-19-A, esse avião, cujo peso é de cerca de 135 quilos, será usado como alvo para os artilheiros, pilotos de combate e artilharia anti-aérea do Tio Sam.

Construído inteiramente de peças removíveis de material incombustível, pode ser usado por muitas vezes, mesmo depois de atingido. Eleva-se, com relativa rapidez, a altitude de 24.000 pés, conduzindo um suprimento de gasolina que lhe garante a permanência no ar por mais de uma hora.



O último tipo de avião-alvo da Força Aérea dos Estados Unidos. Lançado a jato, controle remoto e pouso dirigido por ondas radiofônicas

Ao terminar o combustível, o avião pouso diretamente, por meio de um paraquedas auxiliar de que é munido.

Na gravura que aqui reproduzimos, o avião-alvo numa catapulta, pronto para ser lançado, numa das recentes experiências realizadas na Base de Dayton.

A qualquer ponto do Mundo

**PELOS MAGNIFICOS AVIÕES DA
CRUZEIRO EM TRÁFEGO MUTUO COM
GRANDES EMPRESAS
ESTRANGEIRAS**

SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA

SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS AV. RIO BRANCO, 128 - INF. 42-6060

O ECLIPSE DA LUA



Disseram os jornais de pou-
cos centavos que, em dias da
semana passada, houve um
eclipse da lua. Nada mais
errado e falso. Não houve ne-
nhum eclipse, nem do sol, nem
da lua, nem da Terra. O que
se deu foi o seguinte:

Estando o autor destas linhas
horizontal em visita de alto in-
teresse público e particular em
casa de um grande figurão na-

CONSELHOS DE PAI INCOGNITO

cional e internacional, discuti-
do-se assuntos transcendentais,
vieram juntar-se ao nosso meio
vários outros aristocratas e fi-
dalgos daquém e além mar de
Espanha, abrindo-se feroz dis-
cussão para saber-se quem iria
pagar uma ceia no botequim
da esquina.

Em virtude disso, as senho-
ras que estavam à varanda do
apartamento no pósto 5 e 3/4,
assustadas, vieram saber do
que se tratava e, mais calmas,
também entraram na discussão
visivelmente interessadas em
comer alguma coisa, pois já es-
tavam sem alimento desde o
dia anterior.

A noite avançava sem dar
contas a ninguém. Ia alta a
lua cheia. E a gente a taga-
relar, a discutir, a falar alto e
bom som, despertando a curio-
sidade de vizinhos e raros tran-
seuntes da avenida Atlântica.

Como, porém, não há perigo
nenhum de intervenção polí-
cial, pela ausência providen-
cial da mesma em qualquer

parte da cidade, nada tínha-
mos que ver com decretos de
silêncio, e fomos teimando que
era um gozo.
Foi aí que uma filhinha do
nosso amigo mais chegado teve
esta idéia genial: resolveríamos
a questão do pagamento numa
partida relâmpago de «pi-fai».
E baralho? Como por encanto,
apareceram mais de trinta, não
se sabe como. E a partida co-
meçou. Fez-se silêncio. Todos
tomaram parte na mesa, até as
crianças. Quem ganhou, como
já era de esperar, fui eu, eu o
Conde de Salamaleques, mes-
tre da trapaça e rei das cartas
falsas. Quando venci, todos vi-
ram que a lua escurecia, es-
condendo a cara, mas de ver-
gonha. Conde de Salamaleques



SUCIAIS



Viajantes — Depois de grandes
padecimentos, tomou passagem
de ida para o outro mundo, o
nosso prezado amigo Tibério Vait-
tardi, não havendo muito choro
em virtude do sobrenome.



Casamentos — Se Deus não
mandar o contrário, esperam ca-
sar-se nos primeiros dias de maio
a senhora Lisbônia de Azevedo
Mar e o distinto condutor de tro-
pas Zerkinho Tirio Daqui. Que
sejam realizados os desejos do
futuro casal Mar-Tiro.



Batizado — Embora ninguém
acreditasse, veio à luz de um
lampeão de querosene o primeiro
reberto do casal Simão Cata
Branco-Mariana Pora da Costa.
O menino parece ir dar muito o
que fazer à vizinhança, segundo
os mais íntimos do casal Cata-
Pora.



Inauguração — Por motivo da
inauguração de sua dentadura de
último modelo norte-americano,
dona Ursulina da Silva Dora, es-
pôsa do nosso particular amigo
Paratúnculo Morde, vai dar uma
festa e pede às pessoas de suas
relações ou não, que lá compa-
recerem, que não se esqueçam de
levar presentes de comestíveis
para ela poder mostrar como está
perfeito o aparelho de mastigar.
Lá estaremos para ajudar a dar
vão aos presentes e parabéns
à família Morde-Dora.



CONSULTÓRIO DE GRAÇA PARA POBRES DE ESPÍRITO

Silvinha — O sufixo em men- sempre é assim: terreiro é a
to não se presta para tudo o frente de nossa casa: berreiro
que a senhora pensa. Veja: é menino que se dana a ber-
pagamento é ato de pagar; mas rar, e aceiro; em lugar de ser
mandamento já não é ato de o operário que trabalha em
mandar. Fomento não pode ser aço, é uma pista larga que se
aquêlo que está com fome. abre nos limites dos roçados.

Pacífico — Não senhor! Mi- Paulina — De certo que seu
rabolante não é o jogador de mano não pode ter razão. O
futebol que olha a bola para prefixo a nem sempre repre-
jogar. É verdade que ele mira senta qualidade intensa de
a bola, mas só se torna mira uma coisa. Ora, se apalerna-
bolante quando faz um «goal» do é uma pessoa ficar palerma,
de bicicleta. já não se poderá dizer que

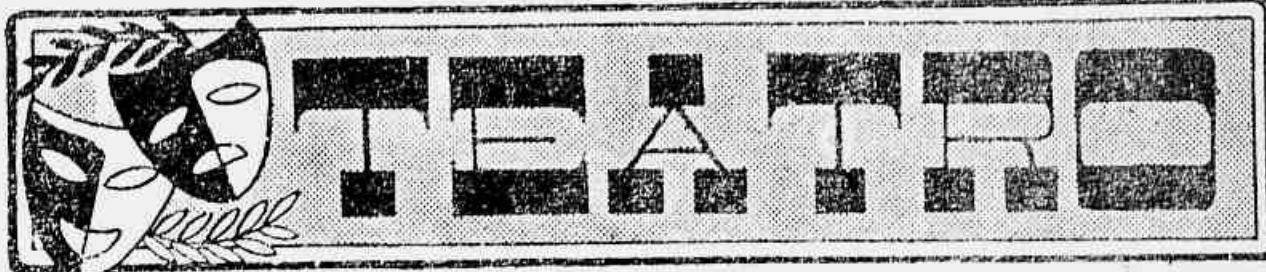
Cometeiro — Tenha cuidado uma pessoa que ficou na som-
com essa história de sufixos. bra esteja assombrada. Só se
Na verdade a terminação eiro o cobrador estiver perto.

Barão do Buteço

LIÇÕES DE COUSAS

Para conhecer se descendemos
de boa família, basta isto: arme
no meio do seu quarto uma barra
de dois metros de altura. Pule e
agarre com ambas as mãos. Ba-
lance para lá e para cá, colocan-
do bem à sua frente um espelho
grande. É um macaco direitinho.

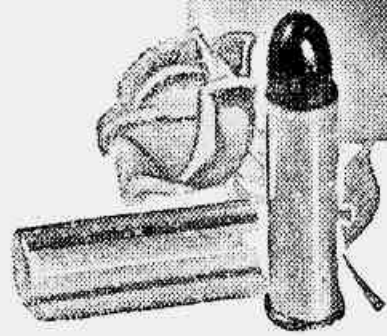




JOSÉ FOMM

"Teus lábios me dominam..."

Com o encanto que lhes dá Van Ess — criado especialmente para a mulher brasileira!



O novo baton Van Ess "Rose" dá aos lábios um tom aveludado e encantador, realçando sua beleza natural. Van Ess é aderente por muitas horas, e mantém os lábios úmidos e provocantes. Também em outras lindas tonalidades à escolha.

Adquirir hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!

LOLA

(Continuação da pág. 48)

Sigo um lugar de faturista e correspondente num laboratório. No mesmo dia arranjei uma cama numa "república", na Lapa. Da Tijuca a esse bairro, um contraste. Mas quanta felicidade!... O primeiro passo para iniciar meus estudos de piano estava dado — independência econômica. Tempos felizes, com namorada em Laranjeiras, teatros, cinemas, praias. Enquanto isso, mamãe, aqui no sul, adocece, estando prestes a morrer. Sigo incontinentemente, em avião, no mesmo dia da recepção do telegrama. Da janelinha do aparelho lanco o último olhar à Guanabara. Já tinha aprendido a amá-la. Resplandece ao sol morno de setembro.

...E agora o "happy-end" do filho pródigo. As forças voltam ao corpo que carecia. Tudo estava encaminhado de molde a me amarrarem aqui. Umás pequenas férias e, logo após, o emprego atual, que já fora arrumado previamente, pelo velho.

E foi na profunda crise resultante da inadaptação do meio, as recordações do Rio, a vontade louca de voltar, a raiva por tudo e todos, na província, é que me surgiu, posso dizer, inesperadamente, a pequena que acabara de visitar. O que aconteceu daí para cá é coisa intensa que meus sentidos viveram, porém demasiado banal para registrar aqui. Fiquei e continuo estupidamente apaixonado. A princípio, duvidei de mim próprio. Ridicularizava-me, até. Depois... achei natural "aquilo" e atualmente elaboro planos futuros. A propósito, recordo-me nitidamente de meu amigo Cury, da pensão da Lapa, sacudindo a cabeça enorme e dizendo: — "É, Elmano, a felicidade é burguesa".

★

Lola morreu três dias, quatro horas e vinte e dois minutos exatamente depois da última vez que a vi. Posso parecer frio de mais ao precisar com demasiado escrupulo o tempo transcorrido, porém oitava,

no instante em que recebi a notícia, o relógio da matriz e pensava, naquele momento, ser, justamente, o total de horas e minutos mencionado o verificado desde que estivera na casa do velho Silva. Sua filha tivera outro colapso e não resistira. Nova explosão do pai a matara. Humanamente impossível medir a extensão do meu choque e a intensidade do meu furor contra esse homem. Fico gelado e hirto e alguma coisa me prende no chão. Parece que meus pés são feitos de chumbo. Sinto, no peito, a impressão de um soco violento. O garoto que me transmite o recado arregala os olhos para mim e sai correndo. Dores no cérebro, assemelhando-se a milhares de punhais perfurando-me a cabeça. Abro a boca e não articulo som algum. Tudo escurece. Os punhais... Enlouqueço de dor...

★

A mobília do pequeno compartimento consiste numa cama, pequena cama, cadeira e armário. A janela é um pouco diferente das comuns: guarnece-a barras de ferro, que lhe emprestam um ar muito original. Há inúmeros quartos iguais ao meu. Quero falar de como sou feliz, pois Lola vive comigo. Dois eternos pombinhos arrulhando. Ela, agora, está sentada, na cama, e faz tricô. Prepara o enxoval do bebê. Suspira feliz e olha-me, sorrindo. Sorrio embevecido. Nossa vida é muito regular e poucas vezes saímos. Entretanto, é preciso que Lola passeie um pouco, como o médico recomendou. Não suporto, porém, a algazarra que fazem lá fora, por isso que nossa estada longe do quarto é breve. Voltamos logo, acarinhando-nos mutuamente. Coloco-a, em seguida, na cama, cuidadosamente (é necessário ter em mente seu estado). Beijo-a na fronte. Ela sorri, enlevada, e cerra os olhos. O sorriso persiste em seus lábios. Como é graciosa e como eu a amo!

Permaneço acordado. Ando de um lado para outro, preocupado com as responsabilidades que assumirei com o nascimento do primogênito. Nisto, sou interrompido pelo ruído de passos, que vem do corredor. Um homem, enfiado num guarda-pó

A estréia de Silveira Sampaio no Teatro de Bolso estava sendo ansiosamente aguardada. O autor de "A inconveniência de ser esposa" havia revelado suas habilidades no Teatrinho Íntimo do Lema e fazia-se necessária a sua volta à ribalta para que ratificasse a amostra que nos deu na sua experiência teatral.

"Da necessidade de ser polígamo" denomina-se uma sátira isto é, "uma obra crítica, picante, que tem por fim censurar os erros e defeitos do outrem. Houve quem a qualificasse de farsa, porém, farsa é "uma peça teatral, de ação trivial, em que se empregam graciosos, situações cômicas, ridículos, etc.". Logo, não é uma boa qualificação, e podemos dizer que "Da necessidade de ser polígamo" é uma "melange" de sátira e farsa.

O tema versa sobre um homem que anuncia à esposa a presença de u'a amante em sua vida. A esposa, como é natural, recebe a notícia com o devido espanto, julgando-o louco, etc. Petúlio, o marido, começa a convencer Martha, a esposa das razões de sua atitude. Entra em uma série de considerações, citando exemplos da História, fatos científicos e as vantagens monetárias de trazer Elvira, a outra, para aquele lar. Depois de muita relutância, Martha aceita a proposta de Petúlio. Elvira vem viver em companhia do casal e tudo corre bem até que Martha confessa ter um amante, também. Agora os papéis se invertem: Martha usa o mesmo processo de argumentação do esposo e, antes do consentimento dêste, aparece o novo membro da "célula poligâmica", o Daliacópulos. Petúlio já não vê com bons olhos aquela comunidade; enfim...

Mas Elvira confessa possuir também um outro amante, e o traz para casa. A essa altura são 3 homens e duas mulheres, onde Petúlio visivelmente "sobra". Durante todo o desenrolar a platéia dá boas risadas, tendo cenas de imenso humorismo, como a imitação do Villaret que é uma verdadeira delícia. O final da sátira-farsa consiste na loucura de Petúlio. Esta foi objeto de discussões. Segundo uns era um "freudianismo barato", segundo outros uma cena que confunde o espectador. Mas reparemos que a peça não é chanchada. Muito ao contrário. Embora provoque gargalhadas, Silveira Sampaio, impregnou-a de situações interessantes. O cérebro confuso de Petúlio terminou com a alucinação completa, coisa, aliás, muito natural. Confesso que o final arrepiou-me pela originalidade e beleza de interpretação, tendo sido muito favorecida pelo magnífico efeito de luz.

No primeiro ato há um pequeno defeito: a extensão. Mas isso não quer dizer que chegue a cansar, pois Silveira conseguiu milagres na interpretação. Quando Petúlio usava, em sua argumentação, a "cultura", a inflexão de voz, a expressão fisionômica e as gesticulações eram de um erudito. Quando usava de meios vulgares, a voz, a fisionomia e os gestos eram de um perfeito malandro. O final do primeiro ato, simbólico, ao som da marcha nupcial, foi de magnífica expressão. Em tudo se verifica o talento de Silveira Sampaio.



Cena caricaturada de "Two Blind Mice", com Melvin Douglas, à direita

A interpretação de Margaret Moura, que viveu Martha, deixou muito a desejar no primeiro ato. Sendo o seu papel quase mudo, e diante das palavras do marido, sua expressão fisionômica deveria "falar", a fim de suprir a falta do verbo, o que não se verificou.

Elisabeth Hodos teve um pequeno papel, e abusou da languidez em sua "Elvira".

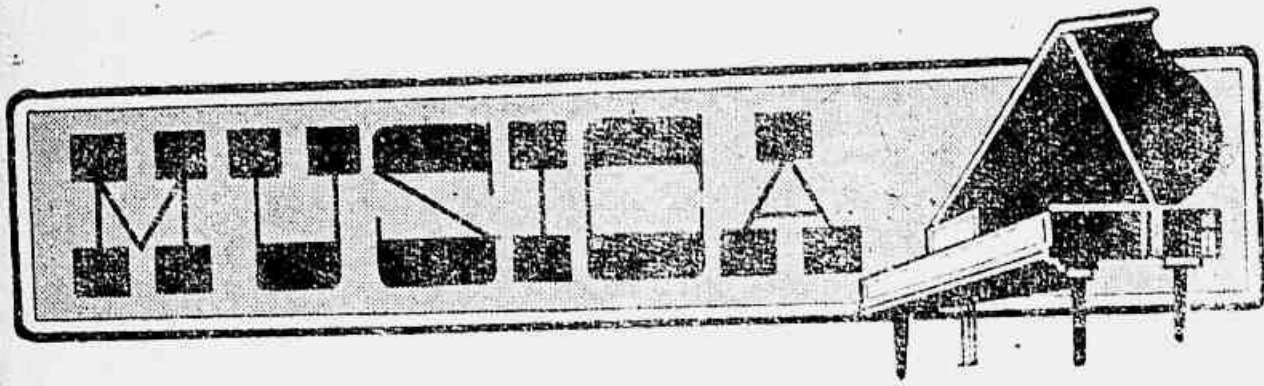
Flávio Cordeiro, embora não articule uma simples palavra sequer, figurou magnificamente no "Professor".

Outro ponto alto do espetáculo é Teófilo de Vasconcelos. É impressionante a sua atuação. Dir-se-ia longa a experiência teatral devido a desenvoltura e a facilidade de expressão com que colheu o seu "Daliacópulos". Ele é absoluto dono do segundo ato.

O cenário de sr. Lauro Lessa, discreto, e a direção de Silveira Sampaio firme, denotando mais uma vez sua capacidade.

DO ESTRANGEIRO

O ANTA (American National Theatre and Academy) promoveu no Ziegfeld Theatre de Nova York, um grandioso espetáculo, apresentando várias cenas de grandes peças com seus criadores. Tomaram parte no "show" Tallulah Bankhead, encarnando a Regina de "The little foxes", que criou há 10 anos; Robert Morley, na cena final de "Oscar Wilde", apresentada em 1939; Billy Lynn em uma cena de "Three men on a horse"; Walter Hampden em "Cirano de Bergerac" e inúmeros outros do Teatro, como Mae West, Henry Fonda, Carol Bruce, etc. A renda da bilheteria reverterá integralmente na construção de um teatro para o ANTA.



GYORGY SÁNDOR ★ SENTIMENTO E SENTIMENTALISMO ★ UM CONCERTO DE ALICE RIBEIRO ★ RESUMO DA HISTÓRIA DA ÓPERA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

A Associação Brasileira de Concertos iniciou suas atividades, este ano, com um recital do pianista Gyorgy Sándor. Com um programa acessível, composto de obras de Chopin e Liszt, Sándor procurou conquistar o público carioca, escolhendo música adequada para uma exibição de boa técnica e alta virtuosidade. Devemos reconhecer, portanto, desde logo, que, comandando uma técnica admirável, seguro, preciso, Sándor obteve, como prêmio de seus esforços, um sucesso excepcional. Se lhe falta, às vezes, mais vigor e impetuosidade, mesmo com sua atitude policiada e um pouco fria, ele consegue impressionar, pela limpidez e firmeza. Seguramente não se trata de um artista de qualidade raras, mas vê-se logo que é um pianista competente e honesto e, se não atinge o nível das grandes interpretações, por outro lado não desaponta, nem tem defeitos graves, como artista. É verdade que seu temperamento um tanto seco não se harmoniza com a força e a eloquência de um Chopin. Por isso mesmo, a sua Polonesa op. 53 soou sem as sonoridades, a vibração, que outros, até com técnica menos perfeita, atingem e comunicam. Há um aspecto mecânico, na precisão das interpretações de Sándor que as prejudica bastante. Assim, Chopin parecerá, às vezes, tão óco, no brilho de algumas peças, como Liszt, por falta de um vigor capaz de traduzir a riqueza interior da obra. Não me refiro, aqui, a esse "sentimento," que muitos reclamam, e não passa, em muitos casos, de um "sentimentalismo" plegas. O que Sándor poderia nos dar é uma idéia mais perfeita do "estilo" de cada compositor, daquela força que anima a obra e marca a personalidade do artista. Essa deficiência, em Sándor, é particularmente evidente, repito, na qualidade mecânica, de sua arte um tanto superficial.

Animo-me, assim, a discordar dos que imediatamente o colocaram entre os "grandes pianistas", vendo, nele, apenas, um pianista competente e reservado para outros, como Walter Gieseking, por exemplo, que a própria A. B. C. nos trouxe, louvores excepcionais.

ALICE RIBEIRO

É sempre com satisfação que ouvimos Alice Ribeiro. A graça, a finura que a crítica americana tanto apreciou, assim como a pureza e a doçura do timbre ou a frescura da voz caracterizam as interpretações dessa cantora. Além disso, uma sensibilidade rara e boa escola completam a sua personalidade artística.

Comentando um programa que pretendia acompanhar, em rápida síntese, a evolução da ópera, com algumas árias, poderia discordar do critério adotado — de resto, a tarefa era muito difícil — se não me desarmasse a interpretação, sempre justa e adequada, de Alice Ribeiro. Prefiro assim, aceitar o programa apresentado, não como uma breve história da ópera, mas como uma oportunidade excelente para que a cantora demonstre a variedade e a riqueza do seu talento. E, assim, posso admirar a força dramática e a serena grandeza do "Lasciatemi Morire", de Monteverdi e reservar registro especial para "L'esperto nocchiero", de Bononcini e para o "Revenez Amours", de Lulli, na pureza das linhas clássicas da interpretação. Destacarei a ária da Fauvette de Gretry que deu ensejo a uma exibição de agilidade vocal, bem como de graça, e encanto. Mozart veio a seguir, mas, logo após, o "Addio del Passato" nos transportava para um clima completamente diferente, e a música apaixonada, veemente de Verdi surgia em interpretação de uma emoção comunicativa. Mais tarde, Granados, na vibrante ária das Goyescas, saborosa e bem espanhola na interpretação de Alice Ribeiro.

A requintada e frágil beleza da ária de "L'enfant et les Sortilèges" de Ravel surgia, em seguida, terminando o programa com o "comme serenamente", do Schiavo. Os extras prolongaram o concerto, concedidos, gentilmente por Alice Ribeiro, diante da insistência do público.

Depois dessa amostra, para matar saudades, esperemos que Alice Ribeiro apareça, mais frequentemente, nos concertos, como no palco do Municipal, onde já obteve alguns dos maiores triunfos de sua carreira. Será preciso recordar aquela inesquecível Micaela, na Carmen? A Traviata? Tantos outros sucessos?



ALICE RIBEIRO

branco, olha-me. Assemble-se ao velho Silva. Sinto, então, renascer dentro de mim um ódio irrefreável, e com os braços estendidos procuro agarrar-lhe o pescoço com as mãos. Ele, mais rápido, afasta-se e foge. Chego-me até a porta, coloco minha cabeça entre as barras e provo-o, berrando-lhe que volte. Não tenho mais dúvidas, é o velho Silva! Toda vez que o estranguilo ele abre muito os olhos, sua língua pende da boca para fora, as veias das têmporas entumescem-se... Ele fica numa posição engraçada e eu cada vez aperto mais. Permaneço horas e horas, depois, vendo o velho caído, contemplo, feliz, o resultado do meu esforço.

— FIM —

A VIDA DE HUXLEY

(Continuação do número anterior)

E assim ele entrou mais uma vez na arena do pensamento e reencontrou o vigor da juventude nos anos hiernais. Esquecida jazia a fraqueza a que se rendera num momento de temor insensato. Sua energia tomara novo alento. Huxley já não estremecia à idéia do esforço físico. Ao contrário, encarava-a com prazer. Fez uma viagem à Suíça (1888) e caminhou dezoito milhas, inclusive uma ascensão de dois mil pés, num único dia. Ria-se à lembrança de ter capitulado ante "uma dilatação cardíaca". Fez o voto solene de continuar a sua obra e pospor o fim inevitável. "Pois no fim da vida todo o nosso trabalho parece tão pequenino!"

VI

Construiu uma casa em Beachy Head, à beira-mar. Como o velho filósofo Candaide, passou os últimos anos cultivando o seu jardim. E então veio a maior ironia da vida desse mestre da ironia. Transformaram-no em uma "instituição respeitável".

O agnóstico se convertera em santo. Recebeu o grau honorário de Doutor em Leis na cidade da ortodoxia britânica, a Universidade de Oxford. "Estarei magnífico numa beca vermelha!", escreveu sarcasticamente. Foi nomeado Decano do Colégio da Ciência. "A única ambição que me resta", comentou, "é o Arcebispado de Canterbury".

E por fim armaram-no cavaleiro. Aceitou essa honra como todas as outras, zombeteiramente. A "nobreza de estirpe" para ele era pouco mais do que uma farsa. "Os meus estudos de zoologia me fizeram recusar a antepassados tão remotos que os antepassados mais próximos já não me interessam".

Nunca foi à corte, e não fez mais que uma visita ocasional a Londres. Ensurdecera de um ouvido, o que o tornava suscetível, impedindo-o de aceitar convites. Queixava-se que não podia sentar-se à mesa sem converter em seu inimigo o vizinho do lado surdo.

E assim ele seguia o seu caminho solitário mas jovial dos últimos anos. "Ali vai o professor Huxley, envelhecido mas ainda fascinante", observou certa vez uma senhora idosa.

A medida que ia envelhecendo, retirava-se cada vez mais da sociedade para a solidão do seu jardim. Quando sua nota mais moça ia visitá-lo, fitava-o com um olhar admirado. "O senhor é o velho mais singular que eu já vi!"

Um homem singular, com as suas plantas singulares. Ali, no seu jardim, inspecionava as trepadeiras, cuidava das genianas, resguardava os arbustos contra o vento e reunia os seus ensaios para a edição definitiva. A história do progresso. Da semente do passado, através da germinação do presente, às vergôntas de amanhã.

Qual é essa esperança do amanhã — esse fim último do processo evolutivo, essa gradual aquisição de conhecimento por meio de incessantes lutas e dores? O fim de toda essa luta não é a sobrevivência dos mentalmente mais aptos e dos moralmente melhores?...

VII

Huxley atravessou um inverno rigoroso no seu septuagésimo ano. No entanto, nunca se sentira tão animado. Os médicos sacudiam a cabeça, mas ele ria-se. Quando se aproximava a primavera, escreveu a seu amigo Hooker, dizendo-lhe que não desse crédito às informações alarmantes que os jornais vinham publicando sobre a sua morte. "Ainda não me sinto em estado de entregar as fichas".

Três dias depois estava morto.

A VIDA DE AGASSIZ

(Continuação da pág. 18)

chatel num grande centro científico. Os sábios de toda a Europa se impressionavam com a intensa energia que ele demonstrava em suas pesquisas. "Quando estou em Neuchâtel e bato à porta de Agassiz", observou gracejando o geólogo Leopold von Buch, "sempre tenho medo que ele me tome por uma nova espécie".

Agassiz não restringia a sua intensa atividade ao ensino e aos estudos. Era grande amigo das crianças, e estas o acompanhavam no grande amor à natureza. Agassiz gostava de incendiar-lhes a imaginação passeando com elas por campos e colinas, e falando-lhes nas obras de Deus. Não acreditava nas ilustrações das belezas da natureza que encontrava nos livros didáticos. A sua ciência era uma ciência viva, pronta para se desdobrar aos olhos de todos. Ele ensinava os elementos de geografia aos seus pequenos colegas levando-os ao alto duma montanha e mostrando-lhes o vasto panorama. Iniciava-os nos mistérios da botânica ao mesmo tempo que eles colhiam flores no campo. Quando lhes dava uma lição sobre os frutos tropicais, apresentava-os com laranjas e bananas, convidando-os a comer enquanto ele explicava a estrutura das frutas. Os meninos o consideravam, não um mestre, mas um companheiro de brinquedos. Era alegre e folgazão como o mais travesso dos seus pequenos discípulos.

Instituiu um novo método educativo. Abandonara as classes mal ventiladas, voltando aos jardins dos antigos filósofos gregos. E, como esses filósofos, era não só um mestre proficiente mas também um estudante assíduo. Dedicava às suas próprias pesquisas todos os momentos que o ensino lhe deixava livres. Por algum tempo se julgou, mesmo, que o excesso de trabalho ia causar-lhe um dano grave. Os médicos temiam que ficasse cego para sempre. Mas nem essa tribulação o fez renunciar ao trabalho. Ficava horas numa sala escura habituando-se a lidar com os seus espécimes fósseis até adquirir um tato tão delicado que já não precisava temer a cegueira iminente. "Aconteça o que acontecer, poderei continuar as minhas pesquisas".

Mas o destino, tendo-o pôsto à prova, restituiu-lhe a visão. E ele dedicou-se ao trabalho com mais entusiasmo do que nunca. Sua fama se espalhou por toda a Europa continental, e mais além. Os maiores naturalistas ingleses convidavam-no a examinar suas coleções de espécimes fósseis. Sir Charles Lyell participou-lhe que, em resultado de suas pesquisas originais sobre tectologia (a ciência dos peixes), conquistara o prêmio Wollaston — apreciável quanta que Agassiz não vacilou em aceitar, pois despendera "até o último vintém" nessa pesquisa. Fez uma viagem à Inglaterra e teve cordial acolhida. Era o nome mais comentado do mundo científico.

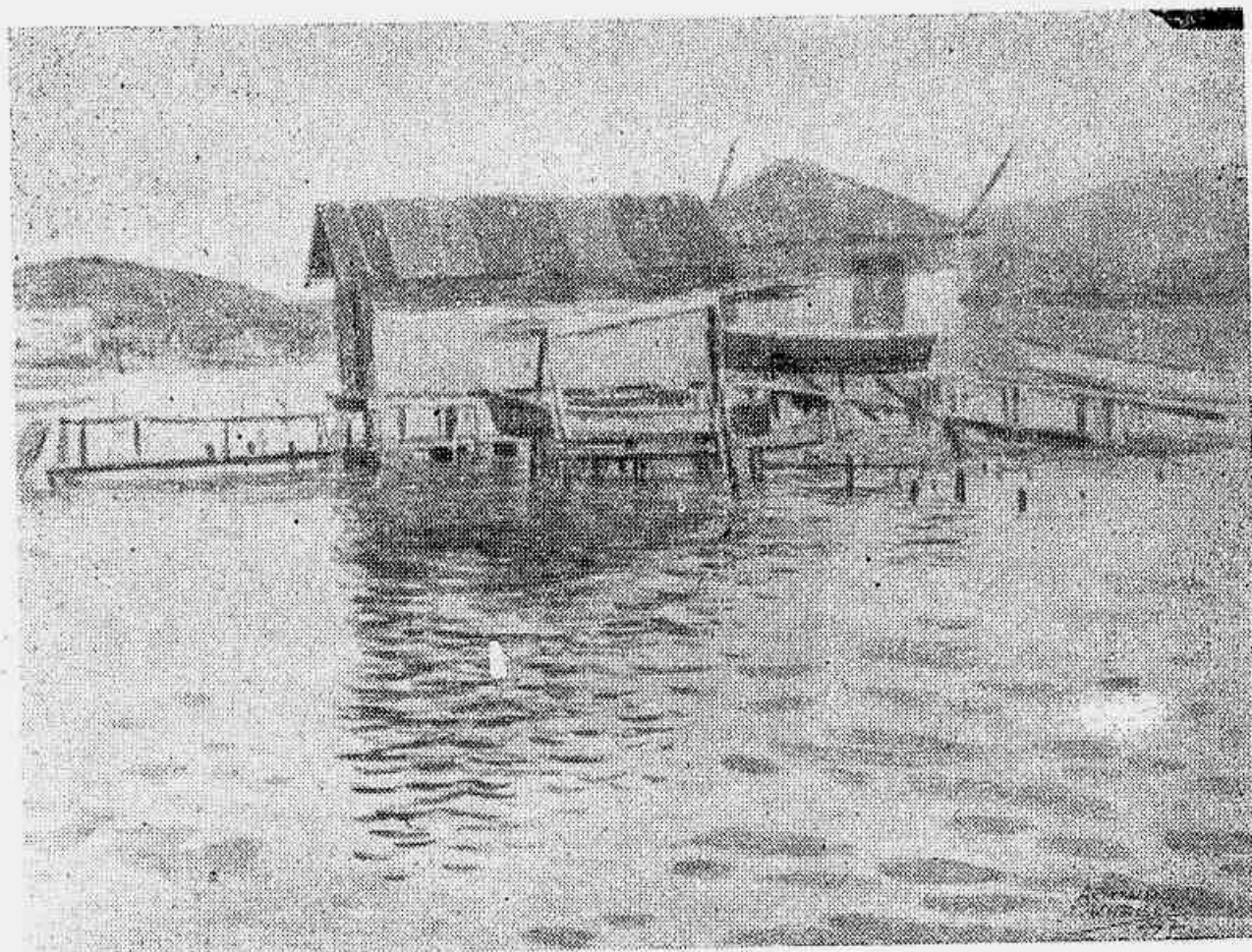
No entanto, ainda havia quem duvidasse do seu gênio. Esses céticos afirmavam que a sua nomeada científica tinha mais espuma que substância. E decidiram submeter a uma prova. Acabava de ser descoberto um peixe fóssil numa camada geológica tão profunda, e correspondente a uma época tão remota, que até então não submetera nenhuma outra espécie de vida orgânica. Agassiz, que ainda não ouvira falar da descoberta, foi convidado a tomar parte numa reunião, onde lhe fizeram uma pergunta destinada a fazê-lo cair numa armadilha. Dada uma certa camada geológica muito profunda — perguntaram-lhe — seria capaz de descrever o tipo de peixes que se poderiam encontrar ali? O naturalista suíço ficou por algum tempo em silêncio. Depois dirigiu-se ao quadro negro e, com algumas explicações preliminares sobre as leis e a ordem da criação, desenhou os contornos do peixe "hipotético" que se poderia encontrar no extrato indicado. Quando o fóssil que se acabava de descobrir foi comparado com o desenho de Agassiz, a assistência prorrompeu em estrondosos aplausos. "Este homem", exclamou um dos espectadores assombrados, "desvendou os próprios planos de Deus, como por milagre!"

Nada havia de milagroso, entretanto, no método científico de Agassiz. Ele aprendera, simplesmente, a ler o mundo tão bem como os outros cientistas haviam aprendido a ler em seus livros. Tanto para a sua visão mental como para a sua visão física, o mundo apresentava uma



ANGELUS RAVEL

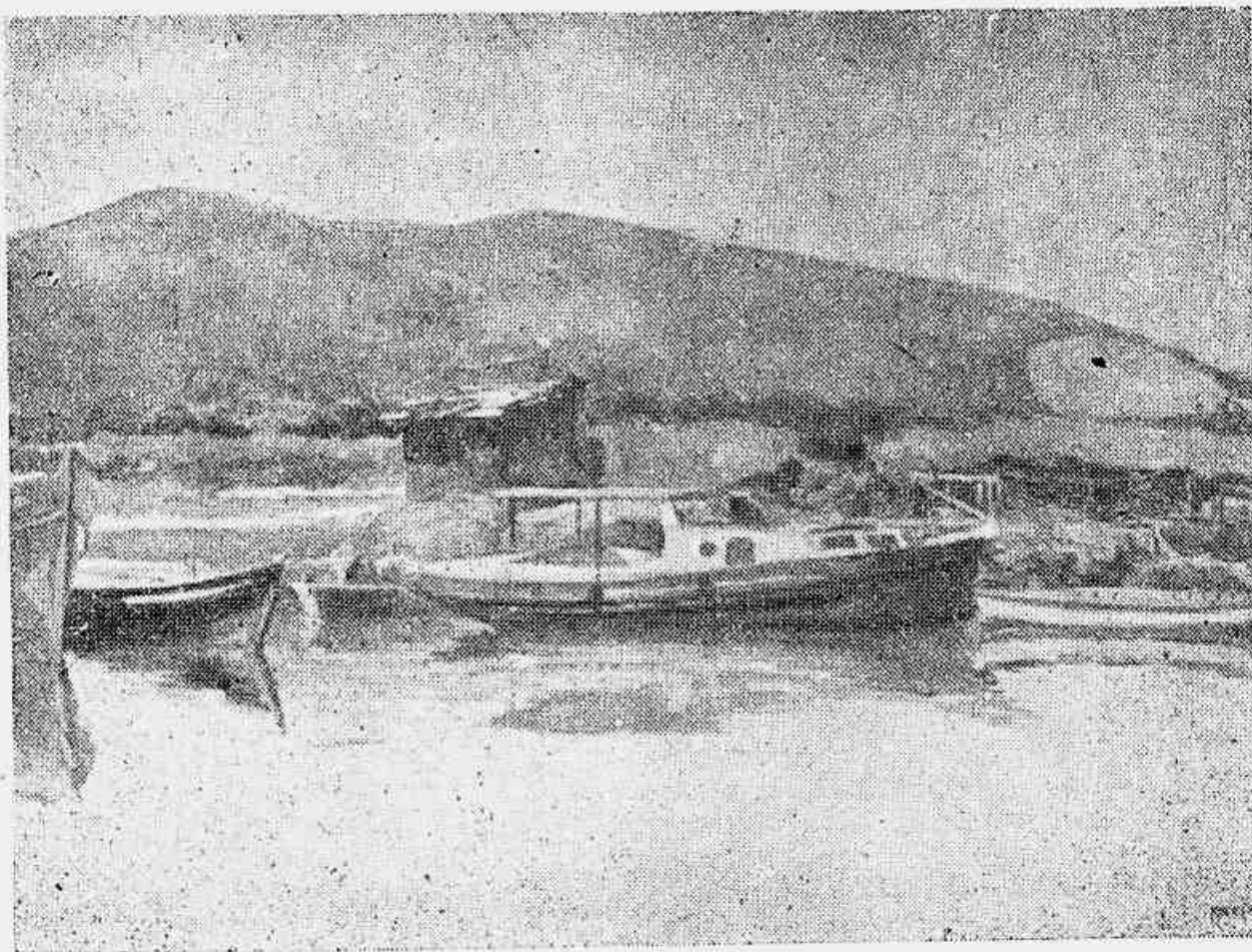
Inaugurou-se a 18 do corrente, no Salão Nobre do Palace Hotel, nesta Capital, a exposição de aquarelas dos Irmãos Armando e Mário Pacheco.



"Casas de Pescadores", aquarela de Armando Pacheco

Os Irmãos Pacheco, artistas nacionais, já consagrados em diversas outras exposições realizadas em vários Salões Oficiais do Rio, São Paulo e do Rio Grande do Sul, apesar de terem ambos executado e apresentado ao público trabalhos de reais predicados em quase todos os gêneros da pintura clássica, desta vez limitaram a exposição a um belo conjunto de cinquenta aquarelas.

De tôdas as obras ali expostas, muitas telas se apresentam admiravelmente bem coloridas, bem traduzindo o cuidadoso trabalho de reprodução fiel do que a natureza oferece de belo e encantador aos olhos do artista.



"Velho Cais — Niterói", quadro de Mário Pacheco

"Uma Rua em Itatiaia" e "Casas de pescadores", dois quadros de Armando Pacheco, e "Velho Cais" e "Dia de Sol", de Mário, são algumas telas cujas cópias são aqui apresentadas nas fotos que ilustram essa coluna.

Grande público tem acorrido ao Salão do Palace Hotel para apreciar as obras dos laureados pintores patricios.

estrutura orgânica; narrava uma história concatenada, e qualquer pessoa poderia aprender a distinguir a conexão entre as partes. Já no tempo de estudante, Agassiz aprendera que o estudo da estrutura corpórea dos animais devia ser relacionado com o estudo da estrutura corpórea da terra. "A geologia é apenas um prolongamento da zoologia".

Não era de surpreender, pois, que Agassiz se voltasse dos fósseis para as geleiras. Percorreu o vale do Ródano, e escalou os rochedos do Jura. Viveu numa cabana construída sobre um glaciar repetidamente açoitado por uma tormenta de gelo pulverizado. Juntamente com os seus companheiros, atravessou amplos terraços, atufando-se na neve, pisando finas camadas de gelo nas pontas dos pés, transpondo fendas de profundidade insondável, escalando penhascos, prêsos à vida por uma frágil corda. E assim, pouco a pouco, "tôdas as leis físicas dos glaciares foram elucidadas".

Certa vez Agassiz resolveu descer ao coração do glaciar — proeza nunca antes realizada por ninguém. Os companheiros protestaram energicamente contra o perigoso plano, mas por fim se viram forçados a ceder ante a sua obstinação. Fizeram-no baixar por uma cavidade gelada, sita em uma massa que se deslocava à razão de quarenta pés diários. Havia muitas probabilidades de ficar sepultado para sempre nesse tûmulo de gelo. Sentado numa plancha, Agassiz desapareceu no abismo. Quanto mais descia, mais intensa era a obscuridade. Ficou fascinado com as faixas azuis de gelo que rodeavam as paredes do poço — um azul esverdeado no alto, e escuro no fundo. Quando chegou à profundidade de oitenta pés, deu com uma parede de gelo que dividia a passagem em dois túneis. Escolheu um desses túneis e continuou a descida até a profundidade de cento e vinte pés. De súbito sentiu-se mergulhar em água fria. Fez imediatamente sinal para que o icassem, mas os companheiros entenderam-no mal. Continuaram a descê-lo — para a morte certa, pensava ele. Tornou a gritar, e desta vez compreenderam. Começando a subir, viu enormes pontas de gelo voltadas para ele, ameaçando trespassá-lo a cada momento. Foi um filósofo trêmulo e ofegante que por fim chegou à superfície entre as aclamações dos amigos.

Mas os perigos deparados nesta aventura não o impediram de lançar-se a novas empresas no interesse da ciência. Dos Alpes, passou a estudar as formações glaciares dos highlands escoceses. E finalmente publicou o relato das suas investigações geológicas. Propunha uma teoria — considerada revolucionária nos meios científicos da época — segundo a qual a Europa, em certo período, estivera completamente coberta por sólida camada de gelo. "Um inverno siberiano desceu por algum tempo sobre um mundo anteriormente revestido de exuberante vegetação... A morte envolveu toda a natureza num sudário... As fontes se estancaram; os rios deixaram de correr; o sol, erguendo-se acima dessas plagas geladas... vinha encontrar apenas o hálito do inverno vindo do norte, e o reboar das fendas que se abriam na superfície desse vasto oceano de gelo".

Seu livro sobre o período glaciário, *Le Système Glaciaire*, foi uma contribuição tão monumental no terreno da geologia, como o tinham sido as suas obras sobre os peixes fósseis; no terreno da ictiologia. E a sua reputação aumentou proporcionalmente — não só entre os sábios, mas também entre o povo. Em uma viagem que fez com um grupo de amigos, deteve-se na estrada para almoçar. Um viajante, ouvindo o nome "Agassiz", dirigiu-se ao jovem que tinha sido chamado por esse nome.

— Perdão, mas o senhor é filho do célebre professor Agassiz, de Neuchâtel?

Agassiz sorriu, e um dos seus companheiros respondeu:

— E' com o professor Agassiz em pessoa que o senhor está falando.

O desconhecido se afastou pedindo desculpas, e um dos presentes ouviu-o murmurar: "Um corpo de moço tão modesto para uma cabeça de velho sábio!".

Em parte alguma a admiração por essa "cabeça de velho sábio" era maior do que na América. Os diretores do Lowell Institute convidaram-no a pronunciar uma série de conferências em Boston. Agassiz aceitou o convite com prazer. A idéia de uma viagem ao novo continente no interesse da ciência tinha sido por muito

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3351 - Belo Horizonte

Modelo **BALLET-ZEFERINA**
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve malca-bilíssima. Vaqueta marron e havana

De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo **WINDSOR**

Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiriço, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA

Garantia absoluta. Vaquilhona, havana e marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44 Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo **NORMANDO**

Impecável: vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha. Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



Modelo **CASTELO**
Ótimo para homens elegantes. Inteiriço de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo **SIDNEY**
Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiriço e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



ATACADO E VAREJO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

Bolhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

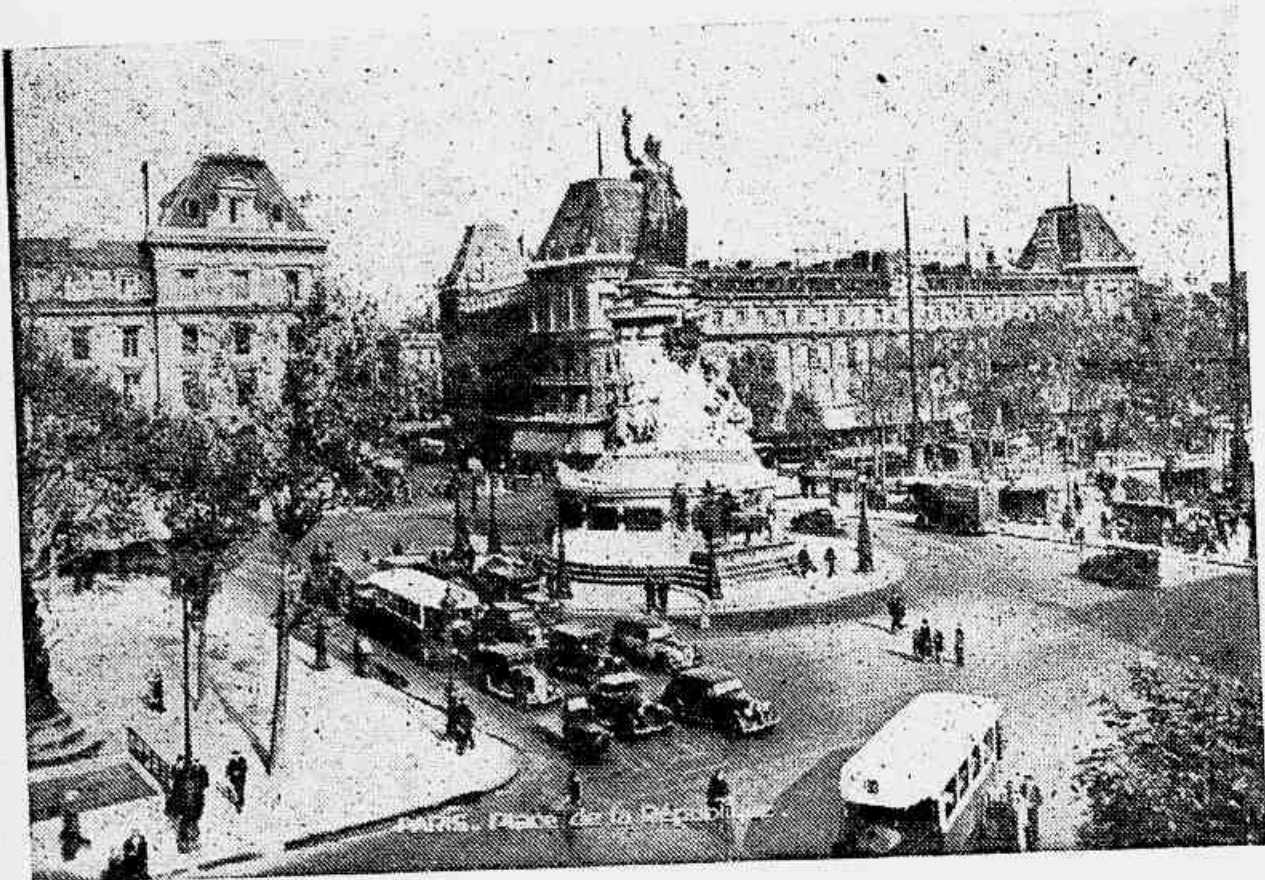
(Continuação do número anterior)

A passagem de subterrâneo para qualquer parte de Paris custa apenas 70 centavos — o que achamos muito mais conveniente do que em Londres, onde se paga de acordo com a distância, com um mínimo de 50 centavos até muito mais de cinco cruzeiros cada viagem. Esse sistema de um preço único permite ao operário residir a uma boa distância do centro sem ter que pagar muito mais. E' o sistema adotado em todos os "subs" dos Estados Unidos e em Buenos Aires. Para dar uma idéia do barato que é a circulação no "metro" de Paris, basta citar que uma carta paga um cruzeiro e um maço de 20 cigarros nos custa quatro e no Cineac a entrada vale Cr\$ 3,50. Um chopp nos custa em certos lugares, 70 centavos e um litro de cerveja Cr\$ 250, para consumo externo. Um bom hotel com banheiro ao lado é encontrado facilmente por Cr\$ 125,00 para duas pessoas, com café completo pela manhã.

Os jornais ainda continuam com poucas páginas. Nunca em França os jornais foram tão massudos como os americanos, ou mesmo os nossos e custam 60 centavos. A França continua sendo, e muito inteligentemente, o país dos mais fáceis de se visitar. Não nos exigem numerosos documentos ou formalidades complicadas — sem falar no nosso próprio País que é dos mais complicados que existe. Só mesmo uma pessoa com muita vontade e paciência se aventura a nos visitar, exceção feita aos irmãos da América.

Achamos que seria inteligente uma simplificação dos requisitos não tanto quanto na França, mas um meio termo muito nos ajudaria a levar para o Brasil um maior número de viajantes, para fins comerciais, como simplesmente turísticos.

Vimos a nova colaboração de fita de cinema pelo processo Roux. E' uma perfeição. Bem sabemos porque o homem faz a apresentação antes de expor a fita ao povo, com a grande novidade que é, ainda pede desculpas por algumas imperfeições...



A Praça da República, em Paris

Comparando o processo Roux com o Tecnicolor, mesmo com esta primeira fita, a diferença a favor do novo método mecânico é enorme. A fita que vimos. — A "Vida campestre de Schubert" muito interessante, com cantorias agradáveis de Tino Rossi, tem uma cena no pátio do castelo onde as roupas domingueiras de cores vivas dos camponeses sobressaem de uma maneira muito real e agradável à vista muito superior ao processo americano tecnicolor — o qual é feito por combinações químicas em negativos de cores especiais ao passo que o método Roux usa apenas o filme comum de preto e branco, pois as cores são adquiridas por um processo mecânico externo. Em linhas muito gerais a diferença entre Roux e Tecnicolor é essa. E' claro que o sistema francês além de mais econômico, melhor é ainda muito mais rápido. Até hoje, todas as fitas tinham que ser preparadas em cores por uma só companhia, exclusivamente — a Tecnicolor Co. Os irmãos Roux com o seu invento serão os primeiros concorrentes. Temos certeza que o novo sistema de cores agradará muito os frequentadores de cinemas no Brasil.

Estamos ficando realmente modernizados. Imaginem que passamos muitas horas visitando o Museu do Louvre. Milhões e milhões de francos gastaram ali para reunir milhares de coisas grandiosas e maravilhosas coleções de arte de todo o mundo antigo e moderno. Vimos coleções empolgantes de quadros, obras de arte, estátuas, joias, raridades do Egito e coisas prehistóricas — todo um mundo de arte e bom gosto que a riqueza material e intelectual da França conseguiu reunir naqueles grandiosos edifícios para deleite de todos nós.

Queremos realçar entretanto que "La Gioconda" não nos sai da mente, que estamos com seu sorriso jocoso na memória bem guardado como Leonardo da Vinci deveria tê-la nos seus bons dias.

Não estamos diminuindo o seu verdadeiro valor artístico, mas no íntimo, algo está nos dizendo que, se não tivesse sido roubado e os jornais e revistas falado tanto nele, talvez seria hoje apenas um dos bons quadros do museu, no meio de centenas de outros igualmente bons. O furto lhe deu cartaz.

tempo um dos seus sonhos "inatingíveis". E agora o sonho se realizava!

Quando o jovem e estimado professor partiu para a América, a pequena cidade universitária de Neuchâtel ficou imersa em melancolia. Sem dúvida, Agassiz prometera voltar; muitos, porém, temiam que ele sucumbisse à fascinação do Novo Mundo.

Todos, entretanto, regozijaram-se com a sua boa fortuna, e fizeram-lhe sinceros votos de bon voyage. O rei da Prússia mandou-lhe um presente de quinze mil francos. E o rei dos cientistas escreveu-lhe, com a mão trêmula da idade, uma carta de despedida. "Seja feliz em sua nova empresa, e reserve-me o primeiro lugar em seu coração. Quando voltar, já não estarei aqui, mas o rei e a rainha receberão-lhe nesta "colina histórica" de Sans Souci com o carinho que, por tantas razões, o senhor merece... Seu ilegível mas afeiçoado amigo — Alexander von Humboldt".

V

Agassiz contava trinta e nove anos quando chegou a Boston (outubro de 1846). Imediatamente se rendeu de bom grado ao encanto da democracia americana. "Um dos traços característicos da vida americana", escreveu a um amigo da Europa, "são as frequentes reuniões públicas em que se pronunciam discursos. Pouco depois da minha chegada a Boston, assisti a uma reunião de cerca de três mil operários, chefes de oficina, empregados de escritório, etc. A sessão não poderia ter sido mais respeitável nem mais bem organizada. Todos estavam corretamente vestidos; até o mais modesto operário trazia a camisa limpa. Era um espetáculo estranho ver toda essa gente, reunida com o propósito de formar uma biblioteca, ouvindo atentamente e em perfeito silêncio durante duas horas um discurso sobre as vantagens da educação".

Era um europeu que falava um inglês macarrônico. Mas, na linguagem do coração, já se sentia um filho da grande república. Achava-se inteiramente à vontade entre os americanos. "Que povo!... No Velho Mundo, um homem de dotes excepcionais passa a vida entregue a estudos solitários enquanto a seu lado milhares de seus semelhantes vegetam na degradação... Aqui no Novo Mundo, todos vivem bem, vestem-se decentemente, aprendem alguma coisa, têm o espírito vivo e o interesse desperto... A instrução não fornece a um homem o seu instrumento intelectual para depois negar-lhe a livre utilização desse instrumento — como se dá em algumas partes da Alemanha, por exemplo. Na América, todos os homens podem fazer uso dos seus talentos para o bem comum..."

Mas se achou entre as massas populares um grande interesse pela ciência, encontrou também entre os intelectuais um alto nível de cultura. No Harvard College, de cujo corpo docente passou a fazer parte antes de um ano, conheceu um grupo de professores de um brilho difícil de igualar em qualquer parte da Europa. Entre os seus companheiros íntimos dessa universidade à margem do Charles, contavam-se homens como Longfellow, Felton, Pierce, Wyman e Asa Gray. No círculo mais amplo dos seus amigos incluíam-se Channing e Emerson, Ticknor, Motley, Whittier e Lowell. Não admira, pois, que Agassiz tivesse pouca vontade de regressar.

E agora se romperia o último elo que o prendia à terra natal. Sua mulher falecera. Mandou vir os filhos, desposou uma americana e dedicou-se à obra de transformar a pátria adotiva no centro científico do mundo.

Mas a sua terra natal não renunciou a ele sem luta. Os administradores da Universidade de Zurich dirigiram-lhe um apelo para que, como "um bom europeu", regressasse. Ofereciam-lhe uma rendosa cadeira de professor, à guisa de isca. O imperador Napoleão "ordenou-lhe" que, como cidadão francês, voltasse a Paris e aceitasse um cargo no Jardin des Plantes. A proposta de Zurich, Agassiz respondeu cortêsmente que os seus deveres para com a nova pátria avultavam mais em sua consciência que a filiação ao país de nascimento; ao imperador, respondeu mais severamente que não era cidadão francês, embora seus antepassados fossem de origem francesa. "Hinha família tem sido suíça por vários séculos, e apesar dos meus dez anos de ausência ainda sou suíço". Suíço de nascimento, mas americano

de coração. A América ia tornar-se a sede do seu sonho mais ardente — um museu de história natural.

Ao chegar a Cambridge, depositara a sua preciosa coleção num velho edifício pertencente à universidade. Deixara Harvard por um breve período, aceitando uma cadeira na Escola Médica de Charleston, e durante sua ausência o temor pela segurança dos valiosos espécimes preocupou-o sempre. Quando voltou a Harvard, vinha decidido a arranjar um repositório adequado para eles num museu permanente.

Mas os planos de organização de um museu tinham agora ultrapassado a esfera dos seus interesses pessoais. Esse tesouro das idades devia ser a corporificação da filosofia de sua vida. Ali teria o estudante e seu laboratório, e ali também o leigo veria desdobrada diante de si uma exposição de espécimes dispostos de maneira que cada parcela individual da natureza evidenciasse imediatamente a sua relação com o todo — "um epitome da Criação, por assim dizer". Tal era o seu sonho. Discutia-o com os amigos, tendo nos olhos o fulgor da profecia e nos lábios um entusiasmo profético.

E então um dos seus amigos morreu, deixando-lhe cinquenta mil dólares para a fundação do museu. Agassiz aceitou o legado, porém com uma condição — que a instituição projetada não se chamaria Museu Agassiz, mas simplesmente Museu de Zoologia Comparada de Harvard. Agora só faltava que a legislatura de Massachusetts votasse a concessão de um terreno. Alguns dos representantes mostravam-se um tanto céticos a respeito da construção de um "palácio para bichos". Mas aprovaram a concessão.

Erigeu-se o museu como uma "ante-sala ao mundo da ciência" e uma corporificação das doutrinas do professor suíço. Ali, ao conduzir os seus discípulos passo a passo ao longo das naveas iluminadas dos séculos, ele era o senhor do vasto universo da inteligência. Ensinava os princípios do seu credo com o fervor de um poeta — "Eu creio".

VI

Agassiz renunciou à concepção darwiniana da evolução, a qual afirmava que o desenvolvimento dos organismos vivos era fruto exclusivamente da seleção natural das variações acidentais. Não podia admitir, como Darwin, que "o desenvolvimento do inferior ao superior, do simples ao complexo" era apenas um processo mecânico e material. Ao contrário, acreditava que esse desenvolvimento resultava de forças éticas superiores constantemente em ação no universo. Os darwinistas haviam excluído toda finalidade na vida do indivíduo. A única lei que reconheciam era a lei orgânica da força física. Isso, afirmava Agassiz, é a concepção desesperançada de um mundo sem deus. "A evolução", dizia, "efetua-se, não de acordo com forças orgânicas, mas de conformidade com um plano inteligente estabelecido do exterior".

(Continua no próximo número)

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME Nº
RUA ESTADO
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

TUDO ME ACONTECE. VOU VER O QUE SUCEDEU...

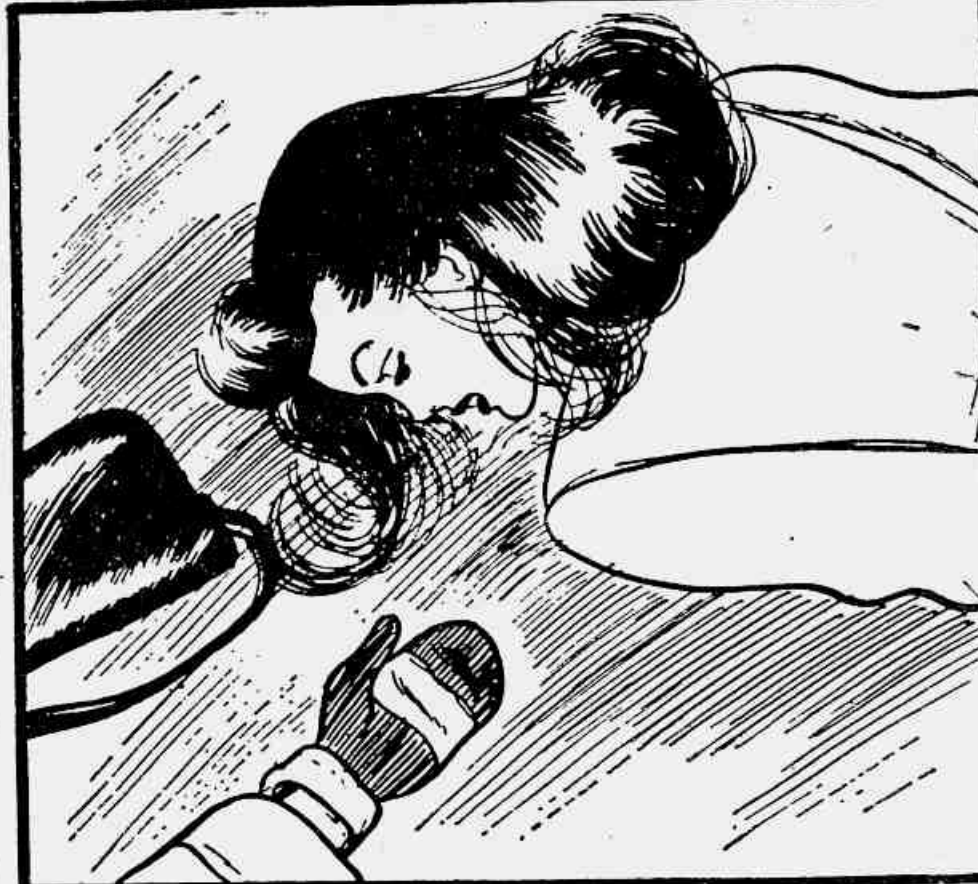
Nº 3

A MULHER

SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



TUDO ME ACONTECE. VOU VER O QUE SUCEDEU...



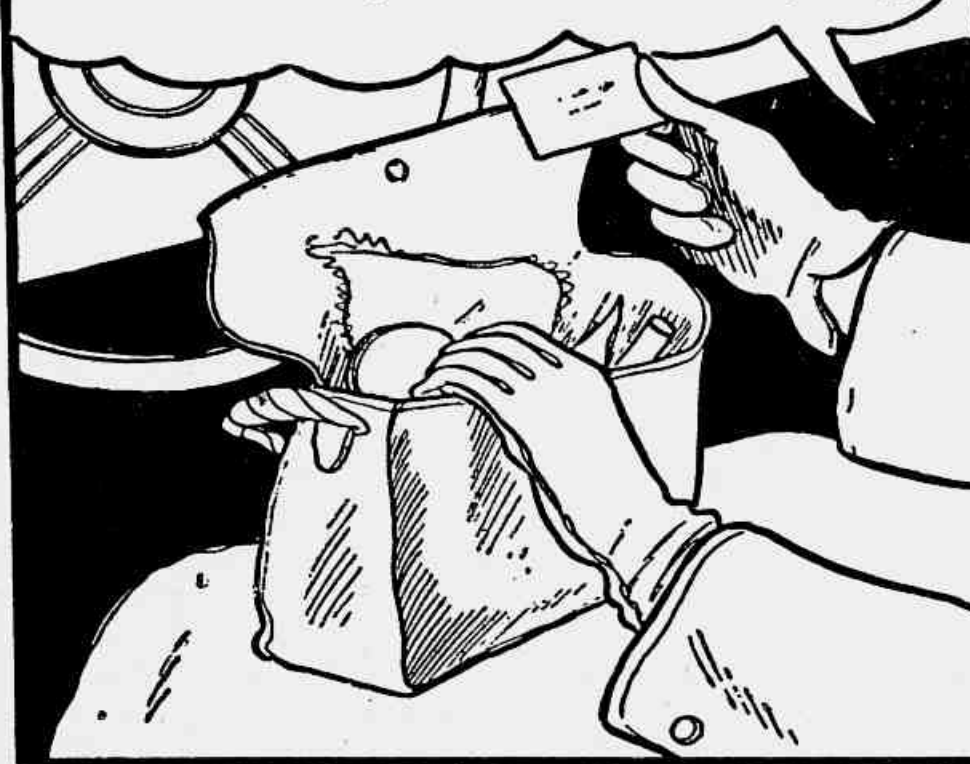
O ROUBADOR DE CARROS FUGE DA POLICIA EM GRANDE VELOCIDADE E ATROPELA DOIS PEDESTRES



VOU COLOCÁ-LOS NO LUGAR DA BAGAGEM. O MENINO ESTÁ MORTO.



MISS SCARLET O'NEIL, DETETIVE. ELA ME PERSEGUIRA!...



MUDAREI A MINHA CHAPA COM A DESTE CARRO. O DONO VAI SE AMOLAR...



A GENTE PRECISA SER ESPERTA NUMA SITUAÇÃO COMO ESTA!!!



SINTO MUITO, GAROTO, AGORA É TARDE!!!



FOI TUDO UM HORRIVEL ACIDENTE. NÃO SOU UM CRIMINOSO. MINHA CARREIRA VEM PRIMEIRO.



FELIZMENTE EU SOU CALMO. SERIA TOLICE JOGÁ-LOS NO RIO.



CONTINUA

Encontram-se os...

(Continuação da pág. 17)

memória ao trazer às ruas e salões as danças e costumes nativos. Num magnífico gesto de boa vizinhança, os gaúchos uruguaios levaram um convite aos irmãos brasileiros e argentinos para que participassem também de suas festas patrióticas. Nossa representação foi composta de membros do "35" — Centro de Tradições Gaúchas, e do "Clube Farrapo", de Porto Alegre. As fotografias descreverão melhor do que ninguém as festas "crioulas", embora não possam pôr à mostra toda a grandeza do tradicionalismo gaúcho.

Finalizando este pequeno texto explicativo, queremos deixar gravadas as palavras do presidente da "Sociedade Criolla", dr. Tabaré Regules, falando à reportagem da REVISTA DA SEMANA:

"Sempre consideramos o Brasil como uma nação amiga do Uruguai. Esta festa, entretanto, teve a virtude de estreitar mais e mais os laços de amizade que nos uniam pois a esses dois povos só faltava o sentimento gaúcho para que nos considerássemos, mais do que nações amigas, nações irmãs. Depois das horas que tivemos a alegria de desfrutar em companhia dos gaúchos riograndenses, fomos identificados de tal maneira pelos mesmos sentimentos, ideais e aspirações, que posso dizer que é o mesmo pulsar de dois corações gaúchos da América, realmente confundidos num só."

MEU PRIMEIRO AMOR

(Continuação da pág. 7)

Ele está tendo para comigo me abriu os olhos desde muito. Sei que é auxiliar dele. Mas saiba que eu o amo tanto quanto você, e ainda mais com esta circunstância: é ele o pai dos meus três pequeninos filhos, dois de pouca idade e um que ainda vai nascer. E George, apesar das torturas que me afligem noite e dia, decidi deixar-me esta noite. Debalde invoquei minha situação. O desejo de juntar-se a você foi mais forte. Eu lhe peço: — e não ria de mim! — eu lhe peço que não vá à Ópera, pois estou certa de que ele está na iminência de afastar-se definitivamente de mim. Creio em sua bondade, Mademoiselle. Pense no papel desta humilde esposa e mãe, vítima de uma infidelidade... Medite nisso, e veja que esta mesma situação pode ser amanhã, também a sua...

Henriette Morant."

Com a rapidez de um relâmpago tomei uma decisão. Desci à rua precipitadamente, entrei num taxi e gritei para o "chauffeur":

— A Ópera!

Durante o trajeto eu pensava naquela mulher, na esposa negligente, de caráter irascível, esquecida do lar, segundo me dizia George. Que nobreza de alma, que coragem ela testemunhava contrariando o que dela dizia o tratante, nestas breves linhas! Com que dignidade ela se humilhava diante de mim! A que níveis de sofrimento já não deveria ter ela descido, para tentar, junto a mim, uma tal providência! Eu me revoltei. Detestei, odiei Georges. Entregando-me àquele homem, àquele pai indigno, não teria sido eu ainda mais indigna do que ele? Era preciso reparar o erro. Àquela lar que eu havia destruído com o insaciável egoísmo de uma jovem inexperiente e que havia sido construído pedra por pedra por uma verdadeira mulher cheia de doçura, abnegação e paciência, não estava em mim o dever de salvá-lo?

Paguei nervosamente o taxi e, precipitadamente subi os degraus do teatro. Perscrutei a multidão aglomerada à frente da Ópera. Enfim, mesmo à entrada do controle dos bilhetes, vi Georges a discurrir exaltadamente com uma mulher — sua mulher! Ela também viéra! Havia dominado sua dor. Abandonara o leito. Pálida, parecia doente, mais idosa do que na verdade era. Mas como os seus traços de sofrimento exprimiam sua bondade! Um rosto delicado, angelical. Um ser fr-

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS, PROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

gil sobre o qual o tirânico egoísmo de Georges havia desabado. Eu já me ia esquivar de aparecer, quando ele me viu e gritou:

— Ah!... Yvette!

Ela tentou detê-lo pelo braço. Ele repeliu violentamente e continuou:

— Yvette! Venha cá!

Georges tomando-me pelo braço apressa-se a entregar nossas entradas ao porteiro.

Então tive para com ele o mesmo gesto violento que ele tivera para com sua esposa. Repeli-o, afastando-lhe a mão do meu braço.

— Larga-me, covarde! Vim apenas dizer-te que não contes mais comigo para nada! Tudo está terminado entre nós dois! Eu te detesto!

Pela primeira vez em sua vida ele via uma mulher se dirigir à sua pessoa corajosa e decididamente. E, pela primeira vez, eu vi que ele empalidecia...

— Você está louca! Que acontece com você?

Ele já não tinha aquela inflexão de voz que estava habituada a ouvir a sua escrava amorosa.

— Volta para tua casa! Lá é que vive a tua esposa, que te esperam os teus filhos!

— Ora! Vem cá! Entremos!

— Não! Teu lugar não é aqui! Tu és um canalha!

— Não me faças perder a paciência!

Agarrou-me pelos braços e me sacudiu brutalmente.

— Bruto! Larga-me!

— Ora esta! — E com raivosa violência ele me gritou: — Diz você então... Crê você que... — e deu-me uma tapa.

Nesse instante um desconhecido interveio, dando-lhe um soco. Georges foge e lhe vibra, à tração, um murro. Meu inesperado defensor, que era muito forte, atlético, ia jogá-lo fora, quando George se aproveita de uma distração e lhe dá um pontapé no ventre. O desconhecido faz uma careta com a dor e cai. Eu estava como que petrificada. Mme. Morant já se escapulira. Georges também fugira, aproveitando-se da confusão. Um círculo de curiosos nos cercava. Mais afastada, vi que Mme. Morant me lançava um olhar de agradecimento... Compareceu a polícia e eu fui levada ao distrito. Todos os demais co-participantes desse incidente se livraram da polícia. Só eu fui sem sorte...

O comissário, cansado de procurar um ponto de apoio na lei para me julgar culpada, e diante da negativa em que me

cerrei de não revelar o nome do homem que provocara o sarilho, resolveu soltar-me quando já era tarde da noite. Eu sabia que Georges não era digno da quele meu ato; mas procurei ocultar-lhe o nome para evitar escândalo em torno de sua esposa, de seu lar, dos seus filhos. Ninguém saberia o nome dele.

No dia seguinte fui ao hospital para onde haviam conduzido o meu inesperado defensor.

Ao ver-me entrar em seu quarto, ele procurou erguer-se. Chamava-se Jean, e esse nome ressoou aos meus ouvidos com um acento de grande beleza.

A dor, porém, não permitiu que ele se levantasse. O golpe traiçoeiro lhe afetara os intestinos. Então eu me ajoelhei ao seu leito, como se estivesse a confessar-me a um desconhecido que tivera a bravura de defender-me num momento tão crítico. Revelei-lhe tudo e lhe pedi perdão. Eu era a única culpada daquele conflito.

Então, com voz lenta e forte, Jean — aquele meu querido Jean — deixou escapar de seus lábios em febre palavras apaixonadas de perdão e de alegria. Compreendeu tudo o que se passara comigo. E me absolveu. Sua mão, docemente, me acariciou os cabelos, enquanto eu soluçava junto ao seu leito de dor.

Todos os dias eu ia visitá-lo, e cada dia eu me tornava mais atraída para o meu defensor ferido. E, quando, dez dias depois, ele deixava o hospital completamente restabelecido, foi ao braco de sua noiva, sua noiva perdoada, cheia de alegria, trêmula de emoção, que ele se apoiou...

AS FLORES DE PAPEL

(Continuação da pág. 22)

— De que cor? — tornava a perguntar ansiosa a ceguinha.

Havia um soluço na voz de Vicência, quando ela respondia baixinho:

— Vermelho... azul... amarelo...

— Que mais? Que mais?

— Amarelo... verde... alaranjado... — concluía Vicência quase num sópro.

— Vermelho... azul... amarelo... verde... alaranjado... — repetia vagarosamente Piedade, gozando, saboreando aquelas palavras, como se não quisesse jamais perdê-las. — Deus lhe pague, sá Vicência. Nossa Senhora da Aparecida lhe abençoe.

E, sobrando a sua preciosa carga, um brilho de felicidade no rosto, corria ligeira para a mesa da cozinha, enquanto Vicência se arrastava para o quintal, ainda enxugando os olhos e pensando, numa prece:

— Perdoe-me, meu Deus, mas o dinheiro só dá pra isso. Àquela papel de cor é tão caro, eu não posso comprar, senão o dinheiro não chega nem pra comida e proremédio do Antônio. A culpa não é minha, meu Deus. Perdoe-me, minha Nossa Senhora, me perdoe!

A vara do Fulgêncio já estava toda descascada, mas ele nem percebia. Fincando o facão nela, ia tirando lascas e mais lascas, enquanto de seus olhos corria um fio d'água e sua voz dorida se arrastava dolente e cheia de mágoa na narrativa.

Depois do jantar, ela descia até a bica, a fim de buscar água pra lavar as panelas. Caminhava devagarinho, com precaução, tateando no escuro, evitando os lugares mais perigosos que já conhecia, onde podia levar algum tombo ou tropeção.

Não encontrava ninguém ali àquela hora. Silenciosa, enchia a lata e, equilibrando-a na cabeça, iniciava a jornada acidentada de volta. Não tinha medo, não sentia o peso sobre si, não estava cansada. Um só pensamento tomava conta inteiramente dela: voltar às suas flores. Tornar a encontrar na imaginação aquela hora tão feliz, tão maravilhosamente colorida. E caminhava apressada para casa, os passos agora firmes e seguros, não encontrando abrolhos nem tropeços no caminho. A perspectiva daquele momento de felicidade lhe dava forças para tudo.

Seus dedos eram ágeis e leves. Cortavam o papel rapidamente, dobravam-no, encrepavam-no, e a flor ia surgindo miúda e delicada de suas mãos. Nesse momento, vindo do horizonte longínquo da infância, começava a surgir, devagarinho na sua imaginação, o arco-íris.

Vermelho... azul... amarelo... verde... alaranjado... As mãos trabalhavam, o arco-

sóbia, e as cores se misturavam, numa profusão de gradações, enquanto as flores se amontoavam ao lado.

— Piedade, você não vem deitar? — gritava-lhe do quarto a Vicência. — Olha que é tarde, as crianças já estão dormindo e você tem de levantar cedo pra ir buscar água.

A ceguinha reprimia um grito de desespero. Ah, ela lhe estragara tudo! Aquela visão tão linda... aquele arco-íris tão matizado, que ia aparecendo suave e depois arrebatava numa cascata de cores... Vermelho... azul... amarelo... verde... alaranjado... As cores do seu papel colorido. Tateando outra vez nas trevas, o sonho multicolor desfeito, levantava-se devagarinho e ia para o quarto, partilhado com as outras cinco crianças pequeninas.

Antes de deitar-se, guardava cuidadosamente no seu caixotinho debaixo da cama, com um fervor quase religioso, as flores que acabara de fazer, as quais se iam juntar às outras numa agonia cinzenta, cor de chumbo.

E no meio de tudo isso às vezes uma nota mais pungente ainda, ainda mais dolorosa. Eram tão tristes esses momentos... tão escuros e tenebrosos... Momentos em que suas mãos jaziam inertes, caídas ao lado em desespero, em que seus olhos só enxergavam trevas.

Piedade largava a lata d'água num canto da cozinha e ia para o quarto. Deitava-se na cama e ficava ali imóvel, a respiração baixinha, quase que nem se percebia. No seu rosto pálido havia uma expressão de angústia.

— Piedade, você não quer jantar? — perguntava-lhe o Antônio.

Do quarto vinha uma negativa débil. Pra que? Se ela comia era apenas para ter forças para ser um pouquinho feliz. E naquela hora aquilo era impossível. A sua felicidade estava morta, não havia mais cor para os seus olhos nublados. E ela procurava no sono um torpor para a sua mágoa.

Sobre a mesa, a tesoura jazia em abandono. Tinha acabado de repicar a última folha de papel.

Muitas vezes, enquanto a vida adormecia e todos descansavam, ela se levantava sorrateira, silenciosa para não acordar as crianças, e escoregava de mansinho até a cozinha. O fogo apagado, porta e janela fechadas, escuridão de luto, ela se sentava junto à mesa, a tesoura na mão, a pilha de papel ao lado. E enquanto as horas suspiravam junto com o galo do vizinho, suas mãos ligeiras não cessavam de trabalhar, cortando e enrolando.

Na mesa da cozinha os papéis se empilhavam ao lado da tesoura e o trabalho da noite fundia-se no caixotinho debaixo da cama com a única alegria de seus dias.

Uma alegria plúmbea, amargurada.

Era isso apenas o que a ceguinha pedia da vida — a vara já inteirinha em lascas, o rosto ainda úmido de lágrimas, continuou o velho Fulgêncio. Papel para suas mãos, cor para seus olhos. Apenas isso. Só isso chegava para a sua felicidade.

Mas um dia acabaram-lhe contendo. Ninguém nunca soube dizer quem foi nem por que. A maldade desse mundo, gente, é sempre assim. Sorrateira e simulada, sem razão, nem dono, nem querer. Só sabe ferir e amassar o coração da gente, deixando-o mais fininho que uma folha de papel. Fininho e insensível. Quando a dor é muito grande, a gente nem a sofre mais. Você já sentiu algum dia a unha do seu dedo, a pele do seu corpo? O sofrimento grande também é assim. Gruda na vida da gente, e a gente acaba nem sentindo mais.

A tesoura, coitadinha, ficou abandonada na mesa da cozinha, com saudade daqueles dedos leves e ligeiros, daquele ritmo gostoso e cadenciado no papel. E a ceguinha, apanhando as flores feitas, trabalho de tantos anos, jogou-as nas águas do corretozinho que passava junto à bica, as quais sofregamente levaram-nas para longe, carregando junto também a sua alma morta.

Já tinha anoitecido, por completo, há muito que o Fulgêncio deixara de falar. Silenciosa também eu me levantei do meu tóco de pau e voltei para casa, trazendo ainda comigo aquela péso no coração, aquele nó na garganta assim que estrangulava. Essa hora é tão triste na fazenda.



AS TARDES ELEGANTES DO JOCKEY

A elegância da metrópole continua a aluir, às tardes de sábado e domingo, ao florido prado da Gávea. A temperatura amena desses dias de outono é um portentoso convite para um passeio agradável ao Hipódromo famoso, em cujas pistas se apreciam res das boas corridas e encontram sempre um motivo de emoção. Esta página mostra o elemento feminino emprestando um tom de alegria e beleza às reuniões turfistas da nossa veterana sociedade carioca.



NAS TELAS

"DEUS LHE PAGUE" — Filme argentino, baseado na peça de Joraci Camargo. Teatral, com alguma noção de cinema. Pode ser visto com agrado.

"UM SONHO DESFEITO" — Difícilmente o espectador pode chegar ao fim. Deanna Durbin chegou.

"AS VOLTAS COM FANTASMAS" — Muita palhaçada. Só os fanáticos pela dupla Abbot-Costello o suportarão.

"A ÚLTIMA NOITE DE GLÓRIA" — Se Miss Russel continuar assim, será mesmo.

"FORA DA LEI" — Faltou "clima". Como está, é fraco, convencional.

"A MUNDANA" — Marlene não envelhece, mas o argumento está de cabelos brancos.

"TARZAN, O HOMEM MACACO" — Reprise de 1932. Um absurdo. Um crime.

"DO LODO BROTOU UMA FLÔR" — A flôr é Wanda Hendrix. Pouquíssimas boas cenas; conjunto regular.

"DEMÔNIO DOURADO" — Insuportável.

"CISNE NEGRO" — Reprise para os fans de Tyrone.



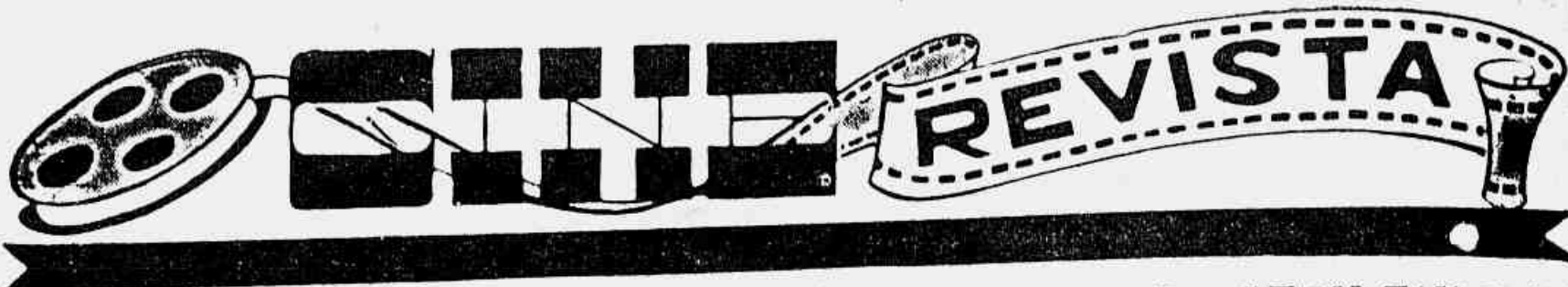
FILMES FRANCESES



"ANTÔNIO E ANTONIETA" (Antoine et Antoinette) — Uma deliciosa história de amor, com um tratamento humaníssimo por parte do diretor Jacques Becker, que conseguiu, com esse trabalho, arrebatou o "Grande Prêmio de Honra" no Festival de Cannes em 1947. Roger Pigaut e Claire Maffei emprestam aos seus papéis um brilhantismo e sinceridade só encontrados nas grandes produções. O trabalho de Becker destaca-se pela singeleza e humanismo que impregna nas cenas, mantendo o mesmo ritmo da vida nos mais complicados acontecimentos, sem atastar-se um só instante de seu propósito, que é focalizar o drama de um casal — que, afinal de contas, poderia acontecer a qualquer de nós. (Foto Lux-Mar-Film)



"OS VISITANTES DA NOITE" (Les Visiteurs du Soir) — Fantasia surrealista de Marcel Carné o notável diretor de "Cais das Sombras", com Arletty May, Marie Dea, Fernand Ledoux e outros. Laureado com o "Grand Prix du Film d'Art", esse filme nos apresenta uma fábula onde o Demônio, depois de materializado, vem à terra destruir o amor de dois jovens — e nem transformando-os em estatúas, no final, consegue destruir a força poderosa do amor, pois seus corações continuam pulsando. Entre o fantástico e o realismo das cenas, Carné impregna grande dose de poesia, confirmando o seu prestígio de grande cineasta. (Foto Art-Film)



Por LEON ELIACHAR

"BELINDA"

(«JOHNNY BELINDA» — WARNER BROS.)



Jane Wyman mereceu o prêmio

Reabilita-se, com esta película, o cinema americano. Argumento, interpretação, cuidados técnicos e direção de boa qualidade. Aqui e ali, um escape à veracidade, um deslize ligeiro ao convencionalismo, mas desse convencionalismo que, nas mãos de Negulesco chega a tomar formas verdadeiramente humanas. O cenário de Irmgard Von Cube e Allen Vincent foi baseado na peça teatral de Elmer Harris — e Jean Negulesco imprimiu-lhe um ritmo cinematográfico de primeira ordem, impregnando as suas cenas de uma plasticidade admirável. "Belinda" não encerra em si um tema banal. Ao contrário, é um filme de movimento, muito movimento, onde os acontecimentos se sucedem dentro de uma rapidez espantosa, mas contornados com tal habilidade por Negulesco, que, apesar de longa, a película desenvolve-se, paradoxalmente, dentro de um ritmo lento, agradável, suave, banhado pela poesia que compõe as grandes obras do realizador de "Humores que". Cada quadro de Negulesco, fotografado por Ted McCord (O Tesouro de Sierra Madre), é um quadro poético, dessa poesia impressionante, por vezes, como as ondas arrebatando-se nos penhascos, suave, por outras, como o pai da moça, arando a terra, o horizonte, ao longe, claro, como que lhe prometendo um futuro límpido. Mas todas essas cenas, são simples molduras ao drama interno que se refugia no coração de Belinda, uma jovem surda-muda, cuja existência limitava-se a ajudar seu pai e sua tia no cultivo do trigo, que lhes dava o suficiente para mal sustentarem a vida de cada dia. O mundo de Belinda é um mundo interior, e Negulesco penetra dentro dele com sua câmera. Embora seja ela o "pivot" de toda a história, Negulesco marca com nitidez a presença dos outros personagens; o pai da moça (Charles Bickford), trabalhador e honesto, que vê em sua filha, um simples objeto mecânico, e que, sem considerá-la um ser humano, devido à sua impossibilidade de falar e ouvir, a ama profundamente, capaz de sacrificar sua própria vida; a tia de Belinda (Agnes Morhead), que esconde, atrás daquela máscara severa, de suas atitudes brutais, todo um mundo de compreensão e ternura, todos os bons sentimentos que vem depois a revelar; o novo médico da aldeia (Lew Ayres), cujo aspecto cansado, denota todas as suas lutas, não só as lutas de um médico contra a doença, mas as longas e intermináveis batalhas de um homem contra o mundo; Stephen Mc Nally, o homem rude, de coração de pedra, que se aproveita da inocência da jovem, da sua ineficiência, para saciar os seus instintos — sem dar importância às consequências de seu gesto bárbaro, de vez que o silêncio da jovem seria eterno, e ninguém, senão ela, poderia contê-lo por seu crime... Jean Negulesco cria um clima de solidariedade, quando o médico se interessa pela pequena, resolvendo ajudá-la. Aos poucos, com o convívio diário, já não é mais a medicina que o guia, mas o seu coração, pois a meiguice, a ingenuidade, a bondade, a simplicidade de Belinda cativam-no de tal maneira que não é mais piedade que sente por ela, mas uma simpatia pessoal que o envolve totalmente. Belinda não vê no médico um médico, mas um homem bom que a ajuda, pois fora ele quem lhe ensinara a falar e a ouvir, fora ele, realmente, o seu traço de ligação entre o mundo exterior e o seu mundo interior. Saíndo de dentro de si mesma, Belinda vem cair na realidade chocante da verdadeira vida. O nascimento de seu filho vem colocá-la na verdadeira condição de um ser humano. Ela não compreendia nada, não sabia o que se passava, na vida entendida. Mas é aí, justamente, quando ela sente, pela primeira vez, o amor — o amor por seu filho. O médico ajuda-a em todos os momentos, e chega-se, depois de algum tempo, a encontrar-se o culpado, traído pela sua própria vontade. Ora, arrancar todo esse drama de dentro de Belinda só um mestre poderia fazê-lo. Jane Wyman, que recebeu o "Oscar" de 48 por esse trabalho, bem o merece. Sua expressão é de tal forma convincente, que nos esquecemos de ver Jane Wyman e passamos a encará-la como Belinda. Negulesco focaliza-a em "close-ups" admiráveis, fazendo poucar em seus olhos, toda a expressão desejada, todo o seu sofrimento, todos os sentimentos que ela jamais poderia revelar em gestos ou palavras. Os diálogos de "Belinda" são curtos, de uma naturalidade rara no cinema. A maior parte da história é contada por meio de imagens — e isso é cinema. Os olhos de Jane Wyman falam por ela; a câmera de Negulesco nos conta a história, dentro de uma linguagem admirável, só conseguida pelos verdadeiros artistas da sétima arte. Em alguns momentos, ele nos dá quadros de tanta poesia, no encontro do médico e Belinda, para a despedida. Pela primeira vez de pentam as lágrimas em seus olhos. Ele, que a ensinara a sorrir, ensina-lhe agora, a chorar. A cena é sugestiva, porque, sem palavras, sem uma explicação, nota-se, nos olhos de ambos, que seus corações estão pulsando de amor. Belinda já conhecia o amor, e não encontrava outra forma, senão chorando, para expressá-lo. As interpretações estão firmes e seguras, formando um "cast" sólido, onde todos se destacam dentro de seus papéis. A fotografia de Ted McCord e a música inspirada de Max Steiner, fornecem a Jean Negulesco os elementos com os quais, ele constrói a sua obra poética. De minha parte, sem desmerecer o prêmio que coube a John Huston pela direção de "Sierra Madre", eu entregaria o "Oscar" a Negulesco por esse admirável trabalho, reafirmando o seu valor de um dos melhores diretores do cinema moderno. De um tema difícil, que poderia resultar em um autêntico drama melancólico, Negulesco construiu não só uma obra artística cinematográfica, mas compôs um poema, mostrando-nos uma história comovedora e humana.

SINE-DIE

OS 10 MANDAMENTOS DO BEIJO
CINEMATOGRAFICO



"Just like that!"

- 1 — Errar com arte para ser repetida a cena.
- 2 — Não contracenar nunca com a própria esposa.
- 3 — Evitar que esta vá ao estúdio assistir à filmagem.
- 4 — Demorar mais de dois minutos — ficando a redução a cargo da censura.
- 5 — Não ficar de cigarro aceso na bôca.
- 6 — Nem apagado.
- 7 — Não usar a dentadura do irmão, afim de que a "estrêla" não a reconheça.
- 8 — Fechar os olhos para melhor efeito de luz, dição, de ausência de.
- 9 — Saber o momento exato em que a artista fica zomba afim de tirar-lhe os brincos.
- 10 — Inventar um pretexto para entregá-los fóra do estúdio.

★

COMO SE FAZ UM FILME NACIONAL

Escreve-se uma história. Entrega-se a um cenarista, que deve ser, de preferência frequentador assíduo dos teatros da Praça Tiradentes, afim de que encaixe algumas piadas imorais, bem imorais mesmo. Contrata-se um diretor pela módica importância de cinquenta contos (o preço varia de quinhentos a cem mil cruzeiros), que assistirá aos ensaios que vão logo sendo filmados. Contrata-se alguns artistas do teatro; alguns do rádio. Só não se contratam do cinema — porque ainda não existe. De passagem durante as filmagens, manda-se buscar uns quartetos, uns tercetos e umas duplas, afim de improvisarem alguns números musicais. Não, não precisa ter continuidade. Filma-se tudo de uma vez e salpica-se pelo meio do filme. Depois de tudo prontinho, corre-se ao exibidor, que deve ser o maior cotista, e apresenta-se a obra prima. Marca-se uma sessão para a censura, por mera formalidade, porque já se sabe que a película levará o timbre de "boa qualidade". O exibidor prontifica-se a lançar o filme em um de seus curto-circuitos. Entrega algumas fotografias de "5 minutos" a um rapazinho bem relacionado na imprensa, que se encarregará da publicidade, em troca de alguns níqueis, e os jornais abrem a boca, em troca de um anúncio de 3 colunas, para apregoar as "super-produções" aqui realizadas, que marcarão a "nova fase" do cinema indígena...



Paul Henreid, Joan Bennett e a cicatriz...

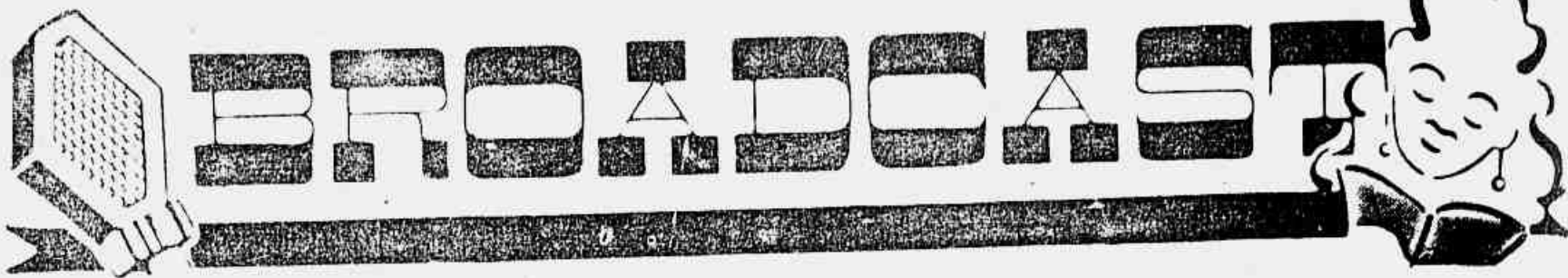
PAUL HENREID, PRODUTOR

Paul Henreid, ator austríaco viu seu nome brilhar em Hollywood. Sua personalidade angariou, logo no primeiro filme, uma legião enorme de fãs, que até hoje o aplaude e admira. Contracenou ao lado das mais famosas artistas do écran, em películas de indiscutível valor artístico, como "Estranha Passageira", com Bette Davies; "Casablanca", com Ingrid Bergman; "Viveremos Outra Vez", com Ida Lupino; "Um Passo Além da Vida", com Eleanor Parker; "Que o Céu a Condene", com Davies; "E as Luzes Brilharão Outra Vez", com Michèle Morgan, etc. Se não me engano, sua última película foi "Sonata de Amor", aquela débil biografia cinematográfica do compositor Schuman.

Parece que não ficou muito satisfeito, e desapareceu do cartaz. Mas Paul não abandonou o cinema em absoluto. Brevemente ele reaparecerá ao lado da Jean Bennett e Leslie Brooks, em "A Cicatriz", da Eagle-Lion. Trata-se de um celulóide de "suspense" e misterio, que encerra em si uma drama comovente de amor. Henreid vive a figura de um homem cuja tragédia se concentrava na marca que lhe ficara gravada no rosto. Como ator, não discutimos as qualidades de mr. Henreid; resta-nos saber se sua estréia como produtor será bem recebida, pois é bem possível que se tenha deixado influenciar pelas concessões geralmente feitas à bilheteria.

Cenas de "A Cicatriz", drama psicológico que marca a volta do ator Paul Henreid ao cinema e sua estréia como produtor. A loura é Leslie Brooks





"NADA ALÉM DE DOIS MINUTOS"

Alguém já afirmou que de Paulo Roberto só se pode esperar bons programas, compreendendo o critério que norteia seus atos e ações no "broadcasting" nacional. De fato, o produtor de "Obrigado, doutor!", seguindo as diretrizes preconizadas pelo mestre Requete Pinto, procura fazer um rádio popular sem conduzir para o lado da chanchada. Através de suas realizações radiofônicas, o ouvinte aprende, sem se ver presa do cansaço, a que conduzem alguns dos "broadcasts" em uso. É que Paulo Roberto, auscultando a palavra de seus ouvintes, não se deixa influenciar pelos palpitos funestos do patrocinador. Seu cérebro é o único a trabalhar em função do programa que lhe cabe a responsabilidade de produzir. Assim acontece com o delicioso "Nada além de dois minutos", em que um mundo de coisas

úteis e interessantes chega à residência do ouvinte, levadas pelas poderosas ondas de Hertz. Cartaz de pequena duração, para o muito que localiza, "Nada além de dois minutos" preenche sua verdadeira finalidade, arrancando-nos daquela inércia a que nos conduzem a maioria dos programas dominicais. Feito para instruir e divertir, essa atração da PRE-8, tem aumentando o mérito, os escolhidos números musicais que, com frequência, se intercalam entre uma fala e outra. Reunindo material de interesse coletivo, Paulo Roberto conseguiu fazer de "Nada além de dois minutos", uma audição obrigatória para os que desejam aprender sem prejuízo do tempo. Em menos de meia hora, uma série de assuntos interessantes desfila ante nossos ouvidos, conduzido pela sobriedade e leveza que o produtor de "Obrigado, doutor!" sabe dar a tudo quanto sai de sua pena. E quanto de novo e curioso ficamos sabendo, graças à comarcação que Paulo Roberto tem do que seja rádio! — A. MIGUELIS.

CALIFORNIA EM FESTA

Cantão

Nelson Teixeira e Santos Rodrigues

Num dia de festa
Sai do meu rancho
Tocando o meu banjo
Esta valsa cantando
Fui a Califórnia
Ver minha Diana
Aquele Arizona
De lá do Arizona

Ninguém na cidade
Deixou de rodar
Um passo pra lá
Outro passo pra cá
Até o Cherife
Também quis dançar
E a valsa agradou
Naquela lugar
Bateram palmas, (pá... pá...)
Pediram bis
Diana chegou
Me ajudou a cantar
Bateram palmas, (pá... pá...)
Pediram bis
Diana chegou
Senti-me feliz.

MADRUGADA

(Samba)

De Evaldo Rui e Herivelto Martins

Madrugada, reto de noite...
Clarim que anuncia
Um novo dia!
Madrugada, que encontra o poeta
Na rua deserta
A versejar...
Namorados que voltam das festas
Fazendo serestas
A luz do arrebol!
Madrugada, dos guardas-noturnos,
Boêmicos noturnos,
Que sonham com o sol!

Madrugada,
Cafarés fechados,
Casais agitados
Que a noite formou...
Madrugada
Das rixas sentimentais,
Nas ruas barrentas
Onde a lei não chegou...
Madrugada do homem banal,
Que compra jornal
E as notícias não lê...
Madrugada,
O poeta boêmio
Desse per prêmio
Viver com você!

BOA NOITE, COMO PASSOU

(Samba)

Gil Lima — José Batista

I
Alguém me cumprimentou
Ea noite, como passou,
Respondi
Eu não passo tão bem
Quanto passa o senhor
Vivo recordando
E meu lar abandonado
Tenho o coração ferido
A lembrança feliz do passado.

II
Quando este alguém perguntou-me
Qual era a razão
Da minha nostalgia
Eu respondi com tristeza,
Quem sente saudades
Não tem alegria
Ele então olhou para mim
Abraçou-me e respondeu:
Vamos tomar uma taça
Que o seu sofrimento
É bem igual ao meu.



ISMENIA DOS SANTOS tem, em "Raquel e os dois anjinhos", um dos mais destacados papéis de sua carreira. Ela tem na obra humana, tão ao gosto do público ouvinte, a marca viva da pena Giuseppe Artidoro Chiaroni.

SOCIAIS RADIOFÔNICAS

Está sendo aguardada a visita da cantora no ar de Luis Barrera, que é a âncora à testa de "Disc Jockey" e "Palavra de Sucessos", dois interessantes programas musicais para o Globo. * Cupido deu parabéns com a realização do enlace matrimonial de Amélia Ferreira, momento de proteção no cast de teatro, cujo da PRE-8, fato esse ocorrido na noite do corrente. * Dircinha Batista, querida intérprete de nossas melodias populares, festejou a passagem do seu aniversário natalício no dia sete do corrente mês, sendo alvo de estrondosa manifestação de apreço por parte de seus colegas de emissora. * Também a radiatriz Graziela Ramalho, comemorou no dia cinco do corrente, seu aniversário natalício.

SAIBA...

...que Urbano Lóes, Nair de Barros e Luiz Sampson frequentam, presentemente, a Faculdade de Direito.

...que Túlio de Lemos, considerado o "baixo" mais alto do Brasil, trocou as funções de cantor pelas de relator, produzindo programas para uma das principais emissoras bandeirantes.

...que Lida Eastiani, ora integrando uma das companhias teatrais, fez seu debut radiofônico na qualidade de integrante da orquestra feminina de Maria Amélia.

...que Otávio Henrique de Oliveira é, radiofonicamente, esse incorrigível Black-out, intérprete de dois sucessos absolutos no carnaval que passou.

...que Wolner Camargo, independente de sua atuação ao microfone da Globo, dedica-se ao estudo de odontologia.

OUTRA NOVELA

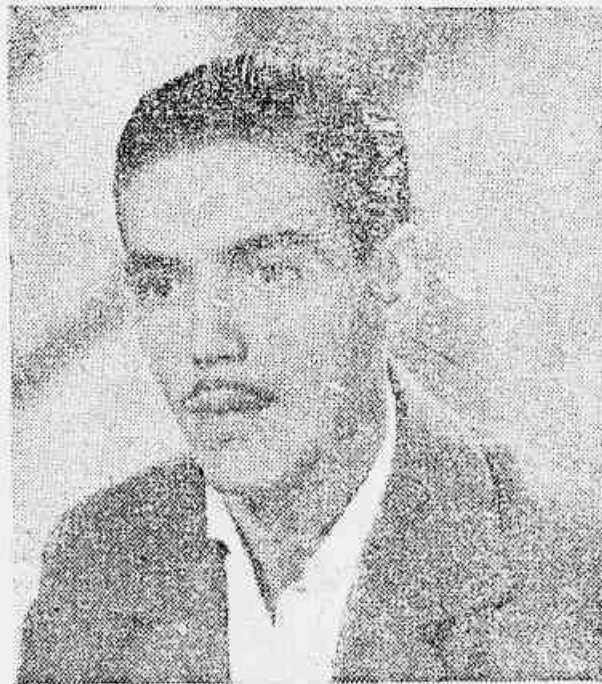
"Raquel e os dois anjinhos", é uma novela de Giuseppe Artidoro Chiaroni, produtor exclusivo da Rádio Nacional. Respondendo pelo êxito de "Tancredo e Trancafo", "Romance Musical", "O

lado claro da vida", esse radialista encontra tempo para produzir histórias em capítulos, a maioria das quais, tem alcançado ímpetu suculento, como no caso da novela "Mê", que o cinema aproveitou para uma de suas produções. Esse mesmo trabalho foi pôto em livro, constituindo autêntico "best-seller".

"Raquel e os dois anjinhos" encenou em Florianópolis e Ipanema dos Santos dois grandes intérpretes. Além disso, o lado humano desta história, preenche a quantos apreciam os romances de amor. Lá, poder Charoni contar com mais uma vitória em sua carreira de novelista.

VAGA PARA UM

Cesar de Barros Barreto, que responde pelo preparo de "Assisti de Camarote" e "Câmara dos Veranáculos", está ao que se informa, de malas prontas para mudar de prefixo. É tão certo o seu ingresso no quadro de redatores da PRE-8, onde irá aliar-se a Max Nunes, Leônidas Marques, Fernão de Lobo, Oranice Franco, Nector de Holanda e Acir Lechat. A confirmar-se a notícia, ganha a Nacional um elemento de escultor, e histórias que são as suas produções. Principalmente, as que se referem ao gênero humorístico.



VOLNER CAMARGO, que vezes já se habituara a ouvir participando das novelas de Amaral Gurgel, Raimundo Lopes e Pedro Veiga, entra, no momento, a Escola de Odontologia.

PREFERÊNCIAS...

Perguntaram a Sagramor de Severo, exclusiva da Rádio Globo, qual o programa humorístico de sua preferência. "Prefiro — respondeu a representante do FTE na Câmara Municipal — o programa de Lauro Borges e Castro Barbosa, que todos conhecem como PRK-30".

Cezé Fonseca, por sua vez, indagada sobre a preferência no teatro, não hesitou em afirmar que considera O-carito o maior cômico do Mundo, razão de não perder um de seus trabalhos, quer no cinema, quer no teatro.

DEPOIMENTO

Ercelli Filho, sintetizando todo um assunto de importância vital para o "broadcasting" nacional, dá-nos, em breves palavras, seu depoimento sobre o valor do "copywriter".

— Existem agências especializadas, que contratam "copywriter" especialmente

para melhor servir aos seus clientes que anunciam em rádio. O "copywriter" entende do assunto. Trabalha enquadrado em diretrizes sólidas e construtivas. E esse trabalho feito com o cérebro, que vem sanando as metamorfoses de publicidade radiofônica bem feita, digna de chegar até os ouvintes. Sem exageros, sem excessos, colocando apenas as qualidades aos artigos que precisam ser vendidos através daquela sugestão, o redator especializado conduz a coisa para outros prismas. E ainda bem que isso acontece. Porque, embora pareça mentira, há — ou havia! — um programa de notas sociais, numa emissora carioca que aconselha aos ouvintes a compra de carvão... numa carvoaria do Estado do Rio! Chega?

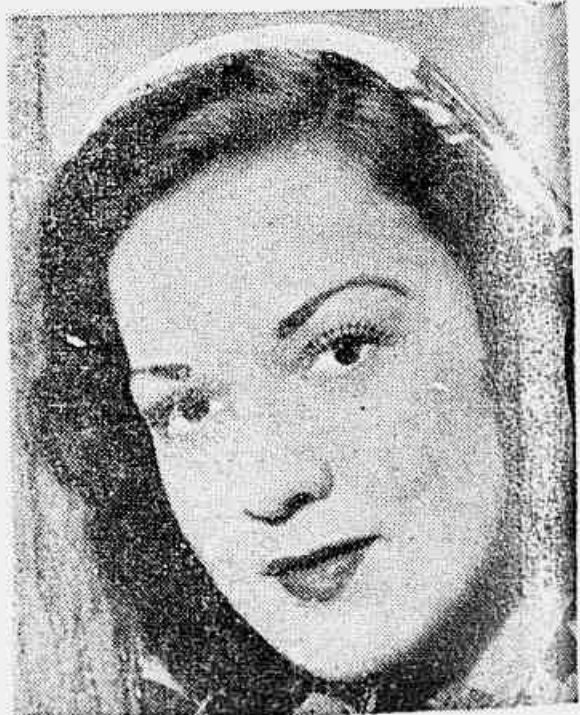
SUPREMACIA

Observa-se uma extraordinária atualidade da música mexicana na programação da Rádio Nacional. Após a temporada de Pedro Vargas, tivemos Elvira Rios, com seus números aztecas. Agora, estamos ouvindo Ana Maria Gonzalez, considerada a maior intérprete do cânone mexicano. Também Gregorio Barrios, por sua vez, está participando das apresentações da PRE-8, cantando as belas melodias da terra de Juárez. Isto, sem contarmos, os dois recitais do nosso amigo Pedro Vargas, levados a efeito nos primeiros dias do mês em curso. Como vêm, a música mexicana está predominando ao microfone da Nacional, fato esse vantajoso para quantos a apreciam.

DOIS NOVOS PROGRAMAS

A Rádio Requete Pinto, na série de novas atrações que acaba de lançar, está apresentando, sob a orientação da professora Alia Pereira Pinto, o programa "Ópera Experimental", através do qual são reproduzidos trechos escolhidos das famosas óperas. A direção desse programa, em sua parte musical, foi confiada ao maestro José Torres.

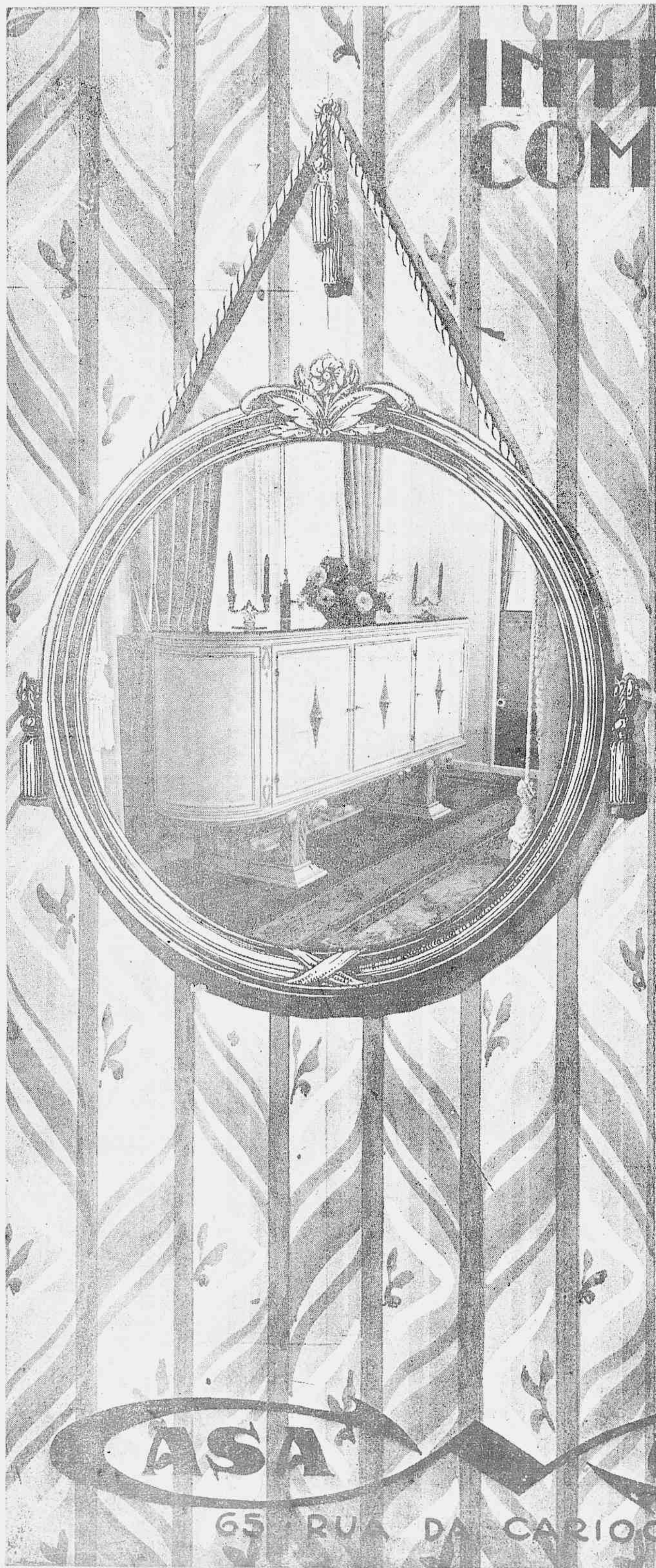
"História Sentimental dos Grandes Compositores", é outra novidade de veterana PRE-5. Confiada sua elaboração ao professor Vicente Tapajós, essa apresentação conta com o concurso do elenco de teatro cego, sob a orientação de Berliet Júnior.



DIRCINHA BATISTA aniversariou, que não por todos, a intérprete máxima de nossa música popular, foi alvo de calorosa manifestação de apreço.

INTERIORES COMPLETOS

MOVEIS
CORTINAS
PASSADEIRAS
TAPETES
TECIDOS



PEÇAM
ORÇAMENTOS

CASA

MINES

65 RUA DA CARIOCA 67



Agora, **PARA ELA E PARA ELE...**



O famoso MIDO MULTIFORT, inseparável companheiro de todas as atividades humanas, apresenta agora, também para senhoras, a sua extraordinária qualidade de "SUPER-AUTOMÁTICO". Esta nova maravilha da relojoaria suíça, na praia como no lar, no trabalho como no esporte, representa o máximo de conforto, elegância e utilidade, tanto para o homem dinâmico quanto para a mulher moderna.



Mido
MULTIFORT

RELÓGIO SUÍÇO COM 17 RUBIS

- ★ 100% IMPERMEÁVEL ★ "SUPER-AUTOMÁTICO"
- ★ PARA-CHOQUES ★ PRECISO ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL ★ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS